

Diversidade sexual e de gênero na academia

JOSÉ PAULO GOMES BRAZÃO
ALFRANCIO FERREIRA DIAS



EDITORA
IBERO-AMERICANA
DE EDUCAÇÃO



Este livro apresenta uma compilação de trabalhos sobre o conhecimento de conceitos relativos a sexo e gênero de ex-estudantes dos cursos de formação de professores, em duas universidades: Universidade da Madeira (UMa, Portugal) e Universidade Federal de Sergipe (UFS, Brasil). Não é a discussão sobre gênero que constitui a mudança de paradigma. É a possibilidade, sob a lente da interseccionalidade se conseguir desocultar poderes convencionados e desbloquear práticas pedagógicas que aproximem o ativismo social ao debate académico, entre nós ainda no início.



Diversidade sexual e de gênero na academia

Organizadores

José Paulo Gomes BRAZÃO
Alfrancio Ferreira DIAS

Apoio

DINTER
Programa de Doutorado Interinstitucional

UFCG
Universidade Federal de Campina Grande

UFS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

UNIVERSIDADE da MADEIRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brazão, José Paulo Gomes
Diversidade sexual e de gênero na academia [livro eletrônico] / José Paulo Gomes Brazão, Alfrancio Ferreira Dias. -- Bauru, SP : Editora Iberoamericana de Educação, 2022.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-86839-07-4

1. Diversidade sexual 2. Identidade de gênero na educação 3. LGBTQIA - Siglas 4. Sexualidade - Abordagem educacional I. Dias, Alfrancio Ferreira. II. Título.

22-126011 CDD-371

Índices para catálogo sistemático:

1. Gênero e diversidade sexual : Educação 371

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ISBN: 978-65-86839-07-4

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

DOI: 10.47519/EIAE.978-65-86839-07-4



Equipe Técnica
Editoração e organização

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor

Alexander Vinicius Leite da Silva
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor Assistente

Profa. Dra. Laís Donida
Profa. Dra. Sandra Pottmeir
Profa. Me. Mariana Bulegon da Silva
Profa. Me. Thaís Vargas Bizelli
Revisoras de língua portuguesa e científica

Marcus Vinicius Tomasi Cruz
Editora Ibero-Americana de Educação
Assistente de diagramação

Matheus Guilherme Prudente
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer

ISBN: 978-65-86839-07-4

EDITORA IBERO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO

Membros do Conselho Editorial

Editor

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz
Editora Ibero-Americana de Educação,
Instituto PECEGE/USP-Esalq

Editores Associados

Arielly Kizzy Cunha
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC/Unesp

Carla Gorni
Centro Universitário UBM

Ivan Fortunato
Instituto Federal de São Paulo/Ufscar

Thaís Vargas Bizelli
Faculdade de Ciências e Letras (Unesp)

Editor Assistente

Alexander Vinícius Leite da Silva
Unisagrado

Assistentes Editoriais

Pâmela Garcia dos Santos
Marcus Vinícius Tomazi Cruz

Assessoria Jurídica

Elvis de Souza Baldoino

Comitê Científico

Dra. Adriana Campani
UVA

Dr. Alfrancio Ferreira Dias
UFS

Dra. Ana Paula Santana
UFSC

Me. Anaisa Alves de Moura
INTA - UNINTA

Dr. Ari Raimann
UFG

Dr. Breynner R. Oliveira
UFOP

Me. Caique Fernando da Silva Fistarol
FURB

Dra. Claudia Regina Mosca Giroto
Unesp

Dra. Cyntia Bailer
FURB

Dr. Eládio Sebastián Heredero
UFMS

Dra. Elisabete Cerutti
URI

Dr. Emerson Augusto de Medeiros
UFERSA

Dr. Fabiano Santos
UFMS

Dra. Fátima Elisabeth Denari
UFSCar

Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira
UFRJ

Dra. Iracema Campos Cusati
UPE

Dr. José Luís Bizelli
FCLAr (Unesp)

Me Kaique Cesar de Paula Silva
USP - Uninove

Dra. Kellcia Rezende Souza
UFGD

Me. Lais Donida
UFSC

Dra. Leonor Paniago Rocha
UFJ

Dra. Liliane Parreira Tannus Gontijo
UFU

Dra. Luci Regina Muzzeti
FCLAr – Unesp

Dra. Maíra Darido da Cunha
FABE

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
UCP

Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
UCS

Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
FCLAr (Unesp) – UFSCar

Dra. Marta Furlan de Oliveira
UEL

Dra. Marta Silene Ferreira de Barros
UEL

Dra. Mirlene Ferreira Macedo Damázio
UFGD

Dr. Osmar Hélio Araújo
UFPB

Dra. Rosebelly Nunes Marques
Esalq (USP)

Dra. Sandra Pottmeier
UFSC

Dr. Sebastião de Souza Lemes
FCLAr (Unesp)

Dra. Shirlei de Souza Corrêa
Uniavan

Dr. Sidclay Bezerra de Souza
Universidad Católica del Maule (UCM)

Dr. Washington Cesar Shoite Nozu
UFGD

EDITORA IBERO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO

Editorial

No país com um dos maiores índices de feminicídio, transfobia e homofobia, é de extrema relevância expor, trazer à luz e disseminar conhecimentos que nos auxiliem em compreensões mais abrangentes acerca das subjetividades e vivências múltiplas e diversas que existem e resistem em nossa sociedade. Diante da necessidade de explanar informações sobre o que vem acontecendo e, de alguma forma, contribuir para a melhoria da experiência universitária, compilamos esta obra.

Quando pensamos na academia, imaginamos um lugar aberto para que cada cidadão desenvolva suas habilidades e competências em uma área específica. Entretanto, alguns grupos são subvalorizados mesmo no ambiente acadêmico, por exemplo, as minorias sociais. Vemos que alguns grupos se tornam invisíveis aos olhos da nossa sociedade. Grupos esses que são ignorados ou privados de oportunidades na maioria dos meios em que estamos inseridos. Diante da necessidade de explanar informações sobre o que vem acontecendo e, de alguma forma, contribuir para a melhoria da experiência universitária, compilamos esta obra.

Enquanto as pautas acerca das diversidades humanas ainda se mostram como um tabu dentro das esferas de poder, é dever universidade enquanto formadora de opiniões – através de estudos e dados –, estimular o pensamento e os questionamentos. Por isso, a presente obra atua como um farol que nos guia e nos ilumina sobre temas como: gênero, sexualidade e as diversas formas de existência. Para essas questões e grupos sociais, debater e a pesquisar esses assuntos é de extrema relevância para o convívio social como um todo. Tal discussão é fundamental para a saúde humana e para que se faça jus as leis de direitos humanos, assegurando os direitos e integridade de todas e todos. Isso, sem distinção de gênero, sexualidade, raça ou classe social.

Dito isso, o conhecimento é a chave para o combate às desigualdades e ignorâncias que permeiam em nossa sociedade. Por isso, a obra "Diversidade sexual e de gênero na Academia" é uma das chaves que proporcionará a todas e todos que a lerem, uma expansão de seus horizontes que, consequentemente, nos assiste a enxergar um espectro maior e mais colorido presente em nosso círculo social. Com respeito e reconhecimento, espero que juntas e juntos consigamos, desconstruir velhas muralhas e dar continuidade nos debates e pensamentos apresentados neste livro.

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz
Editor

Alexander Vinícius Leite da Silva
Editor Assistente

Matheus Guilherme Prudente Coelho
Designer

Diversidade sexual e de gênero na academia



José Paulo Gomes Brazão
Doutor em Educação na área de Inovação Pedagógica (2008) pela Universidade da Madeira (UMa) – Portugal. Pós-doutor em Educação na linha de pesquisa de Educação e Diversidade (2022) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Brasil. Professor e Investigador sénior na área científica de Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira. Membro Associado do Centro De Investigação Em Educação Da Universidade Da Madeira - FCT - PEst-OE/CED/UI4083/2014 – Portugal. Membro Associado ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas (UFS). Correio eletrônico: jbrazao@staff.uma.pt
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3575-4366



Alfrancio Ferreira Dias
Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-doutor pela University of Warwick (2018) – Reino Unido. Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Brasil. Líder do ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Correio eletrônico: diasalfrancio@academico.ufs.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5562-0085

Bauru
2022

EDITORA IBERO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO

Agradecemos a Universidade Federal de Campina Grande pelo financiamento desta obra por meio do convênio do Projeto de Doutorado Interinstitucional em Educação - DINTER/PPGED/UFS/UFCG.

Aos ex-estudantes e estudantes do curso de mestradoem Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da UMa.

Aos ex-estudantes e estudantes dos cursos de Graduação em Pedagogia da UFS, no Campus de São Cristóvão e no Campus de Itabaiana.

Sumário

015 Prefácio

023 Apresentação

029 A importância das relações de gênero e do corpo na escola para a promoção de culturas inclusivas nas práticas pedagógicas

037 O que dizem os estudantes sobre gênero

049 O que dizem os estudantes sobre papel de gênero

061 O que dizem os estudantes sobre gênero não-binário

077 O que dizem os estudantes sobre orientação sexual

091 O que dizem os estudantes sobre pessoa transsexual

107 O que dizem os estudantes sobre intersexo

121 As iniciativas de promoção das discussões de gênero e diversidade sexual no contexto acadêmico

133 Na continuidade deste estudo

137 Referências

149 Apêndice

Prefacio

Este libro pretende ser una herramienta útil y de trasformación social, en la inclusión de las diversidades sexo-genéricas en la universidad, y ayudar a reflexionar conjuntamente sobre por qué todas las personas tenemos un papel clave en el cambio social para lograr la igualdad, la inclusión y el reconocimiento de las personas LGBTIQ+. El respeto por la diversidad sexo-genérica es un elemento de valor democrático y de riqueza social en cuya inclusión está implicada toda la ciudadanía. En las siguientes páginas se fomenta la igualdad de derechos, las libertades y el pleno reconocimiento social de todas las personas LGBTIQ+, el respeto y el cumplimiento de los derechos de las personas lesbianas, gais, trans, bisexuales e intersexuales, como ciudadanas y ciudadanos de pleno derecho en sociedades democráticas.

Al mismo tiempo, queremos resaltar que no podemos olvidar que la visibilidad y la promoción de los derechos en materia de diversidades sexo-genéricas no son exclusivas de las personas LGBTIQ+, sino que nos benefician al conjunto de la ciudadanía en una sociedad democrática y, por ende la escuela debe ser un espacio libre de LGBTIQfóbias. A tenor de lo expuesto, es necesario para seguir avanzando, reflexionar que todas las personas somos diversas y visibilizar la multiplicidad y la variedad de la sexualidad, las cuales todas sus diversas expresiones son iguales y válidas y seguir construyendo una universidad libre.

En las sucesivas páginas, a través de varios capítulos, se muestran una amplia visión mediante la participación a través de las declaraciones de antiguos estudiantes universitarios de la Universidad de Madeira (Portugal) y de la Universidad Federal de Sergipe (Brasil), sobre sexualidad y género. Mediante esta comparativa se plantea un camino pedagógico alternativo, para transcender la normalización, la exclusión y la intolerancia que se trasmiten en los espaciosacadémicos con respecto a las diversidades sexogenéricas.

A partir de la óptica de la inclusión y la transformación social, desde un enfoque interdisciplinar establecemos con el presente texto una visión integral y global que contemple, en un plano de igualdad, las distintas modalidades de la sexualidad humana y más en concreto, las diferentes orientaciones sexuales e

identidades de género. Por lo tanto, es necesario mostrar una realidad mediante la propia voz y experiencia de los estudiantes universitarios, donde existan múltiples masculinidades y feminidades y hacerlas visible, contribuyendo a la inclusión de las diversidades sexo-genérica en la sociedad.

Estamos frente a un libro el cual apuesta por el modelo de universidad inclusiva con el alumnado LGBTIQ+, que hace efectivo los derechos a la educación, la igualdad de oportunidades y a la participación equitativa, ya que no lleva a cabo selección o discriminación de ningún tipo. La diversidad es un valor positivo que se debe aprender a valorar desde las etapas iniciales del sistema educativo, la escuela debe abarcar las diversidades sexo- genéricas para aprender a vivir en sociedad y prevenir discriminaciones y abusos que generan sufrimiento, desigualdad y conflictos. La Universidad, como garante de la calidad y de la inclusión educativa, tiene la responsabilidad de reconocer la diversidad y por tanto la diversidad sexo- genérica.

Los autores nos planten la ruptura del sistema educativo imperante, de carácter heterosexista, que sólo contempla como modelo referente la heterosexualidad. Con ello oculta intencionadamente la diversidad afectivo-sexual, invisibilizándola y excluyendo a todo el alumnado que no desempeña los roles imperantes ajustados a la heteronormatividad.

El presente libro nos invita a escuchar a los estudiantes de las dos universidades, los cuales nos invitan a no seguir pensando el mundo como un juego de dualidades, sino que tiene que repensarse como una multiplicidad de identidades y de grupos heterogéneos, como una deslumbrante muestra de complejidades individuales. Es necesario, por tanto, establecer una visión educativa apoyada por políticas públicas desde los gobiernos que contemple, en un plano de igualdad, las distintas modalidades de la sexualidad humana y más en concreto, las diferentes orientaciones sexuales, mostrar una realidad y hacerla visible, contribuyendo a la inclusión social de la diversidad sexo-genérica en el ámbito académico.

Tras la introducción en el primer capítulo, se plantea la importancia de las relaciones de género y el cuerpo en la escuela para la promoción de culturas inclusivas en las prácticas pedagógica. Se plantea necesario trabajar desde una perspectiva del respeto hacia la riqueza que nos muestra la diversidad sexo-genérica y para ello, desde la inclusión, debemos realizar un enfoque el cual está basado en la igualdad de derechos a todas las personas LGBTIQ+.

Seguidamente lo que dicen los estudiantes sobre el género. La naturaleza

socialmente construida del género legitimó un sistema de relaciones sociales de dominación y subordinación a lo largo de la historia con desigualdades de poder material y simbólico entre hombres y mujeres. Las discusiones sobre género en el espacio académico son fundamentales fomentar la renovación conceptual sobre la inclusión sexual y de género en las diversas dimensiones organizacionales de las instituciones

Posteriormente se centra en lo que dicen los estudiantes sobre el papel del género. Es necesario cartografiar sobre el término subversión de género, el cual surge como un proceso continuo de resistencia de sujetos considerados identidades minoritarias en la reinvención de realidad que los oprime.

A continuación se plantea la visión de los estudiantes sobre el género no binario. El género no binario se presenta como una identificación fuera del sistema en su lugar porque se entiende fuera del modelo binario, en un discurso de la discontinuidad frente al modelo estándar, considerado el determinante y único para la identificación de los individuos.

El siguiente capítulo nos muestra la opinión de los estudiantes sobre la orientación sexual. Las posibilidades diversificadas de vivir los placeres y deseos del cuerpo, las diferentes masculinidades y feminidades son históricamente y punto de vista social, más afirmativo y más explícito, aunque no intentos de regular por parte de quienes sentir esta acción como una amenaza.

Posteriormente se plantea la opinión de los estudiantes sobre las personas trans. Sabemos que la presencia de estudiantes y docentes transexuales y travestis en las universidades está aumentando en los últimos años. Y esta presencia genera cuestionamiento y desestabilización de las normas de género, desencadenar negociaciones con respecto a discusiones y experiencias de género y sexualidades en el currículo.

Consecutivamente lo que dicen los estudiantes sobre la intersexualidad La diversidad sexual y de género ha sido objeto de debate y lucha social política en materia de derechos humanos. El tema de la intersexualidad ya está conectado con el acrónimo LGBTI (lesbiana, gay, bisexual, transgénero, intersexual) y presenta la intersexualidad como el componente biológico de un individuo que tiene un estado intersexual.

El capítulo que continúa nos plantea interesantes iniciativas para promover la discusión y la diversidad sexual en el contexto académico, partiendo del debate sobre temas de relaciones de género y diversidad sexual son muy actuales en los

movimientos sociales. Sin embargo, en el campo de la educación hay invariantes culturales presentes en los ambientes escolares y académicos, responsables de la inacción para cambiar y mejorar estos contextos. Del análisis de los resultados, se refleja que las razones por las los participantes de la investigación consideran importante participar en/en iniciativas para la inclusión de la diversidad sexual y de género en la académico fue percibido desde el fenómeno de promover la inclusión como derecho y garantía de los ciudadanos, en la calidad de vida y el bienestar Social.

Podemos decir que este libro no finaliza, pues los autores nos interpelan a seguir en la continuidad de este estudio, pues pretenden explicar las acciones prácticas y otras medidas normativas a nivel pedagógico y/u organizativo que promuevan culturas inclusivas en los dos contextos estudiados; identificar los factores coadyuvantes de la coeducación, competidores de una nueva paradigma educativo para prácticas pedagógicas inclusivas; discutir de políticas educativas comparativamente inclusivas sobre el respeto a la experiencia y expresión natural de la sexualidad y el género. Centrados en los actores que pueden promover la deconstrucción de cultura actual, con el fin de introducir nuevos elementos culturales a praxis en temas de sexo y género en la academia.



Dra. Begoña Sánchez Torrejón
(Universidad de Cádiz)
Codirectora del Observatorio Andaluz
de diversidades sexogenéricas, salud y ciudadanía
(DIVERSACI)

Prefácio

Este livro tem como objetivo ser uma ferramenta útil e transformação social, na inclusão de diversidades sex-genéricas na universidade, e ajudar a refletir juntos sobre porque todas as pessoas têm um papel fundamental na mudança social para alcançar a igualdade, inclusão e reconhecimento das pessoas LGBTQIA+. O respeito à diversidade sexual-genérica é um elemento de valor democrático e riqueza social em cuja inclusão todos os cidadãos estão envolvidos. As páginas a seguir promovem direitos iguais, liberdades e reconhecimento social pleno de todas as pessoas LGBTQIA+, respeito e cumprimento dos direitos das pessoas lésbicas, gays, trans, bissexuais e intersexuais, como cidadãos de plenos direitos nas sociedades democráticas.

Ao mesmo tempo, queremos enfatizar que não podemos esquecer que a visibilidade e a promoção de direitos em termos de diversidades sex-genéricas não são exclusivas das pessoas LGBTQIA+, mas beneficiam todos os cidadãos em uma sociedade democrática e, portanto, a escola deve ser um espaço livre de LGBTQIfobias. À luz do exposto, é necessário continuar avançando, refletir que todas as pessoas são diversas e tornar visível a multiplicidade e variedade de sexualidade, que todas as suas diversas expressões são iguais e válidas e continuar construindo uma universidade livre.

Nas sucessivas páginas, através de diversos capítulos, uma visão ampla é mostrada através da participação através das declarações de ex-universitários da Universidade da Madeira (Portugal) e da Universidade Federal de Sergipe (Brasil), sobre sexualidade e gênero. Por meio dessa comparação, propõe-se um caminho pedagógico alternativo, para transcender a normalização, exclusão e intolerância que são transmitidas em espaços acadêmicos em relação às diversidades sexo-genéricas.

Na perspectiva da inclusão e da transformação social, a partir de uma abordagem interdisciplinar estabelecemos com este texto uma visão abrangente e global que contempla, em igual nível, as diferentes modalidades da sexualidade humana e, mais especificamente, as diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Portanto, é necessário mostrar uma realidade através da própria voz e

experiência dos universitários, onde há múltiplas masculinidades e feminilidades e torná-las visíveis, contribuindo para a inclusão de diversidades sexo-genéricas na sociedade.

Estamos diante de um livro que está comprometido com o modelo de universidade inclusiva com alunos LGBTQIA+, que efetiva os direitos à educação, igualdade de oportunidades e participação igualitária, uma vez que não realiza seleção ou discriminação de qualquer tipo. A diversidade é um valor positivo que deve ser aprendido a valorizar a partir das fases iniciais do sistema educacional, a escola deve cobrir as diversidades sex-genéricas para aprender a viver em sociedade e prevenir a discriminação e o abuso que geram sofrimento, desigualdade e conflitos. A Universidade, como garantidora da qualidade e da inclusão educacional, tem a responsabilidade de reconhecer a diversidade e, portanto, a diversidade sexo- genérica.

Os autores propõem a ruptura do sistema educacional vigente, de natureza heterosexista, que contempla apenas a heterossexualidade como modelo de referência. Com isso, esconde intencionalmente a diversidade afetivo-sexual, tornando-a invisível e excluindo todos os alunos que não desempenham os papéis predominantes ajustados à heteronormatividade.

Este livro nos convida a ouvir os alunos das duas universidades, que nos chamam a não continuar pensando no mundo como um jogo de dualidades, mas tem que ser repensado como uma multiplicidade de identidades e grupos heterogêneos, como uma amostra deslumbrante de complexidades individuais. É necessário, portanto, estabelecer uma visão educativa apoiada por políticas públicas de governos que contemplem, em pé de igualdade, as diferentes modalidades da sexualidade humana e, mais especificamente, as diferentes orientações sexuais, mostrar uma realidade e torná-la visível, contribuindo para a inclusão social da diversidade sexual-genérica no campo acadêmico.

Após a introdução no primeiro capítulo, levanta-se a importância das relações de gênero e do corpo na escola para a promoção de culturas inclusivas nas práticas pedagógicas. É preciso trabalhar a partir de uma perspectiva de respeito à riqueza demonstrada pela diversidade sexual-genérica e para isso, a partir da inclusão, devemos realizar uma abordagem baseada em direitos iguais para todas as pessoas LGBTQIA+.

Aqui está o que os alunos dizem sobre gênero. A natureza socialmente construída de gênero legitimou um sistema de relações sociais de dominação e

subordinação ao longo da história com desigualdades de poder material e simbólico entre homens e mulheres. As discussões sobre gênero no espaço acadêmico são fundamentais para promover a renovação conceitual sobre inclusão sexual e de gênero nas diversas dimensões organizacionais das instituições.

Em seguida, foca-se no que os alunos dizem sobre o papel do gênero. É necessário mapear o termo subversão de gênero, que surge como um processo contínuo de resistência de sujeitos considerados identidades minoritárias na reinvenção da realidade que os oprime.

Adiante, temos a visão dos alunos sobre o gênero não binário que é apresentado como identificação fora do sistema, pois é entendido fora do modelo binário, em um discurso de descontinuidade versus modelo padrão, considerado o determinante e único para a identificação dos indivíduos.

O próximo capítulo nos mostra a opinião dos alunos sobre orientação sexual. As possibilidades diversificadas de viver os prazeres e desejos do corpo, as diferentes masculinidades e feminilidades são historicamente e sociais, mais afirmativas e mais explícitas, embora não tentem regular por aqueles que sentem essa ação como uma ameaça.

Posteriormente, a opinião dos estudantes sobre pessoas trans é levantada. Sabemos que a presença de estudantes e professores transgêneros e travestis nas universidades está aumentando nos últimos anos. E essa presença gera questionamentos e desestabilização das normas de gênero, desencadeando negociações sobre discussões e experiências de gênero e sexualidades no currículo.

A diversidade sexual e de gênero tem sido objeto de debate e luta social política sobre os direitos humanos. A questão do intersexual já está ligada à sigla LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais) e apresenta o intersexo como componente biológico de um indivíduo que tem um status intersexual.

O capítulo que nos apresenta iniciativas interessantes para promover a discussão e a diversidade sexual no contexto acadêmico, a partir do debate sobre questões de relações de gênero e diversidade sexual, são muito atuais nos movimentos sociais. No entanto, no campo da educação há ininterruptas culturas presentes nos ambientes escolares e acadêmicos, responsáveis pela inação para mudar e melhorar esses contextos. A partir da análise dos resultados, reflete-se que as razões pelas quais os participantes da pesquisa consideram importante participar/em iniciativas para a inclusão da diversidade sexual e de gênero no acadêmico foram percebidas a partir do fenômeno de promoção da inclusão como

direito e garantia dos cidadãos, na qualidade de vida e bem-estar social.

Podemos dizer que este livro não termina, pois os autores nos desafiam a continuar na continuidade deste estudo, visto que, pretendem explicar as ações práticas e outras medidas normativas no nível pedagógico e/ou organizacional que promovam culturas inclusivas nos dois contextos estudados; identificar os fatores contribuintes da coeducação, concorrentes de um novo paradigma educacional para práticas pedagógicas inclusivas; discutir políticas educacionais comparativamente inclusivas sobre o respeito à experiência natural e expressão da sexualidade e gênero. Focado em atores que possam promover a desconstrução da cultura atual, a fim de introduzir novos elementos culturais à práxis em questões de sexo e gênero na academia.



Dra. Begoña Sánchez Torrejón
(Universidade de Cádiz)
Codiretora do Observatório Andaluz
de diversidades Sexual-Genéricas,
Saúde e Cidadania (DIVERSACI)

Apresentação

Este livro descreve o desenho de uma pesquisa qualitativa, comparada em dois contextos acadêmicos, situados na Universidade da Madeira (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe (Brasil), sobre diversidade sexual e de gênero[1].

Os conceitos de sexualidade e de gênero apresentam tensões permanentes e estão em constante negociação social. Embora coexistam diferentes conceptualizações sobre gênero, advindas da perspetiva essencialista, da perspetiva determinista ou mesmo a perspetiva naturalizante, a visão performativa de Judith Butler tem ganho maior discussão. Para a autora a performatividade – e não apenas a performance – é o elemento que conduz as pessoas na experienciação de gênero e sexo (BUTLER, 2017).

O gênero é o resultado da regulação entre a psique (interna) e a aparência (externa). Assim, ele é performativo no sentido em que sofre condicionamento por relações de poder que regulam e hierarquizam as diferenças dentro da lógica binária. Os indivíduos em contexto social agem uns sobre os outros num sistema real que hierarquiza de forma coerciva, com atos repetidos e ritualizados, regras sociais, tabus, proibições, ameaças punitivas, fazendo com que os sujeitos reproduzam uma matriz de gênero estável de masculinidade e de feminilidade (BUTLER, 2002).

Dessa forma, não se consegue conhecer a componente verdadeira do gênero em cada um, pois a perceção já está condicionada pela performatividade reiterada nas normas que precedem os indivíduos, nos contextos onde se encontram (BUTLER, 2002).

As relações entre o sexo e o gênero não se constituem de um único modo, mas sim num leque complexo de atos de vivência, dentro da transitabilidade dos contextos sociais em que as pessoas se encontram.

Desse modo, ao se valorizar- os atos de vivência, se obtém múltiplas visões sobre a construção das identidades e das subjetividades. A diversidade é então o termo mais certo para tratar estes temas e por esse motivo importa trabalhar dois aspetos fundamentais: o direito individual de afirmação, pois cada pessoa deve ter

1 - A apresentação encontra-se publicada em https://bra.in/7vA6Q3

a liberdade de realizar a sua performatividade sexual e de gênero, e; o segundo aspeto é a consciência social sobre o modo como cuidar das múltiplas formas de expressão da sexualidade e do género, ou seja, da existência de políticas educativas inclusivas sobre diversidade sexual e de género.

A partir do exposto, o nosso objeto de estudo é corporizado pelas enunciações dos ex-estudantes universitários da Universidade da Madeira (Portugal) e da Universidade Federal de Sergipe (Brasil), sobre a diversidade sexual e de gênero e isso permitiu-nos trabalhar os seguintes objetivos: conhecer as enunciações dos ex-estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade da Madeira; comparar as enunciações dos ex-estudantes universitários dos dois contextos estudados.

Para operacionalizar esta pesquisa formulamos a questão: Que enunciações apresentam os ex-estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade da Madeira, sobre a diversidade sexual e de gênero?

Optamos pela metodologia qualitativa de natureza exploratória para o desenvolvimento desta pesquisa. Definimo-la como um estudo de caso (STAKE, 2005), comparativo em dois contextos universitários: Universidade Federal de Sergipe e Universidade da Madeira.

Descrevemos neste livro os passos tomados e os resultados alcançados. Para conhecer e comparar as enunciações dos ex-estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade da Madeira, sobre a diversidade sexual e de gênero, procedemos à realização do seguinte trabalho empírico: a) construção de um questionário para apurar as conceções dos ex-estudantes; b) aplicação do questionário aos ex-estudantes do curso de formação de professores do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da UMa e aos ex-estudantes dos cursos de graduação em Pedagogia da UFS.

Para levantamento das informações foi elaborado um questionário, utilizando a ferramenta *Google Forms* da *Google Drive resources*. A linguagem usada no questionário foi adequada para cada um dos contextos estudados. Os questionários para os ex-estudantes da Universidade da Madeira bem como para os ex--estudantes da Universidade Federal de Sergipe encontram-se acessíveis nos links abaixo especificados.[2]

---

2 - Os questionários encontram-se acessíveis nos links respetivos:
Para os ex-estudantes da Universidade da Madeira:
https://drive.google.com/file/d/1ODuGhOf7rfZEGKRDCCqPA8OlWwd5Bcsd/view?usp=sharing
Para os ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe:
https://drive.google.com/file/d/1OHUMH8FIyaox_aqG5kgi88b04iHCPi3I/view?usp=sharing

O questionário apresentou três partes diferenciadas: PARTE I – coleta de dados de identificação; PARTE II – coleta de dados sobre a familiaridade e posicionamento crítico acerca dos conceitos de identidade de gênero, papel de gênero, pessoas trans, não binário, intersexo e orientação sexual; PARTE III – coleta de dados sobre o posicionamento crítico acerca do conceito de inclusão da diversidade sexual e de gênero no contexto acadêmico.

Utilizamos a escala de Likert para extrair os insights qualitativos de forma quantitativa.

O questionário na versão de aplicação aos ex-estudantes da UMa apresentou 27 questões. Duas perguntas sobre a identificação do estudante: os anos que distam do término da sua formação inicial de professores; o gênero com o qual se identifica; dez perguntas de resposta aberta sobre a opinião do estudante acerca de cada uma das categorias temáticas anteriormente apontadas; nove perguntas de resposta fechada e seis perguntas de resposta numa escala Likert de cinco níveis, sobre cada categoria temática.

O questionário apresentou três partes diferenciadas: PARTE I – coleta de dados de identificação; PARTE II – coleta de dados sobre a familiaridade e posicionamento crítico acerca dos conceitos de identidade de gênero, papel de gênero, pessoas trans, não binário, intersexo e orientação sexual; PARTE III – coleta de dados sobre o posicionamento crítico acerca do conceito de inclusão da diversidade sexual e de gênero no contexto acadêmico.
Utilizamos a escala de Likert para extrair os insights qualitativos de forma quantitativa.

O questionário na versão de aplicação aos ex-estudantes da UMa apresentou 27 questões. Duas perguntas sobre a identificação do estudante: os anos que distam do término da sua formação inicial de professores; o gênero com o qual se identifica; dez perguntas de resposta aberta sobre a opinião do estudante acerca de cada uma das categorias temáticas anteriormente apontadas; nove perguntas de resposta fechada e seis perguntas de resposta numa escala Likert de cinco níveis, sobre cada categoria temática.

O questionário na versão de aplicação aos ex-estudantes da UFS apresentou 29 questões. Três perguntas sobre a identificação do estudante: os anos que distam do término da sua formação inicial de professores; o campus a que pertenceu o seu curso; o gênero com o qual se identifica; dez perguntas de resposta aberta sobre a opinião do estudante acerca de cada uma das categorias temáticas ante-

riormente apontadas; 9 perguntas de resposta fechada e seis perguntas de resposta numa escala Likert de cinco níveis, sobre cada categoria temática.

Pelo fato de estarmos a desenvolver um estudo comparativo, tomamos uma amostra por conveniência formada por dois grupos de igual dimensão: a) ex-estudantes do curso de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da UMa, entre 2015 e 2020; b) ex-estudantes formados nos cursos de Graduação em Pedagogia da UFS, entre 2015 e 2020, do Campus de São Cristóvão e no Campus de Itabaiana.

Foi solicitado o preenchimento do questionário a 160 ex-estudantes da Universidade da Madeira. Destes apenas obtivemos 22 respostas (13,7%). De igual modo, enviamos a 183 ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe e obtivemos 26 respostas (14,21%).

Quanto ao gênero, no grupo dos ex-estudantes da Universidade da Madeira (UMa), 95,5% identifica-se como mulher e 4,5% como homem. No grupo dos ex--estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS), 76,9% identifica-se como mulher e 23,1% como homem.

Relativamente ao tempo decorrido após a conclusão do curso de formação na Universidade da Madeira (UMa) e na Universidade Federal de Sergipe (UFS), verificamos ainda o seguinte: na Universidade da Madeira (UMa), a maior percentagem de participantes (33%) diz respeito a ex-estudantes que concluíram o curso há um ano ou menos, 29% de ex-estudantes concluiu o curso há três anos e 24% concluiu o curso há cinco anos. Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a maior percentagem (46%) é composta por ex-estudantes que concluíram o curso há cinco ou mais anos, 23% de ex-estudantes concluíram concluiu o curso há três anos e 19% concluiu o curso há quatro anos. Comparando os grupos de ex-estudantes, relativamente ao tempo decorrido após a conclusão dos cursos de formação inicial de professores, vemos que o grupo de ex-estudantes da UMa concluiu a sua formação mais recentemente que os seus pares no curso de Pedagogia, na UFS.

Na análise, foi problematizado o sistema heteronormativo, as suas tensões e permanências, limites e possibilidades das sexualidades, possíveis machismos e sexismos que movem as transfobias, bifobias, lesbofobias e homofobias (Araújo, 2016). Uma vez que os discursos sobre gênero dos jovens ex-estudantes não são estáveis e que variam em função dos contextos (PEREIRA, 2012), esperamos destes a identificação de grandes linhas de tendência em que a compreensão e a

explicação se entrecruzam (STAKE, 2009) possibilitando ainda significâncias dos seus discursos. Os dados de caráter qualitativo foram alvo de uma análise de conteúdo (BARDIN, 1997) que incluiu a transcrição das justificações dos ex-estudantes, a construção das categorias de análise, em tabelas, ilustradas pelas unidades de significação semântica (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O conhecimento das enunciações dos ex-estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade da Madeira também permite conhecer como este tema se relaciona com a cultura societal dos ex-estudantes e de forma comparada, verificar níveis de maior ou menor inclusão social, relativamente à diversidade sexual e de gênero.

A importância das relações de gênero e do corpo na escola para a promoção de culturas inclusivas nas práticas pedagógicas

Introdução

A importância do gênero para a compreensão da vida individual de homens e de mulheres tem despertado o interesse dos pesquisadores no campo das ciências sociais fazendo a discussão desta problemática rica e diferenciada nas suas perspectivas de abordagem. A natureza socialmente construída do gênero legitimou um sistema de relações sociais de dominação e de subordinação ao longo da história com desigualdades de poder material e simbólico. No campo da educação atual importa agora equipar a escola com mecanismos que garantam a liberdade de todos, oferecendo simultaneamente resistência ao autoritarismo e à opressão ou qualquer forma de discriminação baseadas na heteronormatividade, ou na orientação sexual de cada um. Falamos então de diretivas promotoras de culturas inclusivas para as práticas pedagógicas sobre as relações de gênero e do corpo.

Gênero, sexo e poder

O conceito de gênero tem apresentado perspectivas sucessivas ao longo das últimas décadas. Terão sido os historiadores feministas no Séc XIX e início do Séc XX os primeiros a se confrontarem com o gênero enquanto categoria de análise, pois para além das descrições dos aspetos históricos procuraram ainda "dar voz as mulheres", assegurando-lhes o estatuto de sujeitos da história. (SCOTT, 1995).

Nas ciências sociais foi Oakley (1972) que apresentou uma distinção entre o termo sexo e gênero, afirmando que sexo dizia respeito às características anatômicas e fisiológicas da diferenciação biológica entre masculino e feminino e o gênero significava o conjunto dos atributos psicológicos e as aquisições culturais que os homens e as mulheres incorporam na sua identidade ao longo da formação.

O termo sexo pertencia ao domínio da biologia e o conceito de gênero ao

domínio da cultura, pois remetia para a construção de significados socioculturais. Sexo e gênero mantinham então uma estreita dependência (SENKEVICS, 2012). Com as diferenças genéticas presentes entre os sexos, era esperado ainda que os homens e as mulheres se comportassem de maneira diferente e assumissem papéis diferentes de acordo com os conceitos de feminilidade e de masculinidade e das especificidades culturais, sociais, etárias, religiosas ou outras.

Nos anos 70, nos Estados Unidos, os movimentos feministas, preocupados com o empoderamento feminino e com a libertação dos padrões patriarcais vigentes, originaram correntes de pensamento com vários significados sobre gênero, como: mulher; relação entre homens e mulheres e por último a de categoria social atribuída a um corpo sexuado.[3] Mas

> [...] o núcleo essencial da definição [de gênero] baseava-se na conexão integral entre duas proposições: [o gênero enquanto] elemento constitutivo de relações sociais, conectado com as diferenças percebidas entre os sexos, [e gênero enquanto] forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1989, p. 21).

Na década de oitenta, Scott (1989) definiu o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais mantendo também uma relação inseparável entre esse saber e o poder. Recebendo influência de Foucault, Scott interessou-se pelas formas como se constroem significados culturais para as diferenças entre homem e mulher, bem como símbolos e significados construídos sobre a percepção da diferença sexual, sempre enquadrados nas relações hierárquicas de pensamento dual, homem - mulher. Joan Scott, ao invés de categorizar os gêneros masculino e feminino tornou pertinente o questionamento dos sentidos construídos sobre os gêneros masculino e feminino do seguinte modo: "O que são os "homens" e as "mulheres"?", Qual é a relação entre as leis sobre as mulheres e o poder do Estado?", "Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, quando sabemos que elas participaram dos grandes e pequenos eventos da história humana?", "O gênero legitimou a emergência de carreiras profissionais? (SCOTT, 1989, p. 28) "[...]O sujeito da ciência é sexuado?", "Qual é a relação entre a política do Estado

3 - Sobre isso, recomendamos a leitura do texto "A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas" de Maria Helena Santa Cruz (2014). https://drive.google.com/file/d/1OHUMH8FIyaox_aqG5kgi88b04iHCPi3I/view?usp=sharing

e da descoberta do crime de homossexualidade?", "Como as instituições sociais têm incorporado o gênero nos seus pressupostos e na sua organização?", "Já ouve conceitos de gênero realmente igualitários sobre os quais foram projetados ou mesmo baseados sistemas políticos?" (FALL, 1985, p. 73-88, apud IRIGARAY, 1985).

Nos anos 90 Judith Butler na obra "*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*" apresentou uma nova visão do feminismo, de sexo e gênero, tendo este ensaio acadêmico contribuído para a discussão das políticas de igualdade de gênero bem como da realidade das pessoas transgênero e intersexuais. O conceito de gênero é redefinido por Butler (1990) na sua teoria performativa. Para esta autora, o conceito de gênero deverá questionar a formulação originária de que a biologia é o fatal destino para a distinção entre sexo e gênero. Dessa forma, o gênero não é nem o resultado causal de sexo nem tão aparentemente fixo quanto o sexo. Nesta lógica, o gênero do sujeito afirma-se pela interpretação múltipla de sexo. Os significados culturais são assumidos pelo corpo, de acordo com uma lógica descontinuadamente radical de sexo/gênero. Assim, por exemplo, temos homens que não decorrem necessariamente de corpos masculinos e mulheres que não decorrem necessariamente de corpos femininos. O gênero é um artifício flutuante, pois homem e masculino tanto podem significar um corpo feminino como um corpo masculino, assim como mulher e feminino.

Além disso, para a autora, o conceito de gênero não deve ser construído apenas na inscrição cultural de significado de um sexo pré-determinado, uma vez que o termo sexo também não é imutável. Dessa forma, questiona-se: Será o anatômico, o cromossômico ou o hormonal? Terá o sexo uma só história? Ou histórias que originaram a dualidade? E se a contestação da imutabilidade de sexo significar que sexo também é socialmente construído como o gênero? A distinção entre os dois conceitos existe? (BUTLER, 2017).

É com Butler (2017) e com a teoria performativa que o gênero passa a designar o próprio aparato de produção, um meio discursivo, performativo, no qual se estabelecem os sexos. O gênero não está para a cultura como sexo está para a natureza. O sexo é prédiscursivo pela constatação de natureza sexuada, ou o sexo natural, anterior à cultura. Não há identidade de gênero por detrás das expressões. Pelo contrário, são as ações, os comportamentos, não as somas das performances dos indivíduos, mas os seus atos de escolha - a performatividade - que cria o gênero (BUTLER, 1990).

Nesta linha de pensamento Maria do Mar Pereira (2017) define gênero como o conjunto de significados valorizados associados num tempo e num espaço social e geográfico. Afirma ainda que o gênero não é um traço estável dos indivíduos. É antes variável, contextual, diferenciado, e associa a negociação contínua de hierarquias, numa estreita relação com o poder. As abordagens performativas de gênero são úteis para teorizar ao nível micro a historicidade das relações de gênero como, por exemplo, os contextos escolares, e não são incompatíveis com outras perspectivas de análise sociológica da vida quotidiana.

O gênero como categoria social na infância

A análise da composição sexual dos grupos de crianças formados por iniciativa própria em situações lúdicas fornece dados que destacam a importância do gênero enquanto categoria social, especialmente durante a primeira década de vida. Sobrepondo-se a outras características individuais como a etnia ou a raça, o sexo surge como um dos principais critérios na escolha de um/a potencial companheiro/a de brincadeiras, por parte da criança" (CARDONA *et al.*, 2011, p. 20).

Para Cardona *et al*. (2011) o gênero é uma das primeiras categorias que as crianças aprendem e exerce uma influência determinante na organização do mundo social, como se reconhecem bem como reconhecem os outros. As crianças aprendem a comportar-se de acordo com os modelos dominantes de masculinidade e de feminilidade através de uma complexa interação de fatores individuais e contextuais, junto de pessoas próximas e significativas. Durante a infância, no pensamento das crianças há prevalência de duas categorias básicas (binárias): homens e mulheres, decorrentes de fenômenos de categorização social fundamentadas nas diferenças físicas aparentes entre os sexos. Decorre desta a aplicação dos conceitos de masculino e feminino (mais ou menos masculino ou mais ou menos feminino).

Sobre a razão das crianças preferirem brincar com outras do mesmo sexo tem a ver com a semelhança mútua, ao nível dos estilos de interação e da necessidade de desenvolver a sua identidade de gênero.

Sobre a razão da para a segregação sexual, Cardona *et al*. (2011, p. 21) explicam que: a) É um processo grupal, pois não depende das características particulares exibidas por cada criança ou do seu grau de tipificação de gênero; b) Ocorre em ambos os sexos, mas tende a aparecer mais cedo nas meninas; c) Tende a ser

tanto mais intensa quanto maior for o número de crianças do mesmo sexo e da mesma idade disponíveis para participar nas brincadeiras; d) É maior em situações não estruturadas por adultos, como é o caso dos refeitórios escolares, do que em contextos mais formais, como sejam as salas de aula; e) Não tem a ver com juízos de valor sobre o maior ou menor poder social detido pela criança, em virtude da sua pertença a um ou a outro sexo, ou de papéis específicos de gênero por ela desempenhados; f) É uma tendência que parece começar por volta dos dois anos de idade, continua durante a fase pré-escolar e intensifica-se nos anos seguintes da infância, entre os 6 e os 11 anos; g) É um fenômeno que se manifesta de forma equivalente em estudos realizados em diferentes culturas.

A tipificação de gênero ocorre à medida que cada um se mostra em conformidade com os papéis de gênero que lhe são socialmente prescritos, em virtude de ter nascido do sexo masculino ou feminino. Os comportamentos típicos de gênero durante os primeiros anos de vida tendem a preceder nas crianças o desenvolvimento de uma compreensão sobre os modelos de masculinidade e de feminilidade dominantes da cultura em que estão inseridas e têm em vista a consolidação da identidade de gênero, ao longo dos primeiros sete anos de vida.

Os comportamentos de gênero tornam-se progressivamente mais complexos com a idade em ambos os sexos. O padrão heteronormativo dos ambientes escolares e a abordagem das questões de gênero, de sexo e do corpo. As questões de gênero, de sexo e do corpo regem-se nos ambientes educativos pelo padrão heteronormativo, normalmente presente no currículo oculto da escola. Este padrão caracteriza-se pela ideia implícita nos sujeitos de que a escola não é um local para expressar o desejo ou exteriorizar o erotismo e que deverá haver mecanismos que controle a sexualidade dos indivíduos.

Quer de forma explícita ou implícita, os ambientes escolares desenvolvem esforços no controle dos corpos, na disciplinação da masculinidade e da feminilidade (DIAS, 2014). As práticas pedagógicas promovem a negação do desejo e do erotismo (LE BRETON, 2003), o controle sobre o corpo, sobre a sexualidade e disciplinam a masculinidade e a feminilidade (DIAS, 2014). Alfrâncio Dias afirma que é necessário promover um trabalho educacional que contrarie esse padrão. De que modo a heteronormatividade está presente? Dentro das diferentes masculinidades e feminilidades, como se produzem e se negociam diferenças, semelhanças e hierarquias entre pessoas?

Numa etnografia recente desenvolvida em Portugal sobre o gênero na esco-

la entre adolescentes, Pereira (2017) procurou estudar a forma como se produzem e negoceiam diferenças, semelhanças e hierarquias entre pessoas e coisas, com base nas diferentes masculinidades e feminilidades. Uma das conclusões que extraiu foi que os jovens marcam diferenças e semelhanças entre meninos e meninas como forma de se distanciarem dos traços e comportamentos que consideram inferiores, para poderem afirmar a sua superioridade. Também verificou que as relações entre gêneros não se constroem unicamente na base relacional. Esta autora verificou que os discursos dos jovens sobre gênero não são necessariamente coerentes e estáveis. Variam em função dos contextos, e combinam elementos de uma visão dualista (homem-mulher), essencialista, determinista e naturalizante do gênero com a visão performativa, em que se admite contextualidade e fluidez das masculinidades e feminilidades.

A visão de um currículo[4] *Queer* na escola apresenta a vantagem de conduzir os indivíduos ao questionamento e ao estranhamento do status quo. Essa ação protagonizada pelos sujeitos resulta num olhar "desconstruído" sobre as questões de gênero. *Queerizar* a escola é proporcionar ao ambiente escolar uma visão crítica do seu currículo. O desenvolvimento de um currículo *Queer* pode fazer minimizar as desigualdades, afirmar as políticas das diferenças e dos processos identitários e transformar-se numa forma de cidadania crítica.

Essa tarefa deve perpassar os espaços escolares sociabilizados, no entendimento de que a aprendizagem acontece em todo o lado, derruba as paredes da sala e se propõe discutir as múltiplas flexões das identidades. Concordamos com Dias (2017) quando afirma que o ato pedagógico deve ser dialógico, em que o conhecimento é construído na relação quotidiana, assumindo cada indivíduo o seu papel de agente escolar. É necessário que desde muito cedo as instituições educativas desenvolvam práticas pedagógicas críticas, desconstrutoras da heteronormatividade. Entretanto, como potencializar uma pedagogia *Queer* de modo que os ambientes escolares promovam a coeducação nas questões de gênero de sexo e do corpo?

Sistematizando os vários trabalhos de Dias (2017), apontamos quatro diretivas possíveis de ação direta nos projetos escolares: a) Problematizar e refletir sobre as vivências escolares quotidianas nas questões de gênero de sexo e do corpo. As vivências, as reflexões e as formas de resolução dos problemas de forma com-

4 - Sobre as discussões sobre currículo ler os trabalhos de Rudd e Goodson (2016), Uljens (2016), Pacheco e Sousa (2016), Morgado (2016), Moreira e Silva Junior (2016)

participada conduzem a uma aprendizagem contextualizada da sociabilidade e a uma visão crítica dos papéis da escola neste âmbito; b) Construir normas de convivência inclusiva. A implicação de todos na definição de regras de sociabilidade promove a inclusão dos indivíduos e a aceitação das diferenças; c) Protagonizar narrativas sobre identidades plurais, no contexto social alargado. A indicação de referências positivas de múltiplas identidades no contexto social facilita a afirmação dos indivíduos perante o grupo. As histórias de vida são muito elucidativas das vivências e necessárias para os processos de afirmação individual; d) Promover múltiplas formas de expressão com coadjuvação artística. A arte nas suas diferentes formas de expressão fornece os mecanismos de mediação, as técnicas para a produção dos artefactos e sumariza a comunicação das vivências individuais devolvendo as ao grupo. Desse modo formaliza e dignifica socialmente a ação comunicacional sobre as questões de gênero, sexo e do corpo; e) Supervisionar a ação sobre as diretivas anteriores através da produção de relatórios de avaliação qualitativa e/ou trabalhos etnográficos. As questões de gênero e do corpo na escola passam por estudos sobre a compreensão dos fenômenos contextuais tomados na perspectiva interna. A visão performativa de gênero produz o conhecimento situado para a compreensão e partilha da forma como os atores realizam os seus corpos. São para isso, necessários mais estudos etnográficos sobre as vivências e as apropriações dos indivíduos nas questões de gênero, sexo e do corpo (VALE DE ALMEIDA, 2004).

Considerações finais

O conceito de gênero está interdependente com os conceitos de sexo e poder (CRUZ, 2014). A partir dos anos 90 o gênero passa a designar o aparato de produção, discursivo, performativo, em que se estabelecem os sexos. É com Butler que o gênero se define pelas ações, pelos comportamentos, pelos atos de escolha e pela performatividade. A visão performativa de gênero produz o conhecimento situado para a compreensão e partilha da forma como os atores realizam os seus corpos. Para isso, são necessários mais estudos etnográficos sobre as vivências e as apropriações dos indivíduos das questões de gênero, sexo e do corpo (GOMES-DA-SILVA, 2014).

Nos ambientes educativos, as questões de gênero, de sexo e do corpo regem-se pelo padrão heteronormativo, caracterizado pela ideia de que na escola

não se deve expressar o desejo ou exteriorizar o erotismo e que deverá haver mecanismos que controlem a sexualidade dos indivíduos. Por esse motivo, defendemos que desde muito cedo as instituições educativas devem desenvolver práticas pedagógicas críticas, desconstrutoras da heteronormatividade. Defendemos a coeducação como a via necessária para o trabalho educativo nas questões de gênero, sexo e do corpo, entendendo-a como ato pedagógico e dialógico em que o conhecimento é construído na relação quotidiana, assumindo cada indivíduo o seu papel de agente escolar. (CARDOSO; DIAS, 2016; DIAS, 2014; RIOS; CARDOSO; DIAS, 2018; SARAT; CAMPOS, 2014).

A visão de um currículo Queer na escola resulta num olhar "desconstruído" e necessário para o entendimento do currículo-como-vida e para o empoderamento dos seus agentes, entendido também como um ato político nas questões de gênero, sexo e do corpo (CARDOSO; RIOS; DIAS, 2019, DIAS *et al.*, 2017; DIAS; MENEZES, 2017; MENEZES; DIAS; SANTOS, 2020). Para potencializar uma pedagogia Queer de modo a que os ambientes escolares promovam a coeducação nas questões de gênero de sexo e do corpo, defendemos diretivas de ação para os projetos escolares como a problematização e a reflexão das vivências escolares quotidianas sobre as questões de gênero de sexo e do corpo; a coconstrução de normas de convivência inclusiva; as narrativas sobre identidades plurais, no contexto social alargado; a promoção de múltiplas formas de expressão com coadjuvação artística; a supervisão de toda esta ação através da produção de relatórios de avaliação qualitativa e/ou trabalhos etnográficos (DIAS; MENEZES, 2017; MENEZES; DIAS; SANTOS, 2020; RIOS; DIAS; BRAZÃO, 2019).



O que dizem os estudantes sobre GÊNERO

Introdução

As discussões sobre gênero têm-se afirmado como importantes na compreensão da vida pessoal e social dos homens e das mulheres. A natureza socialmente construída do gênero legitimou um sistema de relações sociais de dominação e de subordinação ao longo da história, com desigualdades de poder material e simbólico entre homens e mulheres.

Entre várias correntes de pensamento feminista e inúmeras contribuição de autores, torna-se sumariamente importante para este tema lembrar duas figuras: Joan Scott (1989), nos anos 80, porque foi precursora da definição do conceito de gênero, apresentando-o como um saber sobre as diferenças sexuais, sobre a relação entre o saber e o poder e sobre as formas como se constroem significados culturais para as diferenças entre homem e mulher, e; Judith Butler (1990), nos anos 90, porque apresentou uma nova visão do feminismo, sexo e gênero, e que teve repercussão na discussão das políticas de igualdade, de gênero e especificamente na condição das pessoas transgênero e intersexuais.

O conceito de gênero passou a designar o aparato de produção, discursivo, performativo, em que se estabelecem os sexos - o gênero definido pelas ações, comportamentos, atos e pela performatividade. A perspectiva da visão performativa de gênero passou a produzir conhecimento situado para a compreensão e partilha da forma como os indivíduos vivenciam os seus corpos (BRAZÃO; DIAS, 2020).

As discussões sobre gênero no espaço da academia são fundamentais para incentivar a renovação conceitual sobre a inclusão sexual e de gênero nas várias dimensões organizacionais das instituições (DIAS *et al.*, 2017; DIAS, 2020; MEDEIROS; SANTOS, 2020; PINTO; CARVALHO; RABAY; 2017; RIOS; CARDOSO; DIAS, 2018). É por isso necessário colocar uma lente dissidente, não normativa, enquanto ato político, sobre das questões de gênero, em conformidade com as influências dos estudos pós-identitários. (DIAS; BRAZÃO, 2021).

Quando se trata de temas sobre gênero, sexo e corpo, verificamos que os ambientes escolares são tendencialmente influenciados pelo padrão heteronormativo. Numa visão atual, deve-se proporcionar a todos os atores educativos um clima permeável à consolidação dos processos de produção de subjetividade, mais ainda aos que se tornam visíveis pelas construções discursivas de análises sociais. Importa por isso equipar as instituições com mecanismos que garantam a liberdade de todos, oferecendo simultaneamente resistência ao autoritarismo e à opressão ou a qualquer forma de discriminação (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021).

Para o estudo empírico aqui empreendido, aplicaram-se questionários aos ex-estudantes da Universidade da Madeira, bem como para os ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe – já descritos na metodologia desta investigação e que consta na introdução deste livro. Os questionários encontram-se acessíveis nos links abaixo especificados [5].

Sobre a categoria gênero, foi solicitado aos ex-estudantes que assistissem ao vídeo "*@Canal das Bee – Identidade de gênero", publicado em: https://youtu.be/BwY9ElZWKzg.*

QUADRO 1 - Transcrição do conteúdo verbal do vídeo "Identidade de Gênero".

… Agora a gente vai falar de identidade de gênero … Que é que é isso identidade? Identidade não é o que está na sua carta ... também isso é ... chamar cédula de identidade, é um papel … uma carta para mim … Identidade de Gênero: Eu só uma mulher, eu sou um homem. Durante muito tempo foi associada a este gênero o sexo biológico … Sim, então se você nasceu com uma vagina você era uma mulher se você nasceu com pênis você é homem … Só que com tempo a gente começou a [verificar] que a questão da identidade de gênero está muito mais no seu cérebro, como você se reconhece, como você se sente e se coloca no mundo … Não é o que está entre suas pernas, mas o que está entre as suas orelhas entendeu? … Então se você se olhar no espelho e se reconhece como homem você é um homem, se você se olha no espelho e se reconhece com a mulher você é uma mulher, se você olha no espelho e não se reconhece como nenhum dos dois … como exatamente as pessoas não binárias... O gênero tem três outras identidades divergentes que não estão incluídas ou no homem ou na mulher porque … tem muita coisa ali no meio que não é necessariamente homem ou mulher, mas que está ali no meio do caminho … A gente não vai entrar em todas essas categorias porque a gente tá fazendo o básico … Se passem a nego você cena como você quer ser tratado por favor seu amigão não é amiga onda, mas

5 - Os questionários encontram-se acessíveis nos links respetivos:
Para os ex-estudantes da Universidade da Madeira:
https://drive.google.com/file/d/1ODuGhOf7rfZEGKRDCCqPA8OlWwd5Bcsd/view?usp=sharing
Para os ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe:
https://drive.google.com/file/d/1OHUMH8FIyaox_aqG5kgi88b04iHCPi3I/view?usp=sharing

se alguém sabe que existe o sexo biológico e a gente sabe dizer se antes de gênero certo quando essas duas coisas dão match, às vezes tem pessoas cisgênero [por exemplo] uma mulher que foi identificada como mulher no sexo biológico para feminino e também tem as pessoas transgênero … Quando a gente fala em pessoas transgênero é importante deixar claro aqui ... ser trans não é uma identidade de gênero ... A identidade de gênero é você ser mulher, você ser homem, você ser não binário...

Fonte - Canal das Bee (2018a).

Os textos com as afirmações dos ex-estudantes foram arrumados por unidades de significação semântica, conforme sugerem Bardin (1997) e Bogdan e Biklen (2017). A categoria de gênero, analisada neste artigo deu origem a subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenômenos, conforme apresentamos no quadro 2 abaixo, sobre a categorização dos resultados.

QUADRO 2 - Categorização dos discursos dos ex-estudantes.

Categoria: GÊNERO	
Subcategoria	**Fenômeno**
GÊNERO (+)	Valorização do conceito de gênero.
	Construção/reconstrução do gênero centrada na percepção subjetiva da identidade.
GÊNERO (-)	Constrangimentos na vivência do gênero motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.
GÊNERO (N)	Refêrencias à não expressão de opnião sobre o conceito de gênero.
	Refêrencias sobre não conhecimento do conceito de gênero.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Assim, a categoria gênero originou três subcategorias: a primeira reuniu fenômenos de valorização do conceito de gênero e a construção/reconstrução do gênero, centrada na perceção subjetiva da identidade. A segunda subcategoria reuniu os constrangimentos vivenciados pelos indivíduos padrões sociais estereotipados. A terceira subcategoria aglomerou fenômenos que se consideraram neutros, como: referências sobre não conhecimento do conceito de gênero.

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da categoria gênero, conforme Quadro 3.

QUADRO 3 - Análise do discurso verbal do vídeo "Identidade de Gênero".

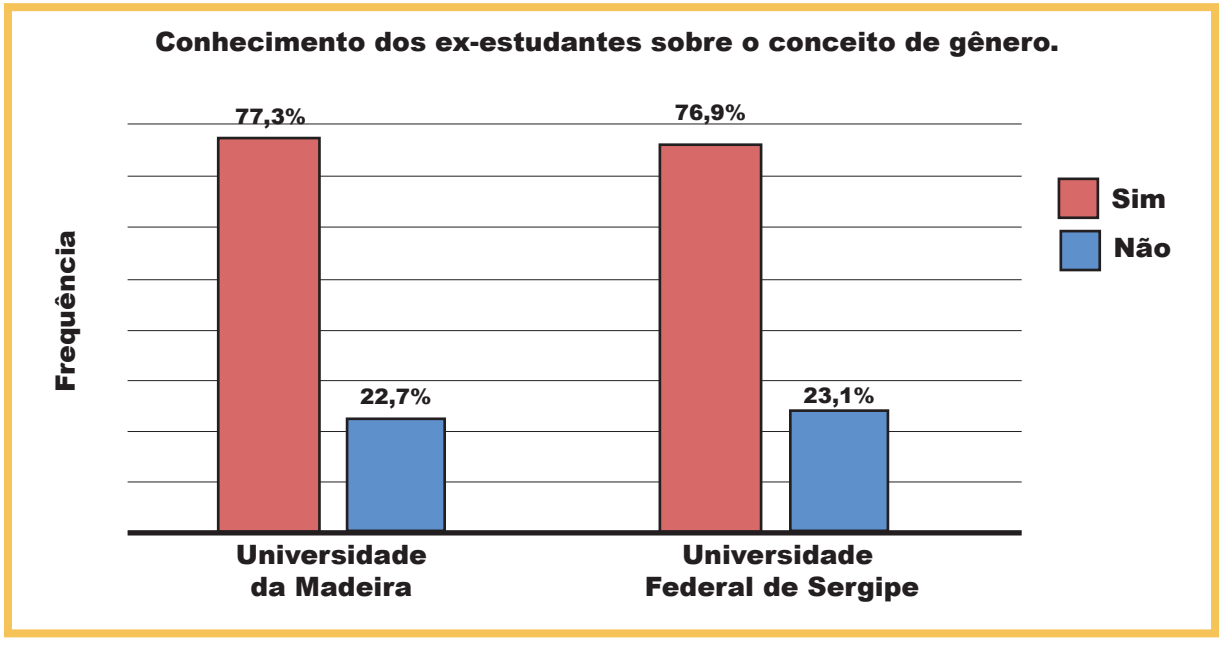
Categoria: GÊNERO	
Conteúdo semântico	**Considerações**
… Agora a gente vai falar de identidade de gênero… Que é que é isso identidade?	Identificação do tema de identidade de gênero
Identidade de gênero: Eu sou uma mulher, eu sou um homem. Durante muito tempo foi associada a este gênero o sexo biológico … Sim, então se você nasceu com uma vagina você era uma mulher, se você nasceu com pênis você a homem.	Atribuição do tema de identidade de gênero à categoria gênero, inicialmente associada ao sexo biológico.
… só que com tempo a gente começou a [verificar] que a questão da identidade de gênero está muito mais no seu cérebro, como você se reconhece, como você se sente e se coloca no mundo … Não é o que está entre suas pernas, mas o que está entre as suas orelhas entendeu? … Então se você é se olhar no espelho e se reconhece como homem você é um homem se você se olha no espelho se reconhece com uma mulher você é uma mulher	Atribuição da categoria gênero, ao desenvolvimento psicológico de cada pessoa, mediante o seu contexto cultural.
Se você se olha no espelho e não se reconhece como nenhum dos dois … como exatamente as pessoas não binárias... O gênero tem três outras identidades divergentes que não estão incluídas ou no homem ou na mulher porque … tem muita coisa ali no meio que não é necessariamente homem ou mulher, mas que está ali no meio do caminho …	Referência aos conceitos de binariedade – homem/mulher e não binariedade, divergente de homem/mulher
…às vezes tem pessoas cisgênero [por exemplo] uma mulher que foi identificada como mulher no sexo biológico para feminino	Referência ao conceito de cisgênero – quando há correspondência do sexo biológico feminino com o gênero mulher e sexo biológico masculino com gênero homem.
e também tem as pessoas transgênero … Quando a gente fala em pessoas transgênero é importante deixar claro aqui ... ser trans não é uma identidade de gênero ... A identidade de gênero é você ser mulher, você ser homem, você ser não binário...	Referência ao conceito de pessoa transgênero como uma categoria de gênero.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Embora a transcrição do texto apresente muitas marcas de oralidade, foi possível sistematizar o seguinte: a) O tema de identidade de gênero foi inserido na categoria gênero. Inicialmente este conceito estava padronizado por associação ao sexo biológico; b) A da categoria gênero transitou para o campo psicológico, resultando uma maior liberdade de identificação de cada sujeito, mediante o seu contexto cultural; c) O conceito de cisgênero explica a correspondência do sexo biológico feminino com o gênero mulher ou do sexo biológico masculino com gênero homem; d) Os conceitos de binariedade, homem/mulher e não binariedade permitem categorizar os sujeitos que apresentam uma identificação divergente de homem/mulher; e) O conceito de pessoa transgênero surge como uma categoria intrínseca ao conceito de gênero. Este bloco de informações situou os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de gênero no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Relativamente ao conhecimento do conceito de gênero, as respostas dos ex-estudantes de ambas as Universidades estão globalmente muito próximas. Na UMa, 72,3% dos ex-estudantes dizem conhecer o conceito de gênero e 22,7% afirmam não conhecer. Na UFS, 76,9% afirma que conhece o conceito de gênero e 23,1% diz que não conhece, conforme se verifica na Figura 1.

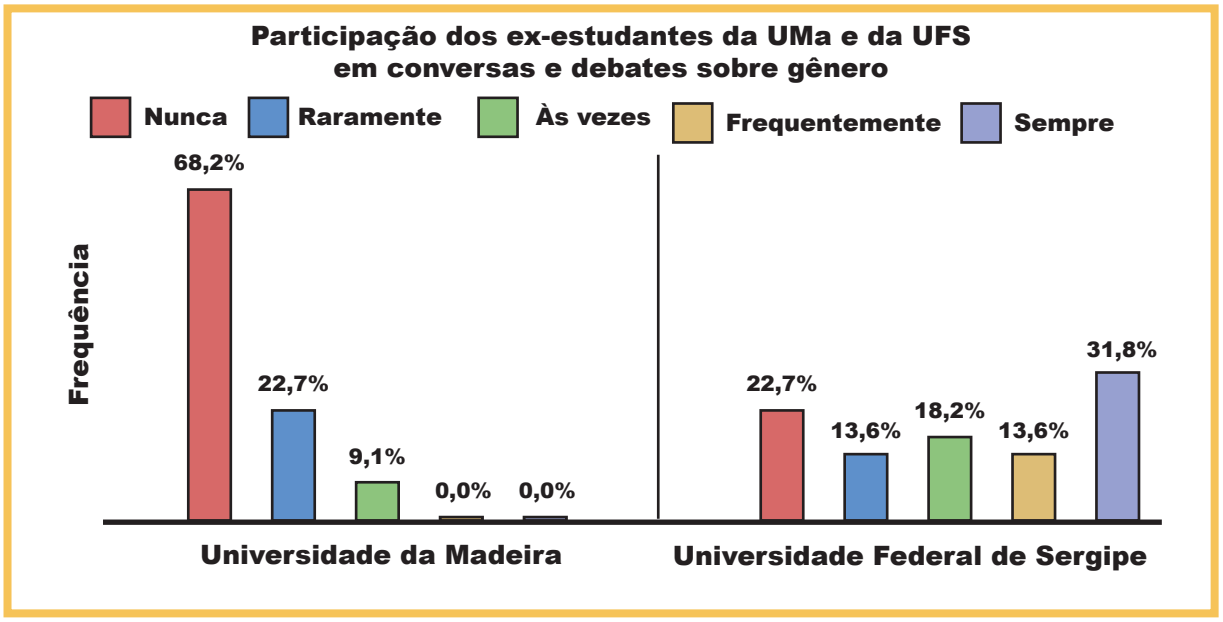
FIGURA 1 - Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de gênero.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Relativamente à participação dos ex-estudantes em conversas e debates sobre gênero, as respostas em ambas as Universidades são diferenciadas. Na UMa, 62,2% dos ex-estudantes dizem nunca ter participado em conversas e debates sobre gênero, 22,7% raramente e 9,1% referiram participar às vezes. Na UFS, 31,8% dos ex-estudantes dizem que sempre participaram em conversas e debates sobre gênero, 13,6% participaram frequentemente, 18,2% referiram participar às vezes e 22,7% responderam nunca terem participado, conforme se verifica na Figura 2 abaixo.

FIGURA 2 - Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre gênero.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Comparando os resultados, há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema de gênero. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a ausência dessa iniciativa.

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre gênero, subcategoria gênero (+), verifica-se que tanto os ex-estudantes da UMa quanto os da UFS, utilizam expressões idênticas quando fazem considerações sobre a va-

lorização o conceito de gênero. Consideram que deve haver respeito, liberdade e compreensão, pois se refere a direitos humanos fundamentais para a vida em sociedade. Consideram ainda importante a discussão deste tema para o autoconhecimento e para a afirmação pessoal em sociedade: "*vai fazer com que pessoas passem a se identificar com o seu gênero e que não há influencia a decidir qual gênero quer ser*" (BR-ITA-4-11); "*É fundamental que o individuo saiba o que é identidade de gênero para auto conhecer a si mesmo(a)e compreender*" (BR-ITA-5-12). Referem também que se trata de um "T*ema educacional com bastante interesse*" (PT-5-22), conforme o Quadro 4.

Os participantes das duas universidades estudadas sinalizam aspetos que consideram favorecedores da construção/reconstrução do gênero, centrada na perceção subjetiva da identidade. No entanto, são os ex-estudantes da UFS os mais efusivos nessa explicitação: "*Acredito que cada um deva ser respeitado da maneira que se identifica e tem o direito de ser visto assim*" (BR-ITA-3-03); "*É preciso que o indivíduo tenha autonomia, liberdade, respeito, direitos para si expressar e viver em sociedade*" (BR-ITA-5-12); "*Cada ser humano tem o direito de viver e se conhecer como quiser*" (BR-ITA-5-17).

QUADRO 4 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre gênero, subcategoria gênero (+).

Categoria: GÊNERO		
Subcategoria: GÊNERO (+)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Valorização do conceito de gênero	*"Tema pertinente"* (PT-1-01). *"Muito importante para a vida em sociedade"* (PT-1-02). *"Concordo plenamente que as pessoas devem ser tratadas da forma como se sentem melhores"* (PT-1-05). *"Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas"* (PT-1-06). *"Penso que as pessoas devem ser respeitadas na forma de se sentir"* (PT-1-07). *"Deve haver mais conversas/debates/ divulgação de informação sobre este assunto" (PT-2-09). "A identidade deve ser respeitada e não imposta"* (PT-3-11). "*Deve-se respeitar a identidade de cada um"* (PT-3-13). "*Interessante"* (PT-3-15). "*interessante*" (PT-4-16). "*Tema relevante na atualidade"* (PT-5-18).	"*Tema educacional com bastante interesse*" (PT-5-22). "*É um tema muito importante*" (BR-ITA-3-02). "*De grande relevância, pois é importante conhecer o outro como a si próprio*" (BR-ITA-3-04). "*A identidade de gênero é a forma pela qual eu expresso o gênero pelo qual eu me identifico*" (BR-ITA-3-05). "*É um tema esclarecedor*" (BR-ITA-3-05). "*É um tema essencial e necessário*" (BR-ITA-4-08). "*Esse tema sendo apresentado e discutido vai fazer com que pessoas passem a se identificar com o seu gênero e que* não há influencia a decidir qual gênero quer ser" (BR-ITA-4-11). "*É fundamental que o individuo saiba o que é identidade de gênero para auto conhecer a si mesmo(a)e compreende*r" (BR-ITA-5-12). "*Identidade de gênero não é ser masculino*

Valorização do conceito de gênero	*"É importante"* (PT-5-19). "*Cada um deve assumir o gênero com o qual se identifica"* (PT-5-20). "*Um tema muito interessante e com muito a ensinar*" (PT-5-21). "*Tema educacional com bastante interesse*" (PT-5-22).	*ou feminino como é posto em seu RG pelos seus pais ao documento, mas como eu me sinto diante dos outros ou quando me d*eparo diante de um espelho como eu me vejo" (BR-ITA-5-13). *"A temática é muito importante para a compreensão sobre a real significância da identidade de gênero para sociedade.*" (BR-ITA-5-14). "*Importante e precisa ser debatido*" (BR-SC-1-01). "*É bastante pertinente*" (BR--SC-5-03). "*Relevante*" (BR-SC-5-05). "*Reconheço a identidade de gênero ligada a questão biológica*"(BR-SC-5-06). "*Extremamente necessário para a formação em qualquer área*" (BR-SC-5-07). "Relevante" (BR-SC-5-08).
Construção/ reconstrução do gênero, centrada na percepção subjetiva da identidade	"*Independentemente do gênero com o qual se identificam,* ***não deixam de ser uma pessoa e, por isso, são merecedoras de respeito e de compreensão, por parte da sociedade e, sobretudo, por parte das suas famílias***" (PT-2-08). "***Cada qual tem de respeitar o ser humano***" (PT-5-17).	*"Acredito que* ***cada um deva ser respeitado da maneira que se identifica e tem o direito de ser visto assim***" (BR-ITA-3-03). *"****Falar sobre gênero não incentiva ou faz com que a pessoa mude sua orientação sexual ou identidade de gênero***" (BR-ITA-3-05). *"****Respeito*** *como cada um sente*"(BR-ITA-4-09). *"****É preciso que o indivíduo tenha autonomia, liberdade, respeito, direitos para si expressar e viver em sociedade***" (BR-ITA-5-12). *"****Cada ser humano tem o direito de viver e se conhecer como quiser***" (BR-ITA-5-17). *"… chamar a atenção para o fato de respeitar o indivíduo independente de como se reconheça"* (BR-SC-5-02).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021). Grifo do autor.

Nos dois contextos estudados são referidos constrangimentos motivados pela influência de padrões sociais estereotipados, conforme Quadro 5. Os estudantes dizem que existe preconceito social relativamente a este tema que ainda é considerado tabu: "*não deveria ser tabu, considerando que cada um é livre de ser feliz como deseja*" (PT-1-04); "*[este tema] é de fundamental importância para a diminuição do preconceito, como também para que, a sociedade tenha mais aceitação*" (BR-ITA-2-01); "*precisa ser trabalhado mais amplamente nos diversos ambientes para que haja a quebra do preconceito*" (BR-ITA-3-02); "*Existe bastante tabu e é complexo, pois infelizmente vivemos em uma sociedade preconceituosa*" (BR-ITA-3-06); "*uma temática muito importante para romper estereótipos e ampliar o leque de conhecimento das pessoas*" (BR-SC-5-02); "f*alar sobre gênero não incentiva ou faz com que a pessoa mude sua orientação sexual ou identidade de gênero*" (BR-ITA-3-05).

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre gênero, na

QUADRO 5 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre gênero, subcategoria gênero (-).

Categoria: GÊNERO		
Subcategoria: GÊNERO (-)		
Fenômeno	**Fenômenos (UMa)**	**Fenômenos (UFS)**
Constrangimentos na vivência do gênero, motivados pela influência de padrões sociais esteriotipados	"*Um tema que **não deveria ser tabu, considerando que cada um é livre de ser feliz como deseja**" (PT-1-04).*	"***É de fundamental importância para a diminuição do preconceito, como também para que, a sociedade tenha mais aceitação***" (BR-ITA-2-01). "***Precisa ser trabalhado** mais amplamente nos diversos ambientes **para que haja a quebra do preconceito***" (BR-ITA-3-02). "***Existe bastante tabu e é complexo,** pois infelizmente vivemos em uma sociedade preconceituosa*" (BR-ITA-3-06). "*Engloba vários aspetos que ainda se diverge, principalmente em relação ao não conhecer e por isso **o preconceito ainda permeia entre várias classe**s*" (BR-SC-5-03). "***Imprescindível se queremos uma sociedade mais igualitária e sem preconceito***" (BR-SC-5-07). "*É um tema difícil de ser abordado, pois às pessoas distorcem, e não é abordado como deve ser, sem contar que a sociedade acaba impedindo que se fale sobre o tema, e sem contar que **a grande maioria das pessoas/professores não foram instruídas para falar a respeito do mesmo***" (BR-ITA-4-10). "*Acredito que seja uma **temática muito importante para romper estereótipos e ampliar o leque de conhecimento das pessoas***" (BR-SC-5-02).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021). Grifo do autor.

subcategoria gênero (N), constata-se que ainda há desconhecimento deste conceito, tanto nos ex-estudantes da UMa (22,7%) como os da UFS (23,1%), conforme a Figura 2 e o Quadro 6.

Os participantes reforçam o não conhecimento deste tema, depois de terem acabado de assistir a um vídeo ilustrativo sobre o mesmo: "*Muitas pessoas não têm conhecimento deste tema*" (PT-3-10); "*Não entendo*" (PT-4-16); "*Ainda ñ sei falar sobre esse tema, mas respeito*" (BR-ITA-3-07); "*Acho complicado, mas tento respeitar a orientação de todos*" (BR-SC-5-09). Estes fatos reforçam novamente a necessidade do trabalho educacional continuado nos contextos acadêmicos.

QUADRO 6 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre gênero, subcategoria gênero (**N**).

Categoria: GÊNERO		
Subcategoria: GÊNERO (N)		
Fenômeno	**Ex-estudandes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Referências sobre não conhecimento do conceito de gênero	*"Muitas pessoas não têm conhecimento deste tema" (PT-3-10). "Não entendo" (PT-4-16). "**Tema que não é muito abordado porque muitas pessoas não têm conhecimento sobre o mesmo**" (PT-3-12).*	
Referências à não expressão de opnião sobre o conceito de gênero	"...alvo de muito preconceito, ajustado à realidade e com muita pouca relevância por parte da sociedade" (PT-1-01). "O gênero com o qual cada um se identifica não importa, pois todos merecem respeito e de compreensão por parte das suas famílias e também da sociedade" (PT-1-03). "Não tenho opinião, respeito" (PT-5-17).	"Ainda não sei falar sobre esse tema, mas respeito" (BR-ITA-3-07). "Acho complicado, mas tento respeitar a orientação de todos" (BR-SC-5-09). "Nenhuma! " (BR-ITA-5-17).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021). Grifo do autor.

Considerações finais

Constatou-se que o conceito de gênero é do conhecimento de grande parte dos ex-estudantes de ambas as Universidades. O fato dos grupos de ex-estudantes se apresentarem diferenciados, relativamente ao tempo decorrido após a conclusão dos cursos de formação inicial de professores, não apresentou alteração relativa ao conhecimento do conceito de gênero. No entanto, verificou-se que há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema de gênero. No sentido contrário, os ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmaram a ausência dessa iniciativa.

Alguns participantes afirmaram não ter conhecimento deste tema, mesmo depois de assistirem a um vídeo ilustrativo sobre identidade de gênero, com linguagem muito popular, em queforam apresentas considerações como: a perspectiva temporal sobre a evolução do conceito de gênero; a referência aos conceitos de cisgênero, binariedade, homem/mulher e não binariedade e outras identificações divergentes de homem/mulher. Estes fatos reforçam novamente a necessi-

dade do trabalho educacional continuado nos contextos acadêmicos. E, mais, se reforça essa necessidade, uma vez que os participantes referiram a existência de preconceito social e tabu relacionado a este tema, conforme outros estudos também evidenciam (ALMEIDA, 2017; BOGOSSIAN, 2014; CARDOSO, 2019; CARVALHO *et al.,* 2017; COUTO; CRUZ, 2017; DONATO; TONELLI, 2018; FRANÇA; FERRARI, 2016; MORAIS; BAIÃO; DE FREITAS, 2020; SANTOS; RIOS, 2021).

Tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS foram unânimes em considerar que deve haver respeito, liberdade e compreensão, pois falamos de direitos humanos fundamentais para a vida em sociedade.

Os participantes das duas Universidades estudadas referem ainda aspectos que consideram favorecedores da construção/reconstrução do gênero, centrada na perceção subjetiva da identidade. No entanto, são os ex-estudantes da UFS os mais efusivos nessa explicitação. Estes consideram importante a discussão do conceito de gênero para o autoconhecimento e para a afirmação pessoal em sociedade e afirmam ainda que este é um tema educacional a trabalhar. Sobre este aspecto, encontramos correspondência com a pesquisa de Dias e Brazão (2021) quando se referem que o "trabalho pedagógico na temática gênero é uma ferramenta de promoção de espaços inclusivos e de diminuição de ações discriminatórias com estudantes LGBTQI+" (DIAS; BRAZÃO, 2021, p. 9). Também em outros estudos é evidenciado o trabalho pedagógico com esta temática, pois potencializa a diminuição a LGBTIfobia e desconstrução de estereótipos (ALMEIDA, 2017; BOGOSSIAN, 2014; CARDOSO, 2019; CARVALHO *et al*., 2017; COUTO; CRUZ, 2017; DONATO; TONELLI, 2018; FRANÇA; FERRARI, 2016; MORAIS; BAIÃO; DE FREITAS, 2020; RIOS; DIAS, 2020; SANTOS; RIOS, 2021).



O que dizem os estudantes sobre PAPEL DE GÊNERO

Introdução

O conceito de gênero é construído socialmente por meio de um sistema de relações sociais de dominação e subordinação e, em termos históricos, legitimou desigualdades de poder material e simbólico entre homens e mulheres (LOURO, 2003).

Entre os estudos mais recentes sobre gênero, o pensamento de Guacira Lopes Louro (2003) e de Judith Butler (1990) tem ganhado ênfase por apresentar o conceito de gênero como o aparato de produção, discursivo, performativo, em que os sexos se estabelecem. Para estas autoras, o gênero é definido pelas ações, comportamentos, atos de escolha e pela performatividade. Esta interessante perspectiva da visão performativa de gênero produz o conhecimento situado para a compreensão da forma como os indivíduos vivenciam os seus corpos (BRAZÃO; DIAS, 2020). Sob esta lógica, Butler (2008) afirma que existem tantos gêneros quantas pessoas na Terra, pois os gêneros "performativos" resultam da multiplicidade dos discursos e das culturas em que os indivíduos se inserem.

Ao abordar a ação complexa do papel de gênero, enfatiza-se neste artigo a percepção subjetiva da identidade, a partir da qual os indivíduos vivenciam diferentes formas de masculinidade e feminilidade, não descartando a discussão de Scott (2005) sobre o paradoxo das identidades de grupo, porque as consideramos inevitáveis à vida social e às diferenças de grupos socialmente visíveis.

Ser homem ou mulher é algo produzido por múltiplos discursos que (pré) determinam e atribuem "papéis", supostamente "naturais" (LOURO, 2003). Os indivíduos constroem o gênero a partir do que consideram os gêneros inteligíveis, por apresentarem coerência com a matriz cultural em que se inserem. A inteligibilidade de gênero implica coerência e continuidade entre sexo, gênero e desejo, e prática reguladora, baseada em relações binárias de heterossexualidade compulsória. Assim os indivíduos tornam-se pessoas com gêneros de valor e inserem-se nos grupos de identidades dominantes.

Reivindica-se então um trabalho crítico sobre as entidades dominantes que normatizam quer o gênero, o sexo, a etnia, entre outros marcadores sociais e excluem os indivíduos não conformantes, pois a violência simbólica, psicológica ou física recai sobre a vida das pessoas consideradas de identidades minoritárias.

O termo subversão de gênero surge como processo contínuo de resistência dos sujeitos considerados identidades minoritárias na reinvenção da realidade que os oprime. A subversão representa também a desconstrução dos padrões de exclusão impostos com base na dualidade masculino/feminino, homem/mulher e na heteronormatividade (CARDOSO; SOARES; LIMA, 2017).

A discussão e o trabalho pedagógico nesta temática diminuem a LGBTIfobia e a desconstrução de estereótipos, tal como preconizam vários estudos (ALMEIDA, 2017; BOGOSSIAN, 2014; CARDOSO, 2019; CARVALHO *et al*., 2017; COUTO; CRUZ, 2017; DONATO; TONELLI, 2018; FRANÇA; FERRARI, 2016; MORAIS; BAIÃO; DE FREITAS, 2020; SANTOS; RIOS, 2021).

A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa com relação `categoria "papel de gênero". Para tanto, , foi solicitado aos ex-estudantes que assistissem ao vídeo "@Canal das Bee. #GuiaBasicoLGBT. - Papel de Gênero", publicado em: https://youtu.be/fgRrmDkDSCM.

QUADRO 7 - Transcrição do conteúdo verbal do vídeo "Papel de Gênero".

… Agora estaremos falando sobre o que é o papel de gênero … [por exemplo, uma] mulher grávida descobriu que tem [um] bebê com sexo biológico masculino, aí fala dessa criança "é menino, é um homem e esse vai ser mais show, esse vai gostar de mulher porque vai ter … vai ser … vai ter que aprender o que é ser homem … não chorar … e assim que possível deixar coisas de mulher … tem que consertar … porque gostar de rosa é coisa de veado e menina … tem que ser violento … tem que estar disposto … tem que ser bom no futebol … tem que comprar 50 camisetas do clube … tem que gostar do Sarah …". É isso que é esperado de um menino quando ele nasce … Isso é tão horrível porque … entretanto … [às] mulheres foi dada a liberdade de trabalhar a sensibilidade, as emoções e presumem-se quando vem a menina … [e se] a menina amanhã não vai ser mais sensível ? … tudo bem … a menina chora, coisas de menina … as meninas são mais frágeis … essa figura frágil … que vai ficar em casa … que vai ficar ... o quê grávida? Porque a mulher pede maneira: eu quero ficar grávida … está lá para o seu marido … sabe cozinhar, lavar, passar … Eu não sei nada disso e isso não faz de mim menos mulher … não me faz uma mulher exatamente como qualquer outra está nesse papel de gênero … [que] muda de cultura para cultura … Existem culturas que são mais matriarcais ... Eeu tenho uma cultura mais patriarcal, como a nossa … isso é que é o filme na sua cabeça … o que você tem que ser … Então aqui fica o nosso convite para você rever seu papel de gênero na sociedade e ver também a

maneira como você cria seus filhos, como é que você cria o seu sobrinho ... Como eu vou criar uma geração de pessoas que tenham menos amarras nesse papel de gênero? … O papel de gênero [estereotipado] está sendo prejudicial para todo mundo … vamos deixar claro aqui … você precisa desamarrar a massa do papel de gênero … [isso] não significa que você vai virar mulher ou virar homem ... porque é isso que é muito falado na ideologia de gênero: se você é um pouco mais feminino você é mulher e isso não é verdade … Existem várias masculinidades e várias feminilidades que fazem vários jeitos de vocês … a [vossa] forma como a mulher … ou a [vossa] forma como homem …

Fonte - Canal das Bee (2018b).

Os textos com as afirmações dos ex-estudantes foram arrumados por unidades de significação semântica, conforme sugerem Bardin (1997) e Bogdan e Biklen(2017). A categoria de gênero, analisada neste artigo deu origem a subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenômenos, conforme apresentamos no quadro 8 abaixo sobre a categorização dos resultados.

QUADRO 8 - Categorização dos discursos dos ex-estudantes.

Categoria: GÊNERO	
Subcategoria	**Fenômenos**
PAPEL DE GÊNERO (+)	Valorização do conceito de pepel de gênero.
	Construção/reconstrução do papel de gênero centrada na percepção subjetiva da identidade.
PAPEL DE GÊNERO (-)	Constrangimentos na vivência do papel de gênero motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.
	Não valorização do conceito de papel de gênero.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Considerou-se que “Gênero” seria a categoria principal que inclui o papel de gênero. Observando as respostas dos participantes obteviveram-se duas subcategorias: a primeira designada de “Papel de gênero (+)” para reunir os fenômenos considerados positivos, tais como: valorização do conceito papel de gênero; construção/reconstrução do papel de gênero centrada na perceção subjetiva da identidade. A segunda subcategoria “Papel de gênero (-)” aglomerou os fenômenos: constrangimentos na vivência do papel de gênero motivados pelos padrões sociais estereotipados; não valorização do conceito de papel de gênero.

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da subcategoria papel de gênero, conforme Quadro 9 abaixo.

QUADRO 9 - Análise do discurso verbal do víedo "Papel de Gênero".

Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO	
Conteúdo semântico	**Considerações**
… Agora estaremos falando sobre o que é o papel de gênero	Identificação do tema de papel de gênero
… [por exemplo, uma] mulher grávida descobriu que tem [um] bebê com sexo biológico masculino, aí fala dessa criança: "é menino, é um homem e esse vai ser mais show, esse vai gostar de mulher porque vai ter … vai ser … vai ter que aprender o que é ser homem … não chorar … e assim que possível deixar coisas de mulher … tem que consertar … porque gostar de rosa é coisa de viado e menina … tem que ser violento … tem que estar disposto … tem que ser bom no futebol … tem que comprar 50 camisetas do clube … tem que gostar do Sarah". É isso que é esperado de um menino quando ele nasce … isso é tão horrível porque …	Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero masculino/homem (aprender a ser homem): - Tem que gostar necessariamente do sexo oposto para acasalar. - Tem menos sensibilidade (não chora) - Não pode gostar de trajar cores femininas (rosa). - Tem que estar alerta para alguma avaliação suspeita sobre a sua masculinidade "não ser viado" - Tem que desenvolver os comportamentos considerados "de homem".
entretanto … [às] mulheres foi dada a liberdade de trabalhar a sensibilidade, as emoções e presumem-se quando vem a menina … [e se] a menina amanhã não vai ser mais sensível? … tudo bem … a menina chora, coisas de menina … as meninas são mais frágeis … essa figura frágil … que vai ficar em casa … que vai ficar ... O quê grávida? Porque a mulher pede maneira: eu quero ficar grávida … está lá para o seu marido … sabe cozinhar, lavar, passar… Eu não sei nada disso e isso não faz de mim menos mulher … não me faz uma mulher exatamente como qualquer outra está nesse papel de gênero …	Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero feminino / mulher (aprender a ser mulher): - Tem que ter mais sensibilidade - Tem que ter mais fragilidade - Tem que apresentar a condição de maternidade com o correspondente papel de doméstica. - Tem que desenvolver os comportamentos considerados "de mulher".
[que] muda de cultura para cultura … Existem culturas que são mais matriarcais ... Eu tenho cultura mais patriarcal, como a nossa …	Os padrões para o papel de gênero alteram com o contexto cultural. Homens e mulheres desenvolvem diferentes papíis consoantes às sociedades, quersejam matriarcais ou patriarcais.

isso é que é o filme na sua cabeça … o que você tem que ser … então aqui fica o nosso convite para você rever seu papel de gênero na sociedade e ver também a maneira como você cria seus filhos, como é que você cria o seu sobrinho ... Como eu vou criar uma geração de pessoas que tenham menos amarras nesse papel de gênero? … O papel de gênero [estereotipado] está sendo prejudicial para todo mundo … vamos deixar claro aqui … você precisa desamarrar a massa do papel de gênero …	Apelo à desconstrução do papel de gênero, centrada na perceção subjetiva da identidade.
[isso] não significa que você vai virar mulher ou virar homem ... porque é isso que é muito falado na ideologia de gênero: se você é um pouco mais feminino você é mulher e isso não é verdade	Alerta para os fenómenos de resistência social aquando da desconstrução do papel de gênero.
…Existem várias masculinidades em várias feminilidades que fazem vários jeitos de vocês … a [vossa] forma como a mulher … ou a [vossa] forma como homem …	A percepção subjetiva da identidade permite a vivência de diferentes formas de masculinidade e feminilidade.

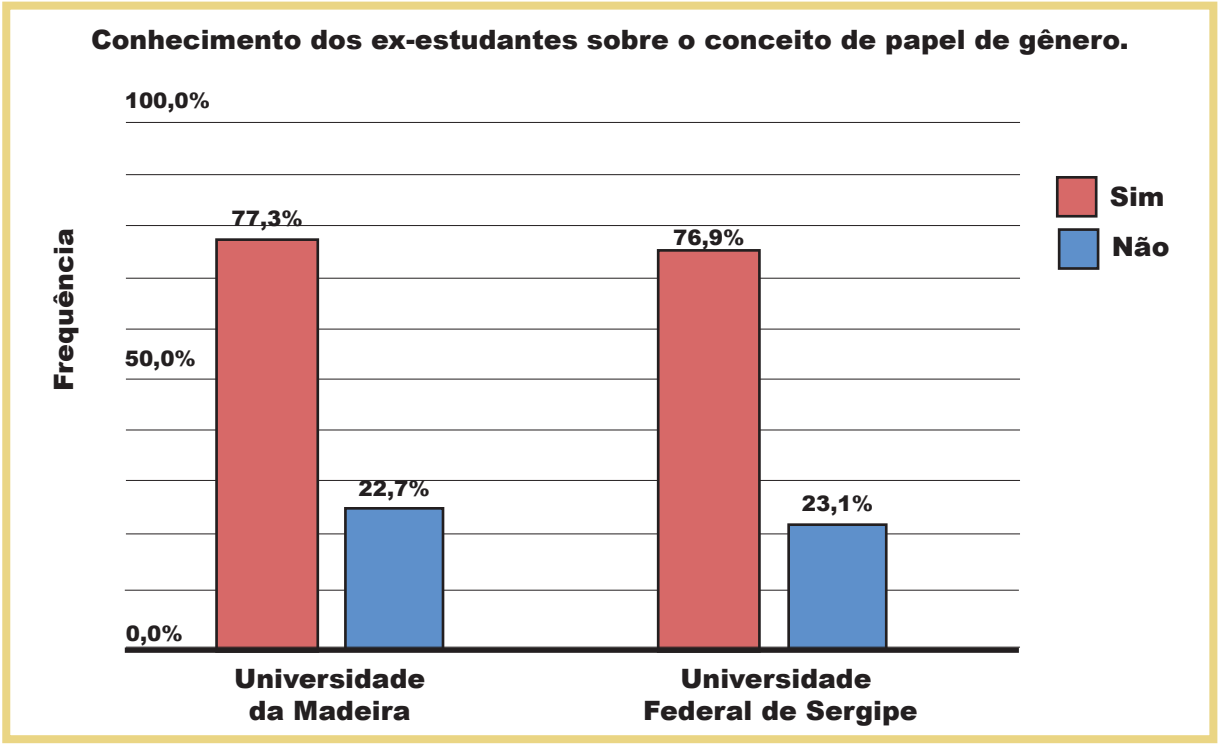
Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Embora a transcrição do texto apresente muitas marcas de oralidade, foi possível sistematizar o seguinte: a) Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero masculino/homem implica a adoção de predefinições sobre o que é ser homem e para o qual os sujeitos devem aprender a ser ou parecer; b) Apresentação do papel de gênero no pressuposto estereotipado do gênero feminino/mulher implica a adoção de predefinições sobre o que é ser mulher e para o qual os sujeitos devem aprender a ser ou parecer; c)Os padrões para o papel de gênero alteram-se com o contexto cultural. Homens e mulheres desenvolvem diferentes papéis consoantes às sociedades onde se inserem, quer sejam matriarcais ou patriarcais; d) A desconstrução do papel de gênero, centrada na perceção subjetiva da identidade, desencadeia fenômenos de resistência social em sociedades menos permissivas; e) A percepção subjetiva da identidade permite a vivência de diferentes formas de masculinidade e feminilidade.

Este bloco de informações breves (tanto de âmbito contextual como de âmbito específico) situou os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de papel gênero, no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Relativamente ao conhecimento do conceito de papel de gênero, as respostas dos ex-estudantes de ambas as Universidades estão globalmente muito próximas. Na UMa, 77,3% dos ex-estudantes dizem que conhecem o conceito de papel de gênero e na UFS, 76,9% também afirmam o mesmo. Correspondentemente, 22,7% dos ex-estudantes da UMa e 23,1% dos ex-estudantes da UFS responderam não ter conhecimento do conceito de papel de gênero. As respostas em ambas as Universidades são muito semelhantes, conforme se verifica na Figura 3 abaixo.

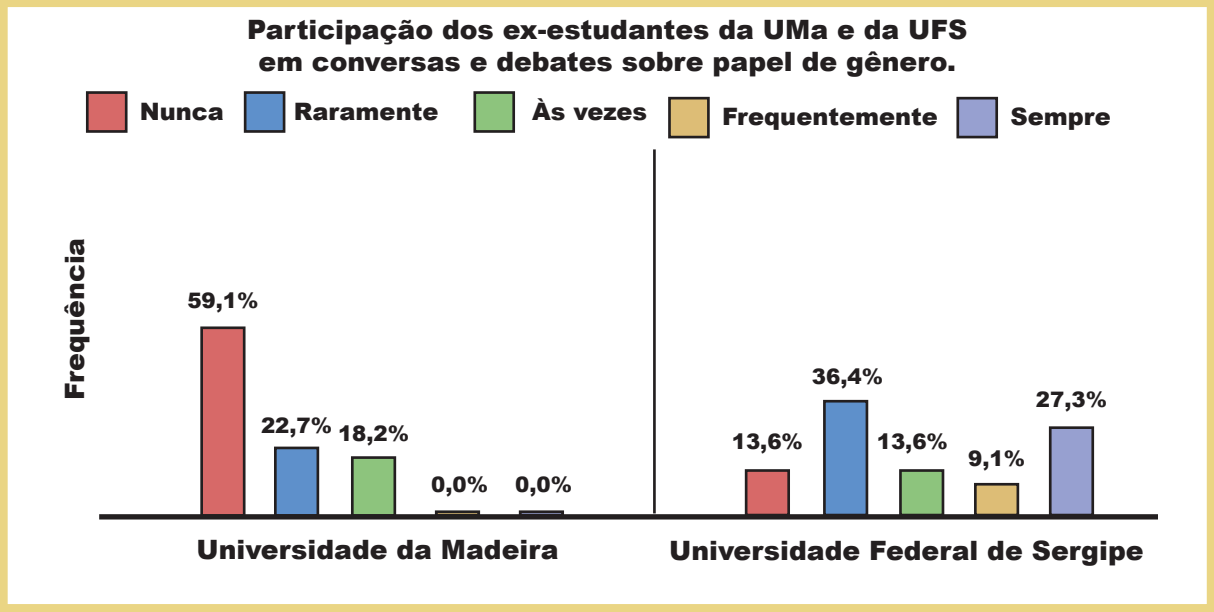
FIGURA 3 - Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de papel de gênero.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Relativamente à participação dos ex-estudantes em conversas e debates sobre papel de gênero, as respostas em ambas as Universidades são diferenciadas. Na UMa, 68,2% dos ex-estudantes dizem que nunca participaram de conversas e debates sobre gênero, 22,7% raramente e 9,1% referiram participar às vezes. Na UFS, 36,4% dos ex-estudantes responderam que raramente participaram de conversas e debates sobre gênero, 27,3% dizem que sempre, 27,3% responderam que participam frequentemente, 13,6% referiram às vezes e, 13,6% responderam que nunca participaram, conforme se verifica na Figura 4.

FIGURA 4 - Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre papel de gênero.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Comparando os resultados, verifica-se que há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema papel de gênero. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a pouca adesão a essa iniciativa.

Na análise de conteúdo às afirmações dos ex-estudantes, relativamente à valorização do conceito de papel de gênero consideraram-se as seguintes respostas: "*Tema pertinente*" (PT-1-01); "*Deve-se cada vez mais falar deste tema*" (PT-3-13); "*Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas*" (PT-1-06); "*De fundamental importância*" (BR-ITA-2-01): "*Importantíssimo para qualquer formação profissional*" (BR-SC-5-07); "*Além de importante ele é crucial ser discutido tanto na sociedade como na escola*" (BR-ITA-4-08). As respostas são semelhantes nos ex-estudantes das duas Universidades, conforme se observa no Quadro 10.

Constatou-se também que a construção/reconstrução do papel de gênero está centrada na percepção subjetiva da identidade. Os ex-estudantes mencionam o seguinte: "*Penso que um homem ou uma mulher têm o direito de manifestar a sua preferência ou sentimentos diferentes e deveriam usar roupas diferentes, ou*

QUADRO 10 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria papel de gênero (+).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO (+)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Valorização do conceito de papel de gênero	"Tema pertinente" (PT-1-01). "Muito importante" (PT-1-02). "É importante cada vez mais abordar este tema" (PT-3-11). "Deve-se cada vez mais falar deste tema" (PT-3-13). "Muito pertinente" (PT-3-15). "Bastante pertinente (PT-4-16). "Relevante na atualidade" (PT-5-18). "É um tema pertinente" (PT-5-19). "O gênero é construído socialmente" (PT-5-22). "Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas" (PT-1-06).	"De fundamental importância" (BR-ITA-2-01) "Além de importante ele é crucial ser discutido tanto na sociedade como na escola" (BR-ITA-4-08). "Esse tema é muito interessante" (BR-ITA-4-10). "É de grande relevância" (BR-ITA-5-14). "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01). "É muito relevante" (BR-SC-5-03) "Relevante" (BR-SC-5-05). "Importantíssimo para qualquer formação profissional" (BR-SC-5-07). "Relevante" (BR-SC-5-08). "É importante e respeito" (BR-SC-5-09). "Faz compreender como devemos nos portar em meio às dificuldades que ele nos traz, e entendê-lo melhor, pois muitas vezes ficamos sem compreender o real significado" (BR-ITA-4-10). "Concordo que há um papel de gênero, que inclusive existe um funcionamento cerebral diferenciado entre homens e mulheres" (BR-SC-5-06). "Importante para um bom relacionamento na família, para uma boa relação social" (BR-ITA-3-04).
Construção/ reconstrução do papel de gênero centrada na perceção subjetiva da identidade.	"Penso que um homem ou uma mulher têm o direito de manifestar a sua preferência ou sentimentos diferentes e deveriam usar roupas diferentes, ou viverem como querem" (PT-1-03). "Menino ou menina, homem ou mulher, têm o direito de gostar e de manifestar a sua preferência ou sentimentos, por diferentes roupas, situações ou assuntos" (PT-2-08). "Os papéis de gênero são desenvolvidos desde a infância, durante o processo de construção de identidade da criança" (PT-2-09). "Cada um deve ter o direito de decidir conforme se sente" (PT-3-10). "Cada pessoa tem direito a fazer o que quer, independentemente do seu gênero. Esta predefinição de papeis não deveria existir" (PT-3-12). "As crianças devem ser estimuladas a pensar sobre os papéis de gênero" (PT-3-14). "Os homens ou as mulheres devem manifestar as suas diferenças e preferências" (PT-5-20). "Não devemos impor rótulos a um menino ou menina. Um menino pode gostar de rosa, chorar e ser sensível, tal como a menina que pode gostar de azul e de brincar com carros" (PT-1-05). "Permite ultrapassar barreiras de pensamentos precondicionadas" (PT-5-21). "Cada um deve ter o direito de decidir conforme se sente" (PT-3-10). "Cada pessoa tem direito a fazer o que quer, independentemente do seu gênero" (PT-3-12). "As crianças devem ser estimuladas a pensar que o azul não é só para meninos e o rosa para meninas, entre outras ideias estereotipadas" (PT-2-09).	"Conhecer o papel do gênero é aceitar que as pessoas têm seus próprios em seus e desejos" (BR-ITA-3-04). "É a representação do que a pessoa realmente é sem ter conexão com o sexo biológico" (BR-ITA-4-11). "Tem o direito de exercer o que a ele(a) melhor si identificar ou gostar" (BR-ITA-5-12). "As pessoas não são como queremos, mas como elas se enxergam, devemos respeitar e aceitar" (BR-ITA-3-04). "Que chame atenção para o fato de que respeitar é um dever de todos independente de como o outro se reconheça enquanto indivíduo" (BR-SC-5-02).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

viverem como querem" (PT-1-03); "*Penso que um homem ou uma mulher têm o direito de manifestar a sua preferência ou sentimentos diferentes e deveriam usar roupas diferentes, ou viverem como querem*" (PT-1-03); "*Menino ou menina, homem ou mulher, têm o direito de gostar e de manifestar a sua preferência ou sentimentos, por diferentes roupas, situações ou assuntos* "(PT-2-08); "*Os papéis de gênero são desenvolvidos desde a infância, durante o processo de construção de identidade da criança*" (PT-2-09); "*Cada um deve ter o direito de decidir conforme se sente*" (PT-3-10); "*Cada pessoa tem direito a fazer o que quer, independentemente do seu gênero. Esta predefinição de papeis não deveria existir*" (PT-3-12); "*as crianças devem ser estimuladas a pensar sobre os papéis de gênero*" (PT-3-14); "*Os homens ou as mulheres devem manifestar as suas diferenças e preferências*" (PT-5-20); "*Não devemos impor rótulos a um menino ou menina. Um menino pode gostar de rosa, chorar e ser sensível, tal como a menina que pode gostar de azul e de brincar com carros*" (PT-1-05); "*Conhecer o papel do gênero é aceitar que as pessoas têm seus próprios em seus e desejos*" (BR-ITA-3-04); "*É a representação do que a pessoa realmente é sem ter conexão com o sexo biológico*" (BR-ITA-4-11); *[cada um] "tem o direito de exercer o que a ele(a) melhor si identificar ou gostar*" (BR-ITA-5-12); "*As pessoas não são como queremos, mas como elas se enxergam, devemos respeitar e aceitar*" (BR-ITA-3-04); "*respeitar é um dever de todos independente de como o outro se reconheça enquanto indivíduo*" (BR-SC-5-02).

Sobre os constrangimentos relativos à vivência do papel de gênero, conforme o quadro 11 que será apresentado na sequência, são os ex-estudantes da UFS que referem que aqueles são causados pelos padrões sociais estereotipados e mencionam o seguinte: "*É realmente necessário falar mais sobre o assunto, para quebrar paradigmas e tabus que a sociedade ainda inculca nas pessoas*" (BR-ITA-3-03); "*... há uma desigualdade e esta por sua vez causa o preconceito que estabelece os padrões ditado pela sociedade enquanto poder e hierarquia que são impostos ao individuo*" (BR-ITA-5-12); "*Minha opinião é que a sociedade ainda segue esses costumes do que é masculino e o que é feminino, precisa ser trabalhado e haver mais liberdade de escolha, principalmente ao gênero feminino*" (BR-ITA-3-02); "*É preciso que a sociedade e a família entendam que independente do gênero, classe social, raça e religião o individuo tem o direito de ser livre pra escolher viver o que deseja e gosta*" (BR-ITA-5-13); "*...para que seja modificado na sociedade a visão preconceituosa existente desde os primórdios*"

(BR-ITA-5-14); "*O papel de gênero na sociedade é muito rotulado pelos (indivíduos), enquanto inseridos ... na sociedade.*" (BR-ITA-5-12).

Verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência do papel de gênero fora dos padrões sociais estereotipados. Isso é justificado pela experienciação de contextos sociais predominantemente paternalistas, com tabus sobre esta temática e que dificultam principalmente nas mulheres na livre escolha da vivencia do seu gênero.

Ao contrário de todas as referências anteriores, achou-se curiosa esta resposta: "*A pessoa é livre pra não corresponder aos papéis impostos para cada gênero.*" (BR-SC-5-04), porque revela um ponto de vista diferente. Segundo este participante, os indivíduos não estão assim tão condicionados pelos padrões sociais e podem divergir desses padrões impostos. Entre os ex-estudantes da UMa, este fenômeno registou apenas uma referência: "*Esta predefinição de papéis não deveria existir*." (PT-3-12), o que poderia significar que, comparativamente aos ex-estudantes da UFS, o meio social dos participantes portugueses é menos condicionante e mais permissivo à vivência das questões de gênero.

Na análise comparativa dos discursos dos participantes, observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de papel de gênero e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. No entanto, conforme o quadro 11, verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência do papel de gênero por influência de padrões sociais estereotipados. Os participantes têm conhecimento de contextos sociais predominantemente paternalistas e cuja presença de tabus sobre esta temática dificulta principalmente as mulheres na livre vivencia do seu gênero.

No que diz respeito ao fenômeno da não valorização do papel de gênero, verificou-se apenas em afirmações dos ex-estudantes da UMa: "*assumido com pouca relevância para a sociedade*" (PT-1-01). Este participante entende não ser necessário atribuir importância a este conceito, porque socialmente não é atribuído relevância. Outro participante afirma: "*Um tema que não faz qualquer sentido, principalmente, hodiernamente, em que as mentalidades são outras"*. (PT-1-04). É curiosa esta resposta na medida em que ela representa a força implícita do tabu e consequentemente a tendência para não discutir esta temática.

QUADRO 11 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria papel de gênero (-).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO (-)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Constrangimentos na vivência do papel de gênero motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.	"Esta predefinição de papeis não deveria existir" (PT-3-12).	"É realmente necessário falar mais sobre o assunto, para quebrar paradigmas e tabus que a sociedade ainda inculca nas pessoas" (BR--ITA-3-03). "A pessoa é livre pra não corresponder aos papéis impostos para cada gênero (BR-SC-5-04). "Visto que há uma desigualdade e esta por sua vez causa o preconceito que estabelece os padrões ditado pela sociedade enquanto poder e hierarquia que são impostos ao individuo" (BR-ITA-5-12). "Que vivemos em uma sociedade machista" (BR-ITA-3-06). "Minha opinião é que a sociedade ainda segue esses costumes do que é masculino e o que é feminino, precisa ser trabalhado e haver mais liberdade de escolha, principalmente ao gênero feminino" (BR-ITA-3-02). "É preciso que a sociedade e a família entendam que independente do gênero, classe social, raça e religião o individuo tem o direito de ser livre pra escolher viver o que deseja e gosta" (BR-ITA-5-13). "para que seja modificado na sociedade a visão preconceituosa existente desde os primórdios" (BR-ITA-5-14). "O papel de gênero na sociedade é muito rotulado pelos (indivíduos), enquanto inseridos … na sociedade" (BR-ITA-5-12).
Não valorização do conceito de papel de gênero	Assumido com pouca relevância para a sociedade (PT-1-01). Um tema que não faz qualquer sentido, principalmente, hodiernamente, em que as mentalidades são outras (PT-1-04).	

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Conclusão

Neste capítulo apresentou-se o papel de gênero como conceito inerente ao gênero. Pretendeu-se saber em termos comparativos se os ex-estudantes da Universidade da Madeira e da Universidade Federal de Sergipe valorizam o papel de gênero e se alguma vez tomaram iniciativas nesse sentido.

Comparando os resultados, verifica-se que há um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema papel de gênero. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira

confirmam a pouca adesão a essa iniciativa.

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes na subcategoria papel de gênero, observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de papel de gênero e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito.

Os participantes são favoráveis à desconstrução do papel de gênero, centrada na perceção subjetiva da identidade, pois permite a vivência de diferentes formas de masculinidade e feminilidade. No entanto, têm consciência que tal atitude desencadeia fenômenos de resistência social em sociedades menos permissivas.

Verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos que a vivência do papel de gênero acarreta, fora dos padrões sociais normativos. Os ex-estudantes da UFS confirmam que contextos sociais com a presença de tabus sobre esta temática que dificultam principalmente as mulheres na livre vivência do seu gênero.

Neste aspecto, os participantes portugueses revelam que o meio social é menos condicionante e mais permissivo à vivência das questões de gênero. No entanto, existem dois participantes da UMa que referem não valorizar o papel de gênero porque não é atribuída socialmente relevância. Esta resposta representa o tabu ainda presente e a consequentemente tendência para não discutir esta temática.

Este trabalho poderá contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO; DIAS; OLIVEIRA; BRAZÃO, 2021; PALMEIRA; DIAS, 2021).



O que dizem os estudantes sobre GÊNERO NÃO-BINÁRIO

Introdução

Conforme comentado nos capítulos anteriores, a matriz cultural que desencadeia a eleição os gêneros inteligíveis faz com que alguns tipos de "identidades" não possam ter o direito de "existir", quando a construção do gênero não decorre do sexo ou as práticas do desejo não "decorrem" nem do "sexo" nem do "gênero" (LEMOS; ANDRADE; CARDOSO, 2020).

O gênero não-binário apresenta-se como uma identificação à margem do sistema em vigor porque é compreendido fora do modelo binário, num discurso de descontinuidade face ao modelo padrão, considerado o determinante e único para a identificação dos indivíduos.

Para Lemos, Andrade e Cardoso (2020), num estudo sobre subversão do gênero a partir de uma análise discursiva de publicações em *weblogs*, a não-binariedade de gênero apresenta-se como uma possibilidade no processo de identificação dos sujeitos como sendo nem masculina nem feminina, uma fusão de ambos os gêneros, ou ainda, a negação ou a não identificação com qualquer um dos gêneros. Pode então ser definida como algo fluido ou múltiplo, face aos discursos dos sujeitos, dos seus posicionamentos e das suas vivências. Nesse sentido a não-binariedade é já uma construção de identidade de gênero porque congrega a expressão de gênero e a negação da dualidade do sistema binário.

A diversidade de experiências não binárias são expressões de gênero que possibilitam a análise e a discussão sobre a desconstrução social do masculino ou feminino, que dá lugar a novas construções críticas da identidade.

O termo subversão de gênero surge então como processo contínuo de resistência dos sujeitos considerados identidades minoritárias na reinvenção da realidade que os oprime. A subversão representa ainda a desconstrução dos padrões de exclusão, impostos com base na dualidade masculino/feminino, homem/mulher e na heteronormatividade (CARDOSO; SOARES; LIMA, 2017).

Subverter essa lógica significa ir contra os diferentes discursos de poder. É ainda deparar-se com a possibilidade de ausência de identificação, ou de representatividade normativa, sobre as conceções e práticas da vivência do gênero. O corpo "performance" (BUTLER, 2013) é o ponto de interssecção entre a subjetividade e as significações históricas e culturais apropriadas pelos sujeitos.

Assim, a subversão do gênero é um mecanismo fundamental para produzir corpos performativamente inteligíveis e uma forma de resistência às diversas formas de violência e exclusão social a que os indivíduos que não expressam o seu gênero pelo padrão são regularmente sujeitos.

É necessário colocar uma lente dissidente, não normativa, enquanto ato político sobre das questões de gênero, em conformidade com as influências dos estudos pós-identitários. (DIAS; BRAZÃO, 2021).

As políticas sociais que tratam a inclusão social de gênero em Portugal e no Brasil têm produzido, de forma diferenciada, diretrizes para as organizações e instituições.

No Brasil, apesar do direcionamento das políticas públicas recentes, a inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente ainda não foi generalizada no pensamento educacional, nem se transversalizou na Educação Superior, nem na formação docente inicial (CARVALHO, *et al*., 2017).

Em Portugal, a "*Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030: Portugal + Igual*", do XXI Governo Constitucional, apresentou em 2018 um "*Plano de Ação de combate à discriminação em razão da Orientação sexual, Identidade e Expressão de gênero e Características sexuais*". Algumas instituições do ensino superior em Portugal, bem como no ensino não superior, têm vindo a desenvolver trabalhos nesta área.

Urge olhar para as instituições educativas tentando perceber como este tema é conhecido, discutido e se há iniciativas de inclusão da diversidade sexual e de gênero no meio acadêmico.

A discussão sobre o conceito de gênero não-binário insere-se no estudo comparativo na Universidade da Madeira, UMa (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe, UFS (Brasil) sobre "V*ozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica*" (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021). O projeto de pós-doutora-

mento foi apresentado por Brazão (2021)[6] e encontra-se publicado na plataforma *TheBrain.com*, sob orientação de Alfrancio Ferreira Dias, investigador e docente do Programa de pós-doutoramento em Educação e Diversidade da Universidade Federal de Sergipe.

Para este capítulo consideramos a discussão do conceito de gênero não-binário a partir de três aspetos básicos:

1. O conceito de gênero não-binário caracterizado como a variação dos modos de vivenciar o gênero, para além da polarização homem/mulher;

2. A expressão de gênero como o termo a utilizar para identificar as múltiplas formas visíveis do gênero não-binário;

3. Adequação da linguagem no tratamento social das pessoas não binárias como fundamental para a inclusão desse público. Isso implica o questionamento individual sobre a forma como se dirigir socialmente às pessoas, como a aplicação do artigo [o/a] ou a aplicação de um pronome neutro.

A seguir serão discutidas as respostas dos participantes com relação à categoria Gênero Não Binário, solicitado aos ex-estudantes a partir da observação do vídeo "*@Canal das Bee. #GuiaBasicoLGBT. – Gênero não binário*". publicado em: https://youtu.be/HwmWqtAyj2E.

QUADRO 12 - Transcrição do conteúdo verbal do vídeo "Gênero não-binário".

… Hoje a gente vai falar sobre o que é ser não-binário ou não-binária … sempre importa a gente lembrar que há [inúmeras] possibilidades [de] ser um homem … [ou de] ser mulher … Você pode ser os dois ou até mesmo nenhum dos dois, ou seja, existe muito mais coisas para além de [saber se deve ser] homem [ou se] deve ser mulher …[as] pessoas que vão além do gênero que lhe foi designado … As pessoas não binárias precisaram se colocar de forma a se sentirem mais apresentadas … Por isso surgiu o termo binário e não-binário … [isto] é uma coisa muito importante …as coisas mudam com o tempo … quer dizer os hábitos e … então vamos combinar e deixar a cabeça aberta … e não começar a julgar um amiguinho que não se encaixa em alguma [categoria] … senão a gente vai estar fazendo o

6 - Brazão, P. Apresentação do projeto vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de género, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica: um estudo comparativo na Universidade da Madeira e na Universidade Federal de Sergipe. *The Brain*, 2021. Disponível em: https://bra.in/7vA6Q3

mesmo [como o que aconteceu no passado] … Queer é um termo usado [para] as pessoas não binárias. Quem são essas pessoas que não se identificam necessariamente como homem ou como mulher? … [Queer é] como se fosse um termo guarda-chuva … Quando a gente está falando de gêneros não binários a gente tem que pensar noutra coisa: separação entre gênero e expressão de gênero … Como a gente já falou aqui em um dos vídeos do canal … [expressão de gênero] é como você se expressa … existem pessoas não binárias [que estão] exercendo uma separação do gênero ou mais masculina ou mais feminina … Algumas dessas pessoas sentem a necessidade de fazer intervenções cirúrgicas ou de fazer tratamentos hormonais … mas não é só isso que caracteriza uma pessoa não binária … O importante é a gente estar falando de uma pessoa … [da complexidade] humana e não de uma lei … uma coisa com a qual se pode legislar sobre … e nem um juiz, advogado, médico ou qualquer outro profissional pode ter o direito de julgar o que você é e como você se identifica. Perguntaram-me se a pessoa não binária não se sente confortável com o gênero … Como é que eu vou saber? Como que eu vou tratar? … Já sabe a resposta … tem de perguntar … A forma mais fácil de acertar é perguntando para a pessoa como ela quer ser tratada … E [depois] a gente deve tratar desse modo essa pessoa … mais importante é que vocês prezam … suponha que a pessoa quer ser chamada [de um modo] ou [de outro] essas coisas podem acabar machucando as pessoas … Por isso sempre pergunto … Por exemplo: como você deseja que eu trate você? … qual pronome [que] eu posso usar com você? … Como é que você se chama? … Isso é uma base segura, pois há situações em que as pessoas ficam com um pronome … outras preferem o pronome neutro, como hoje é identificado quando a gente troca o/a … sabe o que que é isso? … é porque a língua portuguesa é muito complexa … mas isso tem em todas as línguas? … As pessoas vêm se adaptando é muito importante lembrar que a linguagem é mutável … Gente! A nossa língua portuguesa … hoje a gente usa palavras e se comunica de uma maneira que não se comunicava há 15 anos atrás … há 20 anos atrás e muito menos há 100 anos atrás … porque é tudo uma questão de costume … Então como é que está começando a usar esse para homens e é saber se as regras... é importante que você saiba aqui tudo bem a sim contanto que seja sequer tempo para amanhã intenção tem que tentar fazer para não ofender as pessoas estão a sua bom isso está menos … Para fechar esse vídeo vou falar mais uma frase maravilhosa sobre ser não-binário “tem verdades e autonomia de trazer a nossa existência para as nossas mãos” …

Fonte - Canal das Bee (2018c).

Os textos com as afirmações dos ex-estudantes foram organizados por unidades de significação semântica.. A categoria de gênero, analisada neste artigo deu origem a subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenômenos, conforme apresentamos no Quadro 13.

Considerou-se que “Gênero” seria a categoria principal que inclui o gênero não binário. Analisando as respostas dos participantes obtiveram-se três subcategorias: a) a primeira subcategoria “Gênero não-binário (+)” aglomerou os fenômenos: valorização do conceito de gênero não binário; valorização da não

QUADRO 13 - Categorização dos discursos dos ex-estudantes.

Categoria: GÊNERO	
Subcategoria	**Fenômenos**
GÊNERO NÃO-BINÁRIO (+)	Valorização do conceito de gênero não binário.
	Valorização da não binariedade, centrada na construção/reconstrução subjetiva da identidade.
GÊNERO NÃO-BINÁRIO (-)	Constrangimentos na vivência da não binariedade motivada pela influência de padrões sociais estereotipados.
	Não valorização do conceito de gênero não-binário.
GÊNERO NÃO-BINÁRIO (N)	Desconhecimento do conceito de gênero não-binário.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

binariedade, centrada na construção/ reconstrução subjetiva da identidade; b) A segunda subcategoria, designada de "Gênero não-binário (-)" reuniu os fenômenos considerados não positivos tais como: constrangimentos na vivência da não binariedade motivada pela influência de padrões sociais estereotipados; não valorização do conceito de gênero não binário, e; c) A terceira subcategoria "Gênero não-binário (N)" refere-se ao desconhecimento do conceito de gênero não-binário.

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da subcategoria de gênero não-binário, conforme o Quadro 14 abaixo:

QUADRO 14 - Análise do discurso verbal do víedo "Gênero não-binário".

Subcategoria: GÊNERO NÃO-BINÁRIO	
Conteúdo semântico	**Considerações**
… Hoje a gente vai falar sobre o que é ser não--binário ou não-binária	Identificação do tema de gênero não-binário.

… sempre importa a gente lembrar que há [inúmeras] possibilidades [de] ser um homem … [ou de] ser mulher … você pode ser os dois ou até mesmo nenhum dos dois ou seja, existe muito mais coisas para além de [saber se deve ser] homem [ou se] deve ser mulher …[as] pessoas que vão além do gênero que lhe foi designado … As pessoas não binárias precisaram de se colocar de forma a se sentirem mais apresentadas … Por isso surgiu o termo binário e não-binário … [isto] é uma coisa muito importante… as coisas mudam com o tempo … quer dizer os hábitos e … então vamos combinar e deixar a cabeça aberta … e não começar a julgar um amiguinho que não se encaixa em alguma [categoria] … senão a gente vai estar fazendo o mesmo [como o que aconteceu no passado]	Apresentação do conceito de gênero não-binário como a variação dos modos de vivenciar o gênero, para além da polarização homem/mulher.
… *Queer* é um termo usado [para] as pessoas não binárias. Quem são essas pessoas que não se identificam necessariamente como homem ou como mulher? … [*Queer* é] como se fosse um termo guarda-chuva	Apresentação do termo *Queer* como adequado à identificação do conceito de gênero não binário.
… Quando a gente está falando de gêneros não binários a gente tem que pensar noutra coisa: separação entre gênero e expressão de gênero … como a gente já falou aqui em um dos vídeos do canal … [expressão de gênero] é como você se expressa … existem pessoas não binárias [que estão] exercendo uma separação do gênero ou mais masculina ou mais feminina … algumas essas pessoas sentem a necessidade de fazer intervenções cirúrgicas ou de fazer tratamentos hormonais … mas não é só isso que caracteriza uma pessoa não binária … O importante é que a gente estar falando de uma pessoa … [da complexidade] humana e não de uma lei … uma coisa com a qual se pode legislar sobre … e nem um juiz, advogado, médico ou qualquer outro profissional pode ter o direito de julgar o que você é e como você se identifica.	Apresentação do termo expressão de gênero para identificar as múltiplas formas visíveis do gênero não-binário.

Perguntaram-me se a pessoa não binária não se sente confortável com o gênero … Como é que eu vou saber? Como que eu vou tratar? … Já sabe a resposta … tem de perguntar … A forma mais fácil de acertar é perguntando para a pessoa como ela quer ser tratada … e [depois] a gente deve tratar desse modo essa pessoa … mais importante é que vocês prezam … Suponha que a pessoa quer ser chamada [de um modo] ou [de outro] essas coisas podem acabar machucando as pessoas … Por isso sempre pergunto … Por exemplo: Como você deseja que eu trate você? … Qual pronome [que] Eu posso usar com você? … Como é que você se chama? … Isso é uma base segura, pois há situações em que as pessoas ficam com um pronome … outras preferem o pronome neutro, como hoje é identificado quando a gente troca [o/a] … Sabe o que que é isso? … É porque a língua portuguesa é muito complexa … mas isso tem em todas as línguas? … As pessoas vêm se adaptando é muito importante lembrar que a linguagem é mutável … Gente! A nossa língua portuguesa … Hoje a gente usa palavras e se comunica de uma maneira que não se comunicava há 15 anos atrás … há 20 anos atrás e muito menos há 100 anos atrás … porque é tudo uma questão de costume … Então como é que está começando a usar esse para homens e é saber se as regras é importante você saiba aqui tudo bem a sim contanto que seja sequer tempo para amanhã intenção tem que tentar fazer pá para não ofender as pessoas estão a sua bom isso está menos … Para fechar esse vídeo vou falar mais uma frase maravilhosa sobre ser não-binário: “tem verdades e autonomia de trazer a nossa existência para as nossas mãos” …	Apelo ao tratamento social das pessoas não binárias, que implica necessariamente o questionamento individual sobre a linguagem a adequar quando se dirigir socialmente à pessoa, como por exemplo: - a aplicação do artigo [o/a] - a aplicação de um pronome neutro

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

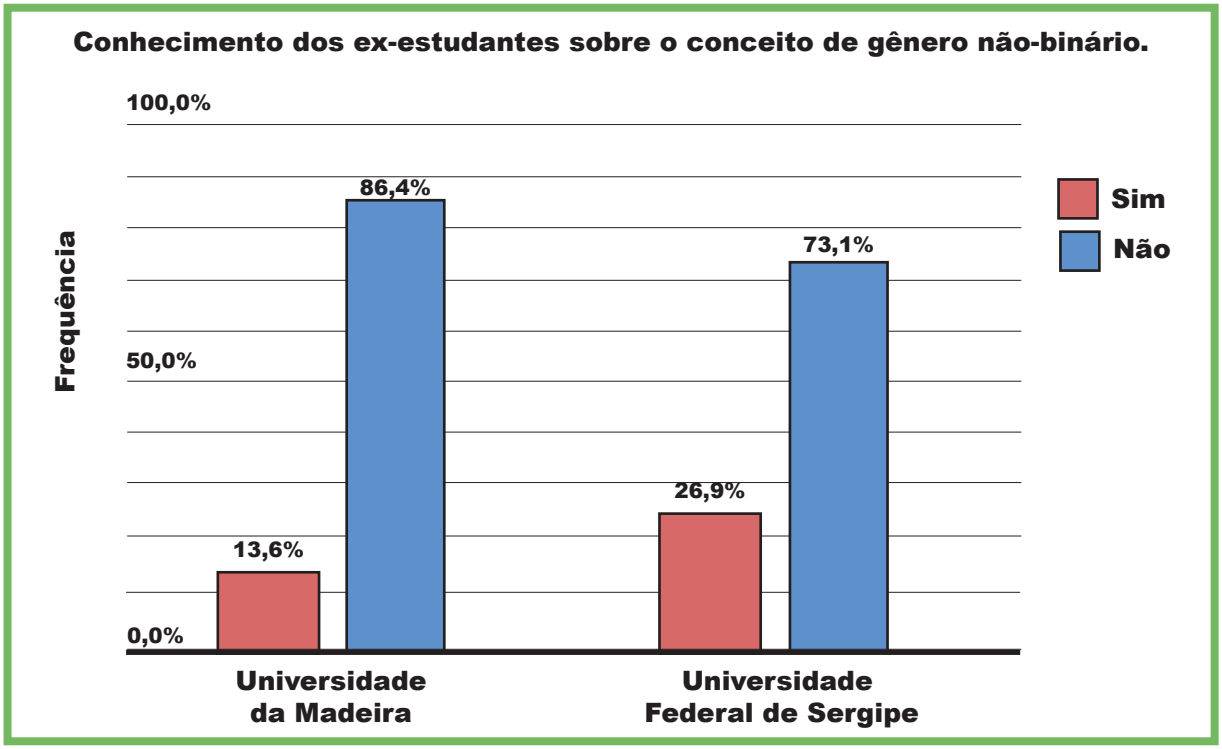
A partir da transcrição do vídeo, foi possível observar que: a) O conceito de gênero não-binário é descrito como a variação dos modos de vivenciar o gênero, para além da polarização homem/mulher; b) O termo *Queer* é apresentado como o adequado à identificação do conceito de gênero não binário; c) O termo expressão de gênero é apresentado para identificar as múltiplas formas visíveis do gênero não binário; d) É necessário cuidar da adequação da linguagem no tratamento

social das pessoas não binárias. Isso implica o questionamento individual sobre a forma como se dirigir à pessoa, a saber: a aplicação do artigo [o/a] ou a aplicação de um pronome neutro.

Estas informações breves situaram os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de gênero não binário, no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Relativamente ao conhecimento do conceito de gênero não binário, as respostas dos ex-estudantes de ambas as Universidades estão muito semelhantes, embora com um resultado superior nos participantes na UMa. Assim, 86,4% de ex-estudantes dizem que conhecem o conceito de gênero não-binário e na UFS, 73,1% também afirmam o mesmo. Correspondentemente, 13,6% dos ex-estudantes da UMa e 26,9% dos ex-estudantes da UFS responderam não ter conhecimento deste, conforme se verifica na Figura 5 abaixo:

FIGURA 5 - Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de gênero não-binário.



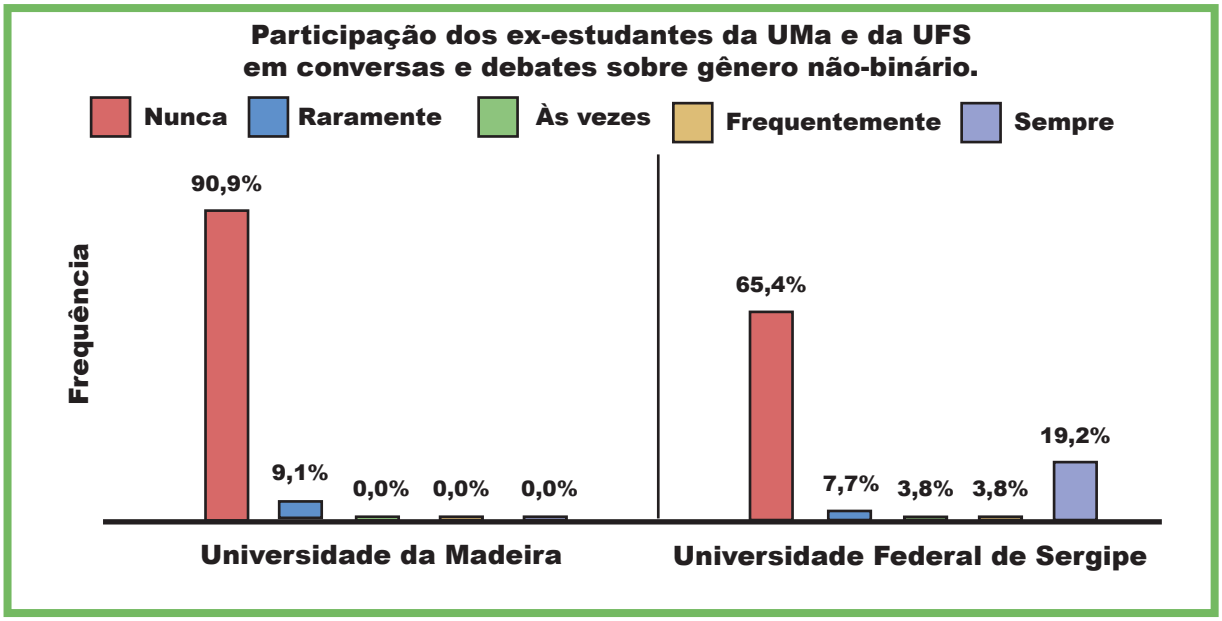
Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

As respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam pouca participação. A grande percentagem (90,9%) de ex-estudantes na Univer-

sidade da Madeira nunca participaram em conversas e debates sobre gênero não binário. Existe uma pequena percentagem (9,1%) de ex-estudantes da UMa que afirmaram que raramente participaram em ações sobre este tema, conforme se verifica na Figura 6, que será apresentada na sequência.

As respostas dos ex-estudantes na Universidade Federal de Sergipe confirmam igualmente pouca participação, embora com menor percentagem. Dessa forma, 65,4% de ex-estudantes mencionaram que nunca participaram de conversas e debates sobre gênero não binário. Existem ainda 19% de respostas dos ex-estudantes afirmando que sempre participaram, 7,7% de participantes afirmaram que raramente participam em ações sobre este tema e 3,8% responderam que participaram às vezes.

FIGURA 6 - Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre gênero não-binário.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Comparando os resultados dos dois grupos, verifica-se que ambos confirmam pouco envolvimento em conversas e debates sobre gênero não-binário, sendo o grupo dos ex-estudantes da Universidade da Madeira os que mencionaram participar menos. No grupo de ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe, 19,2% disseram sempre participarem de conversas e debates sobre gênero não binário.

Na análise de conteúdo às afirmações dos ex-estudantes sobre a valorização do conceito de gênero não-binário, considerou-se as seguintes respostas dos participantes da UMa: "*Muito interessante*" (PT-1-02); "*Devemos questionar como as pessoas devem ser tratadas*" (PT-1-05); "*Muito pertinente*" (PT-5-21);

Na UFS, os ex-estudantes disseram: "É um tema importante (BR-ITA-3-02); "Não basta somente dizer que aceita algo, mas é preciso também se informar" (BR-ITA-3-03); "*Bem esclarecido, complementando alguns conteúdos já vistos, (mararavilhose)*" (BR-ITA-3-05); "*É de grande relevância para entendemos como as pessoas querem ser tratadas, por isso é fundamental perguntar*" (BR-ITA-4-08); "I*nteressante a forma da linguagem, para a conversa com o não binário*" (BR-ITA-4-09); "*É importante respeitar o próximo como ele é, e como ele gostaria de ser chamado, pois o sexo não define a sua real identidade, muito menos o seu conhecimento*" (BR-ITA-5-13); "*É importante respeitar o próximo como ele é, e como ele gostaria de ser chamado, pois o sexo não define a sua real identidade, muito menos o seu conhecimento*" (BR-ITA-5-13); "*Tema importante para compreender e respeitar a escolha do outro*" (BR-ITA-5-14); "*Muito bom* (BR-ITA-5-15); "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01); "Interessante" (BR-SC-5-04); "*relevante*" (BR-SC-5-05); "*Muito importante*" (BR-SC-5-07); "*Relevante*" (BR-SC-5-08); "*O gênero não-binário é aquele que não se identifica com nenhum dos gêneros (masculino ou feminino), e que independente do sexo, classe social devemos respeitar e tratar da maneira como ele se vê e gostaria*" (BR-ITA-5-12).

As expressões utilizadas pelos participantes confirmam o cuidado destes na adequação e no tratamento social para com as pessoas não binárias. A palavra comum mais utilizada é respeito.

Os ex-estudantes das duas universidades utilizam expressões semelhantes, embora os participantes da UFS sejam mais efusivos, conforme se observa no Quadro 15.

Sobre a valorização da não binariedade, centrada na construção/ reconstrução subjetiva da identidade, encontram-se as afirmações dos ex-estudantes da UMa: "*As pessoas deveriam ser respeitadas pelos outros* (PT-1-03); "*O mais importante é que cada um se sinta bem*" (PT-1-04); "*As pessoas devem ser tratadas como se sentem melhor*" (PT-1-07). Os ex-estudantes da UFS disseram: "*sempre lembrar como as pessoas querem ser tratadas*" (BR-ITA-3-05); "*Que devemos respeitar o próximo e perguntar como que ser tratado*" (BR-ITA-3-06); "*...e tam-*

bém para saber como tratar e se referir uma pessoa de gênero não-binário perguntando qual a melhor forma de tratá-la em relação ao gênero que se identifica" (BR-ITA-5-14).

QUADRO 15 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria de gênero não-binário (+).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: GÊNERO NÃO-BINÁRIO (+)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Valorização do conceito de gênero não-binário	"Muito interessante" (PT-1-02). "Devemos questionar como as pessoas devem ser tratadas" (PT-1-05). "Muito pertinente" (PT-5-21) "Respeito" (PT-5-17). "Relevante na atualidade" (PT-5-18).	"É um tema importante" (BR-ITA-3-02). "Não basta somente dizer que aceita algo, mas é preciso também se informar" (BR-ITA-3-03). "Bem esclarecido, complementando alguns conteúdos já vistos, (mararavilhose)" (BR-ITA-3-05). "É de grande relevância para entendemos como as pessoas querem ser tratadas, por isso é fundamental perguntar" (BR-ITA-4-08). "Interessante a forma da linguagem, para a conversa com o não binário" (BR-ITA-4-09). "O gênero não-binário é aquele que não si identifica com nenhum dos gêneros (masculino ou feminino), e que independente do sexo, classe social devemos respeitar e tratar da maneira como ele si vê e gostaria" (BR-ITA-5-12). "É importante respeitar o próximo como ele é, e como ele gostaria de ser chamado, pois o sexo não define a sua real identidade, muito menos o seu conhecimento" (BR-ITA-5-13). "Tema importante para compreender e respeitar a escolha do outro" (BR-ITA-5-14). "Muito bom" (BR-ITA-5-15). "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01). "Interessante" (BR-SC-5-04). "Relevante" (BR-SC-5-05). "Muito importante" (BR-SC-5-07). "Relevante" (BR-SC-5-08). "As pessoas precisam de estar atualizadas sobre" (BR-ITA-3-02).
Valorização da não-binaridade, centrada na construção/ reconstrução subjetiva da identidade	"O mais importante é que cada um se sinta bem" (PT-1-04). "As pessoas devem ser tratadas como se sentem melhor" (PT-1-07). "As pessoas não devem ser julgadas, mas sim respeitadas e integradas" (PT-2-08). "Estas pessoas não são compreendidas porque não existe muita informação sobre este tema" (PT-3-12). "As pessoas devem ser respeitadas" (PT-5-20).	"Sempre lembrar como as pessoas querem ser tratadas" (BR-ITA-3-05). "Que devemos respeitar o próximo e perguntar como que ser tratado" (BR-ITA-3-06). "E também para saber como tratar e se referir uma pessoa de gênero não-binário perguntando qual a melhor forma de tratá-la em relação ao gênero que se identifica" (BR-ITA-5-14).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Sobre os constrangimentos relativos à vivência do gênero não-binário, são os ex-estudantes da UFS que manifestam estranhamento perante a complexidade do tema e mencionam o seguinte: "*Por que quando se fala em ser aceito parece que são pessoas de outro mundo e não são, somos todos/as pessoas e como tudo*

com gostos, vivencias, vidas e amores diferentes. Vemos que ninguém quer ser igual ao outro mas grande parte quer exigir que sejam cisgêneros e héteros" (BR-ITA-4-11); "*É um questionamento pouco divulgado, muitos não tem o conhecimento de causa, com isso fica mais complicado entender*" (BR-SC-5-03); "*estar por dentro das coisas pra não acabar "sem querer" julgando ou cometendo um ato de preconceito com alguém*" (BR-ITA-3-03); "*Entendo que as pessoas podem ser uma coisa ou outra coisa, ou as duas coisas, mas pessoas que é uma coisa, nem outra, ainda é uma incógnita. Pra mim tenho pouca informação sobre o assunto*" (BR-ITA-3-04); "*Porém respeito, lutem e mudem pelo que acreditam e acham que tem importância. O português já é complexo e ainda mudar vogais porque a pessoa não se identifica, respeito as pessoas, seu gênero e a sexualidade de cada um, mas isso não acho necessário, os/as LGBTQI+ tem muita luta para as pessoas os/as respeitarem. Por que quando se fala em ser aceito parece que são pessoas de outro mundo e não são, somos todos/as pessoas e como tudo com gostos, vivencias, vidas e amores diferentes. Vemos que ninguém quer ser igual ao outro, mas grande parte quer exigir que sejam cisgêneros e héteros*" (BR-ITA-4-11); "*É um questionamento pouco divulgado, muitos não tem o conhecimento de causa, com isso fica mais complicado entender*" (BR-SC-5-03).

Verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência da não binariedade, motivada pela influência de padrões sociais estereotipados. Isso é justificado na referência de contextos sociais com tabus sobre esta temática e que dificultam a livre vivência do gênero.

Na análise comparativa dos discursos, observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de gênero não-binário e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. No entanto, verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS relativamente aos constrangimentos na vivência do gênero não binário. São os ex-estudantes da UFS que mais referem que os constrangimentos são causados pela influência de padrões sociais estereotipados.

A não valorização deste conceito, embora com menos ênfase, está expressa em afirmações dos ex-estudantes das duas Universidades. As justificações são muito semelhantes: "*confuso*" (PT-3-15); "*Um pouco desconexo*" (BR-ITA-3-04); "*É um tema um pouco complexo*" (BR-ITA-2-01);" *Eu não acho isso muito relevante não, não sei se porque não é comigo não tenho essa necessidade*" (BR-

-ITA-4-11); "*Confuso*" (BR-SC-5-09. "A*cho que quanto mais conceitos criam, mais confuso se torna de compreender. Porque simplesmente cada um não pode ser como é, sem ter que se encaixar num determinado conceito?*" (PT-2-09). É possível que o questionamento continuado tenha originado alguma fadiga entre os participantes. No entanto, estão presentes a expressões de estranhamento face ao conceito de gênero não-binário. O estranhamento assume uma posição radical na voz desta participante: "*Acredito que Deus criou homem e mulher*" (BR--SC-5-06). A participante muda o tema para mostrar total indisponibilidade para continuar a discutir este conceito.

QUADRO 16 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria gênero não-binário (-).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PAPEL DE GÊNERO (-)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Constrangimentos na vivência da não-binaridade, motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.	"As pessoas deveriam ser respeitadas pelos outros" (PT-1-03).	"Estar por dentro das coisas pra não acabar *"sem querer"* julgando ou cometendo um ato de preconceito com alguém" (BR-ITA-3-03). "Entendo que as pessoas podem ser uma coisa ou outra coisa, ou as duas coisas, mas pessoas que é uma coisa, nem outra, ainda é uma incógnita. Pra mim tenho pouca informação sobre o assunto" (BR-ITA-3-04). "Porém respeito, lutem e mudem pelo que acreditam e acham que tem importância. O português já é complexo e ainda mudar vogais porque a pessoa não se identifica, respeito as pessoas, seu gênero e a sexualidade de cada um mas isso não acho necessário, os/as LGBTQI+ tem muita luta para as pessoas os/as respeitarem. Por que quando se fala em ser aceito parece que são pessoas de outro mundo e não são, somos todos/as pessoas e como tudo com gostos, vivencias, vidas e amores diferentes. Vemos que ninguém quer ser igual ao outro, mas grande parte quer exigir que sejam cisgêneros e héteros" (BR-ITA-4-11). "É um questionamento pouco divulgado, muitos não tem o conhecimento de causa, com isso fica mais complicado entender' (BR-SC-5-03).
Não valorização do conceito de gênero não-binário	"Confuso" (PT-3-15). "Acho que quanto mais conceitos criam, mais confuso se torna de compreender. Porque simplesmente cada um não pode ser como é, sem ter que se encaixar num determinado conceito?" (PT-2-09).	"Acredito que Deus criou homem e mulher" (BR-SC-5-06). "Um pouco desconexo" (BR-ITA-3-04). "É um tema um pouco complexo" (BR--ITA-2-01). "Eu não acho isso muito relevante não, não sei se porque não é comigo não tenho essa necessidade" (BR-ITA-4-11). "Confuso" (BR-SC-5-09).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

QUADRO 17 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria de gênero não-binário (**N**).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: GÊNERO NÃO-BINÁRIO (N)		
Fenômeno	**Ex-estudandes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Desconhecimenti do conceito de gênero não-binário	"Este tema está a se revelar mais profundo do que eu conhecia. Desconhecia por completo o termo utilizado" (PT-3-11). "Desconhecia este termo" (PT-3-13). "Não sabia. São muitos conceitos e dificulta a compreensão" (PT-3-14). "Parece estranho" (PT-5-19). "Não conhecia este tema" (PT-5-22). "Este conceito não é muito conhecido" (PT-3-10). "O Conceito de gênero não-binário não é muito conhecido" (PT-3-12). "Termo desconhecido, porém, de fácil compreensão, aquando do esclarecimento" (PT-1-01). "Um tema que não me faz quaisquer confusões" (PT-1-04).	"Não tenho opinião ainda formada, mas saiba que têm o meu respeito" (BR-ITA-3-07). "Precisamos ter mais conhecimento sobre ele, pois é algo que não ouvimos com frequência sobre o mesmo, e assim não chegar ao ponto de ofender por falta entendimento" (BR-ITA-4-10). "Não conhecia muito sobre esse gênero" (BR-ITA-5-16). "Nenhum [conhecimento]" (BR-ITA-5-17). "É um questionamento pouco divulgado, muitos não tem o conhecimento de causa, com isso fica mais complicado entender" (BR-SC-5-03) .

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Sobre o desconhecimento do conceito de pessoa não-binária, são os participantes da UMa os que mais afirmam: "*Desconhecia este termo*" (PT-3-13); "*Não sabia. São muitos conceitos e dificulta a compreensão" (PT-3-14); "Parece estranho*" (PT-5-19); "*Não conhecia este tema*" (PT-5-22); "*Este conceito não é muito conhecido*" (PT-3-10); "*O Conceito de gênero não-binário não é muito conhecido*" (PT-3-12); "*Termo desconhecido, porém de fácil compreensão, aquando do esclarecimento*" (PT-1-01).

Os participantes da UFS, em menor número, também dizem desconhecer o conceito: "*Não tenho opinião ainda formada, mas saiba que têm o meu respeito*" (BR-ITA-3-07); "*Precisamos ter mais conhecimento sobre ele, pois é algo que não ouvimos com frequência sobre o mesmo, e assim não chegar ao ponto de ofender por falta entendimento*" (BR-ITA-4-10); "*Não conhecia muito sobre esse gênero" (BR-ITA-5-16); "É um questionamento pouco divulgado, muitos não tem o conhecimento de causa, com isso fica mais complicado entende*r" (BR-SC-5-03).

Estes dados dão conta da necessidade de ações informativas no campo da educação e no meio acadêmico para que o conceito de gênero, nas suas mais variadas expressões, ganhe outra familiaridade.

Conclusão

Os ex-estudantes de ambas as Universidades revelam não conhecer o conceito de gênero não-binário. As respostas estão globalmente muito próximas, embora com um resultado superior nos participantes na UMa. As respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam pouca participação em conversas e debates sobre este tema. A grande maioria nunca participou em conversas e debates sobre gênero não-binário. Existe uma pequena percentagem de ex-estudantes da UMa que afirmam que raramente participaram em ações sobre este tema. As respostas dos ex-estudantes na Universidade Federal de Sergipe confirmam igualmente pouca participação embora com menor percentagem de respostas. Destacamos ainda um pequeno grupo de ex-estudantes que afirmaram que sempre participaram.

Comparando os resultados dos dois grupos, verifica-se que ambos confirmam pouco envolvimento em conversas e debates sobre gênero não binário, sendo o grupo dos ex-estudantes da Universidade da Madeira o que diz participar menos. Existe um grupo de ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe que afirmou que sempre participou em conversas e debates sobre gênero não binário.

As respostas são semelhantes nos ex-estudantes das duas Universidades, embora mais efusivas nos participantes da UFS. Sobre os constrangimentos relativos à vivência do gênero não binário, são os ex-estudantes da UFS que referem que aqueles são causados pelos padrões sociais estereotipados. Também verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência da não binariedade, motivada pela influência de padrões sociais estereotipados.

Na análise comparativa dos discursos observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de gênero não-binário e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. No entanto, verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS relativamente aos constrangimentos na vivência do gênero não binário. São os ex-estudantes da UFS que mais referem que os constrangimentos são causados pela influência de padrões sociais estereotipados.

Além disso, são os participantes da UMa os que mais afirmam desconhecer o conceito de gênero não binário. Alguns participantes da UFS, em menor núme-

ro, também dizem desconhecer o conceito.

Verifica-se, também, com menos ênfase, fenômenos de não valorização do conceito de gênero não binário. Uma participante mostrou total indisponibilidade para continuar a discutir este conceito.

Uma vez que a maioria dos participantes das duas Universidades valorizam o conceito de gênero não binário, deduz-se que são favoráveis à subversão do gênero, como aspeto considerado legítimo e importante para a afirmação dos sujeitos na produção de corpos performativamente inteligíveis e críticos. No entanto, os participantes não se manifestaram sobre o tratamento social das pessoas não binárias como fundamental para a inclusão destas. Este cuidado operativo da inclusão da diversidade sexual e de gênero implica a adequação da linguagem e o questionamento individual sobre a forma como se dirigir socialmente às pessoas não-binárias.

Conclui-se que há necessidade de ações informativas no campo da educação e no meio acadêmico para que o conceito de gênero não-binário ganhe plena familiaridade e conhecimento. Dessa forma, este trabalho poderá contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia (DIAS; SILVA; RIOS, 2020; BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021; PALMEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO; DIAS; OLIVEIRA; BRAZÃO, 2021).



O que dizem os estudantes sobre ORIENTAÇÃO SEXUAL

Introdução

As diversificadas possibilidades de viver os prazeres e os desejos do corpo, as diferentes masculinidades e feminilidades estão historicamente, e do ponto de vista social, mais afirmativas e mais explícitas, embora não tenham ainda desaparecido as tentativas de regulação por parte dos que sentem essa ação como ameaça. Para Louro (2000), desde os anos 60 do século passado, a discussão sobre identidades e as práticas sexuais e de gênero tem se tornando intensa, protagonizada pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas. Em outras palavras:

> Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como «política de identidades» (STUART HALL, 1997, citado por LOURO, 2000).

Reconhecendo que somos sujeitos de múltiplas identidades, pelo caráter fragmentado, instável, histórico e plural de que as identidades sociais se constituem e que é comumente aceito, por exemplo, a transitoriedade das identidades de classe, faz sentido naturalizar o caráter transitório das identidades de gênero e sexuais.

No espaço da academia, o debate atual sobre a diversidade sexual e gênero é fundamental para incentivar a renovação conceitual sobre a inclusão nas várias dimensões organizacionais das instituições (DIAS *et al.*, 2017; PINTO *et al.* 2017; RIOS *et al.*, 2018; DIAS, 2020; MEDEIROS; SANTOS, 2020). Quando se trata de temas sobre gênero, sexo e corpo, verificamos que os ambientes escolares, influenciados pelo padrão heteronormativo, não proporcionam a todos os atores educativos um clima permeável à consolidação da produção de subjetividade, sobretudo aos atores que se tornam visíveis pelas construções discursivas de análises sociais. Importa, por isso, fazer com que as instituições garantam a liberdade e

inclusão de todos, resistindo ao autoritarismo e à opressão ou a qualquer forma de discriminação. (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021). Por este motivo é necessário colocar uma lente dissidente, não normativa, enquanto ato político, sobre estes temas, em conformidade com as influências dos estudos pós-identitários. (DIAS; BRAZÃO, 2021).

Assim como a discussão empreendida no capítulo anterior, na sequência será apresentada a discussão sobre o conceito de "orientação sexual", presente também no estudo comparativo na Universidade da Madeira, UMa (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe, UFS (Brasil), intitulado "*Vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica*" (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021). Também foram já publicados resultados parciais deste estudo sobre diversidade sexual e de gênero (BRAZÃO; DIAS, 2021a; BRAZÃO; DIAS, 2021a, 2021b).

Neste capítulo, tenta-se saber como são entendidos e valorizados pelos ex-estudantes das duas Universidades em estudo (UMa e UFS), o conceito de orientação sexual e demais inerentes, adiante explicitados. Para a apresentação e descrição dos conceitos optou-se por uma fonte de informação que utiliza uma linguagem popular para que o trato comunicacional seja o mais inclusivo possível. Para tanto, elegemos o Youtube como plataforma multicultural e o formato *vídeopodcast*. Selecionou-se o vídeo "Canal das Bee (2018). Guia Básico #3. Orientação sexual", acessível no link https://youtu.be/Hg4lPITZNyc . O vídeo tem a duração de 4 minutos e 33 segundos e explicita o conceito de "orientação sexual", definido como o desejo afetivo e erótico de cada pessoa; o conceito de "heterossexual", atribuído às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras do sexo oposto; o conceito de "homossexual", referente às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras do mesmo sexo; o conceito de "bissexual", atribuído às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras pessoas do mesmo sexo e com os do sexo oposto; o conceito de "panssexual", atribuído às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com todas as outras pessoas, independente do sexo; o conceito de "assexual", relativo às pessoas que não desenvolvem relacionamentos sexuais com outras pessoas.

Refere-se também que deverá haver descrição no trato social com todas as pessoas, relativamente à sua orientação sexual. No caso de se tratar de uma pessoa homossexual feminino denomina-se de mulher "lésbica" e o termo popular é

"sapatão" (no Brasil); no caso de se tratar de uma pessoa homossexual masculino, denomina-se (popularmente) de "gay" (no Brasil e em Portugal), ou "viado" (no Brasil). É importante considerar que a linguagem a usar no modo de tratar os homossexuais, deverá estar de acordo com os contextos sociais em que as pessoas se encontram. Os termos populares de "viado" e de "sapatão" são ainda considerados pejorativos e por esse motivo só podem ser aplicados em contextos em que as pessoas autorizem essa forma de tratamento.

Em relação à categoria Orientação Sexual, foi solicitado aos ex-estudantes que assistissem ao vídeo "*@Canal das Bee (2018d), Guia Básico#3. Orientação sexual"*. Publicado em 16 de setembro de 2021.

QUADRO 18 - Transcrição do conteúdo verbal do vídeo "Orientação sexual".

Orientação sexual, que é isso? … [é o desejo] … pela pessoa por quem você se apaixona … como você ama … como você quer se relacionar sexualmente ou não … é isso … o que eu gosto, com quem me relacionar … orientação sexual … [o desejo afetivo e erótico de cada pessoa] … Eu sou o que uma mulher que gosta de outras mulheres … isso faz de mim uma homossexual … uma mulher lésbica … e você? … Eu sou um viado … pode chamar viado? … Eu acho que é o seguinte: só de viado e sapatão pode chamar se você estiver num grupo que permita que se use essas palavras … porque viado e sapatão ainda é uma coisa pejorativa … sobretudo para pessoas mais velhas … Então se no seu grupo de amigos ninguém liga [ninguém se ofende] então tudo bem … Agora não sai por aí chamando de viado e sapatão para qualquer pessoa porque isso pode ser ofensivo … E tenho que lembrar também que depende muito da intenção … Se você já entendeu que chamar viado e sapatão não é considerado desvio de caráter, então pode continuar a chamar … Mas não é todo o mundo que aceita ser chamado assim … eu sou um homem que gosta de homens, conhecido como HOMOSSEXUAL ou também … gay, viado … Agora temos também as pessoas bissexuais … Os BISSEXUAIS existem e eles gostam de se relacionar com pessoas do mesmo sexo e com pessoas do sexo oposto …e ainda existem pessoas PANSSEXUAIS, porque não importa a identidade de gênero … são aquelas pessoas que se apaixonam pela alma … e a alma não tem identidade … A gente tem que aceitar que o ser humano é diverso e que as pessoas são livres para amar como elas querem … Isso faz da gente um grupo muito diverso …E também tem aquela pessoas que se atraem pelo sexo oposto … são os HETEROSSEXUAIS …exatamente … E também existem pessoas que estão fora desta caixinha … são pessoas ASSEXUAIS … que não gostam de ter relações sexuais com nenhum gênero … que não gostam de sexo … e tudo bem também … Então você pensa: [de um lado] aqui estão os HETEROSSEXUAIS, [no outro lado] ali estão os HOMOSSEXUAIS … no meio estão os BISSEXUAIS, os PANSSEXUAIS estão na região … e os ASSEXUAIS estão fora da caixinha… e tudo bem … outro lugar … porque são pessoas que se apaixonam romanticamente por pessoas de qualquer gênero, mas não têm relações sexuais … e tudo bem … Mas também não vai perguntar: Oi como é a sua orientação sexual ? … Isso não se faz assim … é isso gente … Está explicado?

Fonte - Canal das Bee (2018d).

Os textos com as afirmações dos ex-estudantes foram arrumados por unidades de significação semântica, seguindo a metodologia de análise de dados adotada, conforme o Quadro 19 abaixo.

QUADRO 19 - Categorização dos discursos dos ex-estudantes.

Categoria: SEXO E GÊNERO	
Subcategoria	**Fenômenos**
ORIENTAÇÃO SEXUAL (+)	Valorização do conceito de orientação sexual.
	Direito à orientação sexual centrada na percepção subjetiva da identidade.
ORIENTAÇÃO SEXUAL (-)	Constrangimentos relativos à orientação sexual, motivados pelos padrões sociais e esteriotipados.
	Não valorização do conceito de orientação sexual.
ORIENTAÇÃO SEXUAL (N)	Desconhecimento do conceito de orientação sexual.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Considerou-se que "SEXO E GÊNERO" seria a categoria principal que inclui três subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenômenos, conforme se apresenta no Quadro 19.

Assim, para considerações positivas acerca do conceito de ORIENTAÇÃO SEXUAL (+), categorizaram-se os fenômenos da seguinte forma: valorização do conceito de orientação sexual; direito à orientação sexual, centrada na perceção subjetiva da identidade.

Para considerações negativas acerca do conceito de ORIENTAÇÃO SEXUAL (-), categorizaram-se os fenômenos deste modo: constrangimentos relativos à orientação sexual, motivados pelos padrões sociais estereotipados; não valorização do conceito de orientação sexual.

Para considerações acerca do desconhecimento do conceito de orientação sexual, consideraram-se a subcategoria ORIENTAÇÃO SEXUAL (N).

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da subcategoria papel de gênero, conforme Quadro 20.

QUADRO 20 - Análise do discurso verbal do víedo "Guia Básico#3 Orientação Sexual".

Subcategoria: ORIENTAÇÃO SEXUAL	
Conteúdo semântico	**Considerações**
ORIENTAÇÃO SEXUAL, que é isso? … [é o desejo] … pela pessoa por quem você se apaixona … como você ama … como você quer se relacionar sexualmente ou não … é isso … o que eu gosto, com quem me relacionar … orientação sexual …	Definição do conceito de ORIENTAÇÃO SEXUAL como o desejo afetivo e erótico de cada pessoa.
… eu sou o que uma mulher que gosta de outras mulheres … isso faz de mim uma homossexual … uma mulher lésbica … e você?	Definição do conceito de homossexual feminino – mulher LÉSBICA
… eu sou um viado … pode chamar viado? … eu acho que é o seguinte: só de viado e sapatão pode chamar, se você estiver num grupo que permita que se use essas palavras	Definição do conceito de homossexual masculino usando o termo popular de viado. Apresentação do termo homossexual feminino usando a designação popular de sapatão
… porque viado e sapatão ainda é uma coisa pejorativa … sobretudo para pessoas mais velhas … então se no seu grupo de amigos ninguém liga [ninguém se ofende] então tudo bem	Os termos populares de viado e de sapatão são ainda considerados pejorativos.
… agora não sai por aí chamando de viado e sapatão para qualquer pessoa porque isso pode ser ofensivo … e tenho que lembrar também que depende muito da intenção … se você já entendeu que chamar viado e sapatão não é considerado desvio de caráter então pode continuar a chamar … mas não é todo o mundo que aceita ser chamado assim	Discussão sobre a linguagem a usar no modo de tratar os homossexuais, tendo em conta os contextos sociais em que se encontram.
… eu sou um homem que gosta de homens, conhecido como HOMOSSEXUAL ou também … gay, viado	Apresentação do termo homossexual masculino e correspondentes designações populares de gay e viado
… agora temos também as pessoas bissexuais … os BISSEXUAIS existem e eles gostam de se relacionar com pessoas do mesmo sexo e com pessoas do sexo oposto	Definição do conceito de BISSEXUAL para pessoas que gostam de se relacionar com indivíduos do mesmo sexo e com os do sexo oposto
…e ainda existem pessoas PANSSEXUAIS, porque não importa a identidade de gênero … são aquelas pessoas que se apaixonam pela alma … e a alma não tem identidade	Definição do conceito de PANSSEXUAL para pessoas que gostam de se relacionar com outras do mesmo sexo e com os do sexo oposto

… a gente tem que aceitar que o ser humano é diverso e que as pessoas são livres para amar como elas querem … isso faz da gente um grupo muito diverso	Apresentação da diversidade sexual como natural no ser humano.
…e também tem aquela pessoas que se atraem pelo sexo oposto … são os HETEROSSEXUAIS …exatamente	Definição do conceito de HETEROSSEXUAL para pessoas que gostam de se relacionar com outras do sexo oposto.
… e também existem pessoas que estão fora desta caixinha … são pessoas ASSEXUAIS … que não gostam de ter relações sexuais com nenhum gênero … que não gostam de sexo … e tudo bem também	Definição do conceito de ASSEXUAL para pessoas que não gostam de se relacionar sexualmente com outras pessoas.
… então você pensa: [de um lado] aqui estão os HETEROSSEXUAIS, [no outro lado] ali estão os HOMOSSEXUAIS … no meio estão os BISSEXUAIS, os PANSSEXUAIS estão na região … e os ASSEXUAIS estão fora da caixinha… e tudo bem … outro lugar … porque são pessoas que se apaixonam romanticamente por pessoas de qualquer gênero mas não têm relações sexuais … e tudo bem	Síntese sobre a diversidade de conceitos apresentados e explanados no vídeo: HETEROSSEXUAIS, HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS, PANSSEXUAIS e ASSEXUAIS
… mas também não vai perguntar: Oi como é a sua orientação sexual ? … isso não se faz assim … é isso gente … está explicado? …	Síntese sobre a descrição no trato social com as pessoas relativamente à sua orientação sexual.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

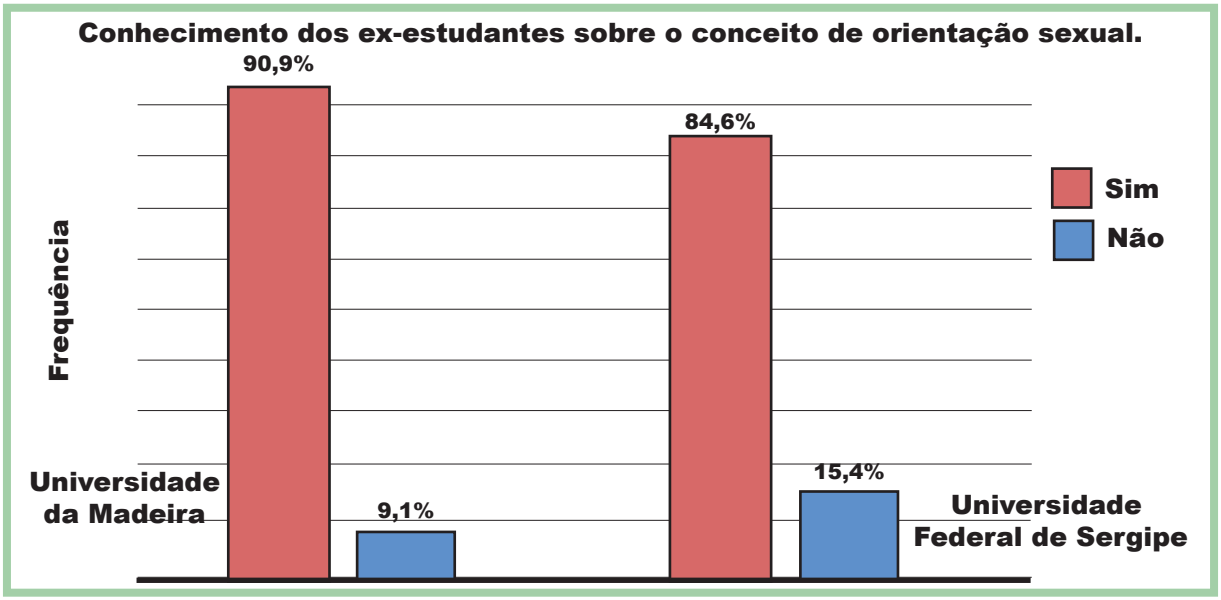
A partir do exposto acima, foi possível constatar o seguinte: a) O conceito de ORIENTAÇÃO SEXUAL é definido como o desejo afetivo e erótico de cada pessoa; b) O conceito de HETEROSSEXUAL é atribuído às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras do sexo oposto; c) O conceito de HOMOSSEXUAL é atribuído às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras do mesmo sexo. No caso de se tratar de uma homossexual feminina denomina-se de mulher LÉSBICA e o termo popular é sapatão (no Brasil); no caso de se tratar de um homossexual masculino, denomina-se (popularmente) de gay (no Brasil e em Portugal), ou "viado" (no Brasil); d) A discussão sobre a linguagem a usar no modo de tratar os homossexuais, tem muito a ver com os contextos sociais em que se encontram. Os termos populares de viado e de sapatão são ainda considerados pejorativos e por esse motivo só podem ser aplicados em contextos em que as pessoas autorizem essa forma de tratamento; e) O conceito de BISSEXUAL é atribuído às pessoas que

desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras pessoas do mesmo sexo e com os do sexo oposto; f) O conceito de PANSSEXUAL é atribuído às pessoas que desenvolvem relacionamentos sexuais e/ou socioafetivos com outras do mesmo sexo e com os do sexo oposto; g) O conceito de ASSEXUAL é atribuído às pessoas que não desenvolvem relacionamentos sexuais com outras pessoas; h) Deverá haver sempre descrição no trato social com todas as pessoas, relativamente à sua orientação sexual.

Este bloco de informações breves (tanto de âmbito contextual como de âmbito específico) situou os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de orientação sexual, no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Da mesma forma que as discussões empreendidas nos capítulos anteriores acerca das outras categorias de análise, neste capítulo o conhecimento do conceito de orientação sexual, as respostas dos ex-estudantes de ambas as Universidades estão globalmente muito próximas. Na UMa, 90,9% dos ex-estudantes dizem que conhecem o conceito e na UFS, 84,6% também afirmam o mesmo. Correspondentemente, 9,1% dos ex-estudantes da UMa e 15,4% dos ex-estudantes da UFS respondem não ter conhecimento do conceito de papel de gênero. As respostas em ambas as Universidades são muito semelhantes, embora os participantes da UMa registem maior percentagem relativamente ao conhecimento do conceito de orientação sexual, conforme se verifica na Figura 7.

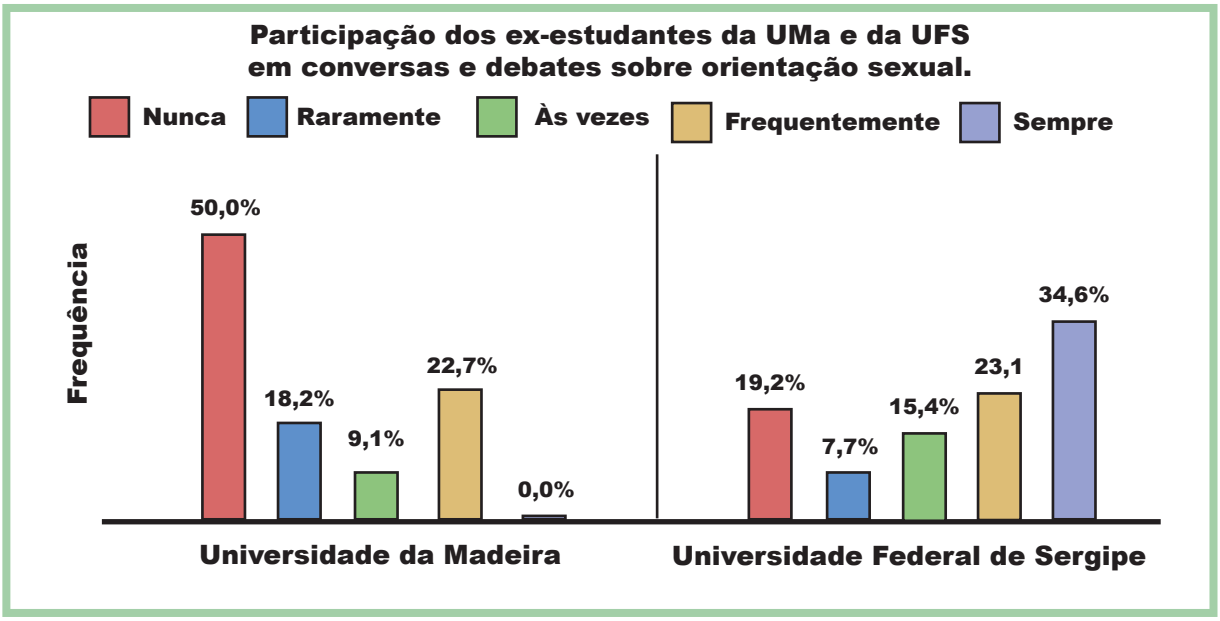
FIGURA 7 - Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de orientação sexual.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Relativamente à participação dos ex-estudantes em conversas e debates sobre orientação sexual, as respostas em ambas as Universidades são diferenciadas. Na UMa, 50,0% dos ex-estudantes dizem que nunca participaram em conversas e debates sobre gênero, 18,2% afirmam raramente, 9,1% referiram às vezes e 22,7% referiram frequentemente. Nenhum dos ex-estudantes referiu que sempre participou. Na UFS, 19,2% dos ex-estudantes responderam que nunca participaram em conversas e debates sobre gênero, 7,7% afirmam que raramente participaram, 15,4% referiram às vezes, 23,1% responderam que participaram frequentemente e 34,6% referiram que sempre participaram, conforme se verifica na Figura 8.

FIGURA 8 - Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre orientação sexual.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Comparando os resultados, verifica-se que há maior conhecimento sobre o conceito de orientação sexual entre os ex-estudantes da UMa, mas também se observa um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do tema orientação sexual. Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a pouca adesão a essa iniciativa.

Na análise de conteúdo das afirmações relativas à valorização do conceito de orientação sexual, conforme se observa no Quadro 21, vemos que este tema é o

mais conhecido de todos os assuntos discutidos na pesquisa em que este trabalho se insere. Os ex-estudantes na Universidade da Madeira disseram: "*Tema atual, com muito mais impacto do que os restantes*" (PT-1-01); "*Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas*" (PT-1-06); "*Devemos aceitar e respeitar a orientação sexual de cada um*" (PT-3-10); "*Concordo com a liberdade da orientação sexual*" (PT-3-11). "*Deve-se respeitar*" (PT-3-13); "*Importante para perceber o conceito*" (PT-5-21); "*É importante estar informado sobre este tema*" (PT-5-22); "*Relevante na atualidade*" (PT-5-18).

Também nesta subcategoria, as afirmações dos ex-estudantes na Universidade de Sergipe foram as seguintes: "É um tema que deveria ser mais abordado em debates e palestras para uma boa compreensão de todos" (BR-ITA-2-01); "Muito bom" (BR-ITA-3-04); "Muito bom, bem conhecido por mim" (BR-ITA-3-05); "Muito bom, pois trabalha com as diferenças de casa ser humano e suas várias formas de sexualidade" (BR-ITA-4-08); "Um tema bastante importante" (BR-ITA-5-16); "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01); "Tranquilo, Normal, Comum" (BR-SC-5-04); "relevante" (BR-SC-5-05); "Importante" (BR--SC-5-09); "Importantíssimo" (BR-SC-5-07); "Relevante" (BR-SC-5-08).

Verifica-se que tanto os participantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de orientação sexual, bem como referem atitudes adequadas para com as pessoas com relação a este tema.

No que diz respeito às afirmações relativas ao direito à orientação sexual centrada na perceção subjetiva da identidade, os ex-estudantes na Universidade da Madeira disseram: "*Cada pessoa tem direito à sua orientação sexual, devemos aceitar e respeitar*" (PT-3-12); "*Este tema é muito abordado pela sociedade em geral. Cada pessoa deve viver de acordo com a sua forma de sentir*" (PT-1-03); "*Pessoas gostam de outras pessoas, quer sejam homens ou mulheres*" (PT-2-09); "*Acho que a orientação sexual diz respeito a cada um e mais ninguém*" (PT-3-13); "*Todos devemos respeitar a orientação sexual de cada um*" (PT-5-17); "*Importante para aprender a respeitar*" (PT-5-19); "*Cada um deve viver conforme se sente" (PT-5-20); "O importante é haver amor entre as pessoas" (PT-3-15); "Para mim o amor é o mais importante*" (PT-4-16).

Os ex-estudantes na Universidade de Sergipe disseram: "Acho um tema já mais popular" (BR-ITA-3-02); "*A base de tudo ainda é o respeito. Lembrando também do livre-arbítrio, ou seja, não cabe ao outro decidir por mim. É indispensável entender e lembrar isso*" (BR-ITA-3-03); "*Importante saber que as*

pessoas podem se relacionar e se atraíram por outras do mesmo sexo, ou sexo oposto, ou os dois sexos. Sem regras, tabus" (BR-ITA-3-04); "*respeito em primeiro lugar, aceitar as pessoas como el@s s@o e como se identificam*" (BR-ITA-3-05); "*São as pessoas que te atrai e não importa o gênero*" (BR-ITA-3-06); "N*ós devemos respeitar as escolhas dos demais, em querer se relacionar com as pessoas que gostam, que atraem*" (BR-ITA-4-10); "*o importante é se relacionar com quem a pessoa tente atração, tesão e amor*" (BR-ITA-4-11); "*Cada indivíduo deve ser respeitado como ele é e se identifica e não ser desrespeitado quanto a sua orientação sexual*" (BR-ITA-5-12); "*É importante que as pessoas entendam e respeite que cada um tem o direito de escolher e si relacionar com o que gostar*" (BR-ITA-5-13); "*Um tema relevante para que a sociedade compreenda que cada um está livre para escolher com quem deve se relacionar, independentemente de gênero*" (BR-ITA-5-14); "*Cada um deve ser respeitado*" (BR-ITA-5-15); "*deve ser bem esclarecido e trabalhado principalmente na escola*." (BR-ITA-5-16); "*Auxilia a compreender os modos de vida, que não nos enquadramos em caixinhas, somos diversos*" (BR-SC-5-02). Estes participantes das duas universidades consideram que o direito à orientação sexual centrada na percepção subjetiva da identidade é um valor social. Utilizam expressões como: "**respeito**" "**direito a escolher**" "**relação**", "**relacionar**", "**amor**", "**atração**" "**decisão**" e "**individual**". As respostas são muito semelhantes nos ex-estudantes das duas Universidades, conforme se observa no Quadro 21.

QUADRO 21 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria orientação sexual (+).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: ORIENTAÇÃO SEXUAL (+)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Valorização do conceito de orientação sexual	"Tema atual, com muito mais impacto do que os restantes" (PT-1-01). "Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas" (PT-1-06). "Devemos aceitar e respeitar a orientação sexual de cada um" (PT-3-10). "Concordo com a liberdade da orientação sexual" (PT-3-11). "Deve-se respeitar" (PT-3-13). "Importante para perceber o conceito" (PT-5-21). "É importante estar informado sobre este tema" (PT-5-22). "Relevante na atualidade" (PT-5-18).	"É um tema que deveria ser mais abordado em debates e palestras para uma boa compreensão de todos" (BR-ITA-2-01). "Muito bom" (BR-ITA-3-04). "Muito bom, bem conhecido por mim" (BR-ITA-3-05). "Muito bom, pois trabalha com as diferenças de casa ser humano e suas várias formas de sexualidade" (BR-ITA-4-08). "Um tema bastante importante" (BR-ITA-5-16). "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01). "Tranquilo. Normal. Comum" (BR-SC-5-04). "Relevante" (BR-SC-5-05). "Importante" (BR-SC-5-09). "Importantíssimo" (BR-SC-5-07). "Relevante" (BR-SC-5-08).

Direito à orientação sexual centrada na percepção subjetiva da identidade.	“Cada pessoa tem direito à sua orientação sexual, devemos aceitar e respeitar” (PT-3-12). “Este tema é muito abordado pela sociedade em geral. Cada pessoa deve viver de acordo com a sua forma de senti” (PT-1-03). “Pessoas gostam de outras pessoas, quer sejam homens ou mulheres” (PT-2-09). “As pessoas muitas vezes sofrem na sociedade porque existe falta de informação sobre este assunto. Este tema deveria ser abordado desde muito cedo nas escolas, mas muitas vezes é considerado tema tabu” (PT-3-12). “Acho que a orientação sexual diz respeito a cada um e mais ninguém” (PT-3-13) “O importante é haver amor entre as pessoas” (PT-3-15). “Para mim o amor é o mais importante” (PT-4-16). “Todos devemos respeitar a orientação sexual de cada um” (PT-5-17. “Importante para aprender a respeitar” (PT-5-19). “Cada um deve viver conforme se sente” (PT-5-20).	“Acho um tema já mais popular” (BR-ITA-3-02) “A base de tudo ainda é o respeito. Lembrando também do livre-arbítrio, ou seja, não cabe ao outro decidir por mim. É indispensável entender e lembrar isso” (BR-ITA-3-03) “Importante saber que as pessoas podem se relacionar e se atraíram por outras do mesmo sexo, ou sexo oposto, ou os dois sexos. Sem regras, tabus” (BR-ITA-3-04) “Respeito em primeiro lugar, aceitar as pessoas como el@s s@o e como se identificam” (BR-ITA-3-05) “São as pessoas que te atrai e não importa o gênero” (BR-ITA-3-06). “Nós devemos respeitar as escolhas dos demais, em querer se relacionar com as pessoas que gostam, que atraem” (BR-ITA-4-10). “O importante é se relacionar com quem a pessoa tente atração, tesão e amor” (BR-ITA-4-11). “Cada individuo deve ser respeitado como ele é e se identifica e não ser desrespeitado quanto a sua orientação sexual” (BR-ITA-5-12). “É importante que as pessoas entendam e respeite que cada um tem o direito de escolher e si relacionar com o que gostar” (BR-ITA-5-13). “Um tema relevante para que a sociedade compreenda que cada um está livre para escolher com quem deve se relacionar, independentemente de gênero” (BR-ITA-5-14). “Cada um deve ser respeitado” (BR-ITA-5-15). deve ser bem esclarecido e trabalhado principalmente na escola” (BR-ITA-5-16). “Auxilia a compreender os modos de vida, que não nos enquadramos em caixinhas, somos diversos” (BR-SC-5-02).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes na subcategoria orientação sexual (+), observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam este conceito e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este tema.

Relativamente aos constrangimentos relativos à orientação sexual, motivados pelos padrões sociais estereotipados, um ex-estudante da UMa disse: “*as pessoas muitas vezes sofrem na sociedade porque existe falta de informação sobre este assunto. Este tema deveria ser abordado desde muito cedo nas escolas, mas muitas vezes é considerado tema tabu*” (PT-3-12);

Os ex-estudantes da UFS também referiram: “*ainda enfrenta muitos preconceitos*” (BR-ITA-3-02); “*não rotular o outro por conta dele si relacionar com uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto*” (BR-ITA-5-13); “*É um tema mais*

abrangente, mesmo assim bastante contraditório perante os conservadores e a religião em si." (BR-SC-5-03).

Os participantes das duas Universidades reconhecem a influência negativa que os tabus e os preconceitos desenvolvem na discussão deste tema e consideram fundamental o desenvolvimento de ações educativas com vista à resolução deste problema.

Na análise de conteúdo das afirmações relativas a não valorização do conceito de orientação sexual, conforme o Quadro 22, os ex-estudantes na Universidade da Madeira disseram: "*Acho que não é necessário haver um conceito para definir a forma como as pessoas amam ou se atraem pelos outros. Acho que são os próprios termos que criam preconceitos. Não é preciso haver "caixinhas" para sermos aceites, temos é que ser respeitados como somos...*" (PT-2-09); "*Não é preciso especificar tanto conceito para respeitar e aceitar as pessoas tal como são*" (PT-3-14). Estas afirmações, embora com linguagem assertiva, revelam ainda a presença de tabus que levam os participantes a não concordarem com a discussão deste tema.

Os ex-estudantes na Universidade de Sergipe comentam: "*Cada um com seu cada qual, mas se ele quiser pode ser todo mundo junto e misturado*" (BR-ITA-4-09); "*Acredito que Deus criou homem e mulher*" (BR-SC-5-06). A primeira afirmação possui uma enorme carga pejorativa. A participante expressa desconforto quando questionada com sobre um tema que lhe causa embaraço e resolve emitir juízos de valor sobre os quais sabe que são desconsiderantes. A segunda afirmação revela que a participante fez uma fuga à resposta, motivada ou pelo desconforto do tema ou pelo fato de possuir referências confessionais que a bloqueiam na resposta. Pensamos que estas duas respostas são exemplos da presença de tabus sobre a orientação sexual, o tema aqui discutido.

Verifica-se nestes participantes das duas Universidades algum desconforto na discussão deste tema, o que nos faz supor a presença de preconceito ou tabu sobre o conceito de orientação sexual.

Relativamente à não expressão de opinião sobre o conceito de orientação sexual, os participantes da UMa e da UFS disseram: "*Não vejo qualquer problema, desde que cada um seja feliz*" (PT-1-04); "*Ainda sem opinião*" (BR-ITA-3-07). Interrogamo-nos sobre as razões que terão levado estes participantes a não expressarem opinião, após o visionamento de um vídeo sobre este tema.

QUADRO 22 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria orientação sexual (-)

Categoria: GÊNERO Subcategoria: ORIENTAÇÃO SEXUAL (-)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Constrangimentos relativos à orientação sexual, motivados pelos padrões sociais esteriotipados.	"As pessoas muitas vezes sofrem na sociedade porque existe falta de informação sobre este assunto. Este tema deveria ser abordado desde muito cedo nas escolas, mas muitas vezes é considerado tema tabu" (PT-3-12).	"Ainda enfrenta muitos preconceitos" (BR-I-TA-3-02). "Não rotular o outro por conta dele si relacionar com uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto" (BR-ITA-5-13). "É um tema mais abrangente, mesmo assim bastante contraditório perante os conservadores e a religião em si" (BR-SC-5-03).
Não valorização do conceito de orientação sexual	"Acho que não é necessário haver um conceito para definir a forma como as pessoas amam ou se atraem pelos outros. Acho que são os próprios termos que criam preconceitos. Não é preciso haver "caixinhas" para sermos aceites, temos é que ser respeitados como somos..." (PT-2-09). "Não é preciso especificar tanto conceito para respeitar e aceitar as pessoas tal como são" (PT-3-14).	"Cada um com seu cada qual, mas se ele quiser pode ser todo mundo junto e misturado" (BR-I-TA-4-09).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Uma participante da UFS, conforme se observa no Quadro 23, afirmou: "*Acredito que Deus criou homem e mulher*." (BR-SC-5-06). Constata-se nesta resposta a influência de padrões heteronormativos acerca da orientação sexual que impedem esta participante de responder ao tema solicitado.

QUADRO 23 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria orientação sexual (**N**).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: ORIENTAÇÃO SEXUAL (N)		
Fenômeno	**Ex-estudandes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Não expressão de opinião sobre o conceito de orientação sexual	"Não vejo qualquer problema, desde que cada um seja feliz" (PT-1-04). "Ainda sem opinião" (BR-ITA-3-07).	"Acredito que Deus criou homem e mulher" (BR-SC-5-06).
Desconhecimento do conceito de orientação sexual		"Nenhum [conhecimento]" (BR-ITA-5-17).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Verificamos também que uma participante da UFS fez questão de expressar o seu desconhecimento pelo conceito de orientação sexual.

Nestes participantes das duas Universidades existe algum desconforto na discussão deste tema o que nos faz também supor a presença de preconceito ou tabu sobre o conceito de orientação sexual.

Conclusão

Neste capítulo buscou-se compreender como são entendidos e valorizados os conceitos de orientação sexual pelos ex-estudantes das duas Universidades em estudo (UMa e UFS). Comparando os resultados, verifica-se que há maior conhecimento sobre o conceito de orientação sexual entre os ex-estudantes da UMa, embora se observe um envolvimento maior dos ex-estudantes da UFS na discussão do tema orientação sexual.

Em oposição, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam a pouca adesão a essa iniciativa. Constata-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam este conceito e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este tema. Os participantes das duas Universidades reconhecem a influência negativa que os tabus e os preconceitos desenvolvem na discussão deste tema e consideram fundamental o desenvolvimento de ações educativas com vista à resolução deste problema.

Também nos interrogamos sobre as razões que terão levado alguns participantes a não expressarem opinião, após o visionamento de um vídeo sobre o tema. Constatou-se que algumas respostas revelavam a influência de padrões heteronormativos acerca da orientação sexual e que impediam os participantes de responder ao tema solicitado. Verificamos também havia participantes das duas Universidades com algum desconforto na discussão deste tema o que nos faz também supor a presença de preconceito ou tabu sobre o conceito de orientação sexual.

A partir do exposto, pressume-se que este trabalho poderá contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia tal como outros de que fazemos referência (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021; PALMEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO; DIAS; OLIVEIRA; BRAZÃO, 2021).

O que dizem os estudantes sobre PESSOA TRANS

Introdução

Santos *et. al*. (2020) sistematizaram a produção do conhecimento sobre os estudos de transexualidade e educação em periódicos avaliados pelo qualis/CAPES A1 e A2 durante o período de 2012-2016. A partir dessa pesquisa, os autores identificaram que 66,66% dos estudos indicam que as

> discussões sobre transexualidade no campo da educação propõe desestabilizações as normas de gênero pautadas na heteronormatividade, possibilitando novas estratégias, atitudes, procedimentos pedagógicos subversivos e de negociação no campo da educação (SANTOS, *et.al.*, 2020, p. 18537).

Apesar de ter algumas limitações metodológicas, o estudo nos oportuniza a seleção de estudos da temática, concepções teórico-metodológicas, campos, lugares e principais resultados.

Em outro trabalho, Santos e Dias (2020) analisaram o processo formativo de uma estudante trans* a partir das (micro)políticas de negociações de gênero e sexualidade no ensino superior. Os autores relataram a partir das narrativas da estudante que houveram

> experiências transfóbicas vivenciadas durante seu processo de escolarização, principalmente no ensino superior, assim como também evidencia possibilidades de (re)existência e (re)negociações das aprendizagens de gênero dentro da universidade (SANTOS; DIAS, 2020, p. 132).

Sabemos que a presença de estudantes e docentes transexuais e travestis nas universidades está se ampliando nos últimos anos. E essa presença gera questionamentos e desestabilizações às normas de gênero, desencadeando negociações no que se refere às discussões e vivências de gênero e sexualidades no currículo (CARDOSO; DIAS, 2021).

Nessa perspectiva, estudantes e docentes travestis e transexuais enfrentam diariamente questões sobre a abjeção de seus corpos e a produção dos discursos de anormalidade e suas presenças enquanto estudantes e docentes nas instituições de ensino são causadoras de questionamentos, estranhamentos, com potencial para mudanças (CARDOSO; DIAS, 2021; 2020).

É urgente a necessidade de localizar, descrever e problematizar as práticas discursivas do currículo, com foco nas normas de gênero, na heteronorma, na observação de fissuras nas normas hegemônicas. Ou seja, torna-se relevante problematizar as identidades fixas e os discursos hegemônicos que as aprisionam na binariedade dos sexos, tomando o próprio corpo como potência política que impulsiona as ruturas operadas nas relações do currículo (CARDOSO; DIAS, 2021; 2020).

Cabe destacar que há um forte desenvolvimento de uma analítica de gênero a partir do movimento de escrevivências transexuais e travestis em curso (JESUS, 2016; NASCIMENTO, 2020; VERGUEIRO, 2017; YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020. Essa analítica epistemológica é potencializadora do autoconhecimento trans, legitimando, assim, novas formas de produzir conhecimento a partir delas, estimulando-nos a descrevê-las em vez de teorizar sobre suas vidas (DIAS, 2020; NASCIMENTO, 2020; YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020).

A partir desses argumentos, demarcamos aqui as limitações dessas investigações, realizada por dois pesquisadores cisgêneros sobre a temática da transexualidade. Ela é uma das categorias/eixos que se insere no estudo comparativo na Universidade da Madeira, UMa (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe, UFS (Brasil).

Em relação à categoria Pessoa Transexual, conforme explicitado nos contornos metodológicos desenvolvidos para este estudo, foi solicitado aos ex-estudantes que assistissem ao vídeo "*@Canal das Bee. #GuiaBasicoLGBT. – Transgênero, Transexual ou Travesti*".

QUADRO 24 - Transcrição do conteúdo verbal do vídeo "Transgênero, Transexual ou Travesti?".

… Mais um vídeo na nossa playlist de informações básicas, né? Do guia básico LGBTI… Sabem a diferença entre TRANSGÊNERA, TRANSSSEXUAL e TRAVESTI? … é a mesma coisa? Durante muito tempo consideravam que TRAVESTI era a mulher trans que estava confortável com o seu órgão genital que ela nasceu e que a mulher transexual era aquela

mulher que precisava fazer a cirurgia. Hoje a gente sabe que não é verdade. Mais fácil para você ao conviver com uma pessoa trans é perguntar como ela se autodetermina … Mas o que que é uma PESSOA TRANSGÊNERA? Quem são as pessoas transgênero? Como a gente já falou no vídeo de identidade de gênero uma pessoa transgênero é uma pessoa que não se identifica com um gênero que lhe foi imposto ao nascimento,. Dentro desse guarda-chuva … Estão os homens trans, as mulheres trans, e as travestis, exatamente além de pessoas que não se identificam com nenhum desses gêneros que a gente acabou de colocar ou com mais de um gênero. Usamos TRANSGÊNERA para incluir pessoas de IDENTIDADES DIVERGENTES… que são diferentes daquelas que são comumente vistas com comuns, mas a gente sabe que todas são normais não é mesmo? É que a normalidade é uma coisa muito cisnormativa… A ideia que o gênero que foi imposto ao nascimento é o gênero que você se identifica… E que esse teoricamente é normal, mas não existe normal e a identidade de cada um quem escolhe é você, mas qual que é a diferença então de uma mulher trans e de uma travesti ? Lembrando que a gente está falando aqui da perspectiva de pessoas CIS … isso é uma discussão que tá acontecendo há muito tempo dentro da própria comunidade trans existem pessoas que são sensacionais que você pode seguir e procurar informações sobre mas ao mesmo tempo a gente como aliado a gente sabe que faz parte de da nossa luta como aliado das pessoas trans espalhar informações se estiver falando alguma bobagem aqui você como pessoa trans coloca aqui nos comentários exatamente o termo TRAVESTI é um termo latino-americano nos outros países as mulheres que se identificariam como travestis estão incluídas no termo mulheres transexuais … O termo travesti vem do verbo transvestir e por isso poderia indicar que são pessoas que se vestem como as do sexo oposto … Mas a gente vai mostrar que a questão é muito mais complexa do que essa e no Brasil e em outros países da América Latina o termo travesti era usado muito também pejorativamente falando porque eram mulheres que foram abandonadas pela família normalmente postas na periferia das cidades e que trabalhavam na prostituição como a Indianara Siqueira já colocou em alguns momentos aqui nos vídeos … Então se você não sabe quem é a maravilhosa Indianara Siqueira tome nota porque essa é uma mulher que você precisa seguir … Você precisa saber da história, das atividades … durante muito tempo ela foi marginalizada … Pessoas trans existem desde que o mundo existe … não era uma coisa que se criou agora … ela sempre existiu … O que acontece é que foi-se criando uma linguagem mais da medicina e da psicologia a respeito dessas identidades no final dos anos 90 onde as pessoas foram identificando … olha isso aqui é uma mulher trans … mas essas identidades sempre existiram … A gente tinha a travesti existia antes da medicina conseguir colocar um nome para mulheres trans isso inclusive é o que ela [Indianara Siqueira] fala … o termo TRANSSSEXUAL é muito mais para as mulheres como as Robertas Closes da vida exatamente mulheres dentro da sociedade … O sexo existe dentro de uma sociedade que mata muito mais pessoas trans … não só no Brasil mas no mundo inteiro … mas as mulheres que têm uma passabilidade um pouco maior do que TRAVESTIS, as mulheres que vêm de classes sociais onde a aceitação da família é um pouco melhor onde elas têm ajuda de psicólogo tem ajuda de médico e onde esse preconceito transfóbico da sociedade impacta menos a vida dessa mulher … Algumas mulheres acabam preferindo ser tratadas de travesti porque o termo transexual acabou se tornando uma identidade patologizante. No dia 18/06/2018 a OMS retirou da pasta de doenças men-

tais e realocou esse termo com uma condição: as pessoas trans passam a integrar a pasta de condições relacionadas com a saúde sexual … Eu acho que em relação a isso foi uma vitória mas não a gente espera porque a luta ainda não acabou … na verdade é você está tirando o estigma de doença de cima né? Mas você não tirou elas das condições de saúde sexual … Falta muito ainda … O que que é importante de tudo isso é o respeito … exatamente agora você já sabe como tratar qualquer pessoa transgênero não é mesmo? E se você estiver em duvida se uma mulher se identifica como mulher trans ou uma travesti é só perguntar, ela não vai se ofender se você perguntar: como que você se identifica? Eu sou uma mulher trans … Como você quer ser tratado então é isso … Não deixa de assistir os outros vídeos para você se informar mais …

Fonte - Canal das Bee (2018e).

A categoria de gênero, analisada neste capítulo deu origem a subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenômenos, conforme apresentamos no Quadro 25 sobre a categorização dos resultados.

QUADRO 25 - Categorização dos discursos dos ex-estudantes.

Categoria: GÊNERO	
Subcategoria	**Fenômenos**
PESSOA TRANS (+)	Valorização do conceito de pessoa trans.
	Valorização da vivência trans, centrada na construção/reconstrução subjetiva da identidade.
PESSOA TRANS (-)	Constrangimentos na vivência trans, motivados pela influência de padrões sociais e esteriotipados.
	Não valorização do conceito de pessoa trans.
PESSOA TRANS (N)	Desconhecimento do conceito de pessoa trans.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Considerou-se que "Gênero" seria a categoria principal. Analisando as respostas dos participantes, obteviveram-se três subcategorias: a) a primeira subcategoria "Pessoa trans (+)" aglomerou os fenômenos: valorização do conceito de pessoa trans; valorização da vivência trans, centrada na construção/ reconstrução

subjetiva da identidade; b) A segunda subcategoria, designada de “Pessoa trans (-)” reuniu os fenômenos considerados não positivos tais como: constrangimentos na vivência do gênero trans motivados pela influência de padrões sociais estereotipados; não valorização do conceito de pessoa trans, e; c) A terceira subcategoria “Pessoa trans (N)” refere-se apenas ao desconhecimento do conceito de pessoa trans.

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da subcategoria de gênero não binário, conforme Quadro 26 descrito abaixo.

QUADRO 26 - Análise do discurso verbal do vídeo “Transgênero, Transexual ou Travesti? - Guia Básico”.

Subcategoria: PESSOA TRANS	
Conteúdo semântico	**Considerações**
… Mais um vídeo na nossa playlist de informações básicas, né? Do guia básico LGBTI… Sabem a diferença entre TRANSGÊNERA, TRANSSSEXUAL e TRAVESTI? … É a mesma coisa?	Identificação do tema TRANSGÊNERA, TRANSSSEXUAL e TRAVESTI.
Durante muito tempo consideravam que TRAVESTI era a mulher trans que estava confortável com o seu órgão genital que ela nasceu e que a mulher transexual era aquela mulher que precisava fazer a cirurgia. Hoje a gente sabe que não é verdade. Mais fácil para você ao conviver com uma pessoa trans é perguntar como ela se autodetermina … Mas o que que é uma PESSOA TRANSGÊNERA? Quem são as pessoas transgênero? Como a gente já falou no vídeo de identidade de gênero uma pessoa transgênero é uma pessoa que não se identifica com um gênero que lhe foi imposto ao nascimento. Dentro desse guarda-chuva … Estão os homens trans, as mulheres trans, e as travestis, exatamente além de pessoas que não se identificam com nenhum desses gêneros que a gente acabou de colocar ou com mais de um gênero. Usamos TRANSGÊNERA para incluir pessoas de IDENTIDADES DIVERGENTES… que são diferentes daquelas que são comumente vistas com comuns, mas a gente sabe que todas são normais não é mesmo?	Apresentação do conceito de PESSOA TRANSGÊNERA como termo aplicado às pessoas que não se identificam com um gênero que lhe foi imposto ao nascimento. O conceito de TRANSGÊNERA está incluído no grupo de pessoas com IDENTIDADES DIVERGENTES.

é que a normalidade é uma coisa muito cisnormativa… A ideia que o gênero que foi imposto ao nascimento é o gênero que você se identifica… E que esse teoricamente é normal mas não existe normal e a identidade de cada um e quem escolhe é você mas qual que é a diferença então de uma mulher trans e de uma travesti? ... Lembrando que a gente está falando aqui da perspectiva de pessoas CIS … Isso é uma discussão que tá acontecendo há muito tempo dentro da própria comunidade trans existem pessoas que são sensacionais que você pode seguir e procurar informações sobre mas ao mesmo tempo a gente como aliado a gente sabe que faz parte de da nossa luta como aliado das pessoas trans espalhar informações se estiver falando alguma bobagem aqui você como pessoa trans coloca aqui nos comentários exatamente…	A discussão das questões da PESSOA TRANSGÊNERA não se limita à comunidade de pessoas trans e abarca os aliados pela causa dos direitos humanos das pessoas transgênera.
… o termo TRAVESTI é um termo latino-americano nos outros países as mulheres que se identificariam como travestis estão incluídas no termo mulheres transexuais … O termo travesti vem do verbo transvestir e por isso poderia indicar que são pessoas que se vestem como as do sexo oposto … Mas a gente vai mostrar que a questão é muito mais complexa do que essa e no Brasil e em outros países da América Latina o termo travesti era usado muito também pejorativamente falando porque eram mulheres que foram abandonadas pela família normalmente postas na periferia das cidades e que trabalhavam na prostituição como a Indianara Siqueira já colocou em alguns momentos aqui nos vídeos … Então se você não sabe quem é a maravilhosa Indianara Siqueira tome nota porque essa é uma mulher que você precisa seguir … você precisa saber da história, das atividades … durante muito tempo ela foi marginalizada …	Apresentação do conceito de TRAVESTI como termo inicialmente aplicado na América Latina a pessoas que se vestiam como as do sexo oposto. O termo TRAVESTI é ainda usado como termo pejorativo para excluir pessoas trans de condição social desfavorecida.
pessoas trans existem desde que o mundo existe … Não era uma coisa que se criou agora … ela sempre existiu … O que acontece é que foi-se criando uma linguagem mais da medicina e da psicologia a respeito dessas identidades no final dos anos 90 onde as pessoas foram identificando … Olha isso aqui é uma mulher trans … Mas essas identidades sempre existiram… a gente tinha a travesti existia antes da medicina conseguir colocar um nome para MULHERES TRANS , isso inclusive é o que ela [Indianara Siqueira] fala	Os novos termos de MULHERES / HOMENS TRANS foi adotado pela medicina e pela psicologia para identidades divergentes.

… o termo TRANSSSEXUAL é muito mais para as mulheres como as Robertas Closes da vida exatamente mulheres dentro da sociedade … O sexo existe dentro de uma sociedade que mata muito mais pessoas trans … Não só no Brasil mas no mundo inteiro … Mas as mulheres que têm uma passabilidade um pouco maior do que TRAVESTIS, as mulheres que vêm de classes sociais onde a aceitação da família é um pouco melhor onde elas têm ajuda de psicólogo tem ajuda de médico e onde esse preconceito transfóbico da sociedade impacta menos a vida dessa mulher	O termo TRANSSSEXUAL é mais usado por pessoas de condição social favorecida
… algumas mulheres acabam preferindo ser tratadas de travesti porque o termo transexual acabou se tornando uma identidade patologizante	O termo TRANSSSEXUAL tornou-se socialmente uma identidade patologizante.
No dia 18/06/2018 a OMS retirou da pasta de doenças mentais e realocou esse termo com uma condição: as pessoas trans passam a integrar a pasta de condições relacionadas com a saúde sexual … Eu acho que em relação a isso foi uma vitória mas não a gente espera porque a luta ainda não acabou … Na verdade é você está tirando o estigma de doença de cima, né? Mas você não tirou elas das condições de saúde sexual … Falta muito ainda	O termo de PESSOA TRANS deixou de ser considerado pela OMS em 2018 de doença mental, mas ainda está catalogado nas condições de saúde sexual.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

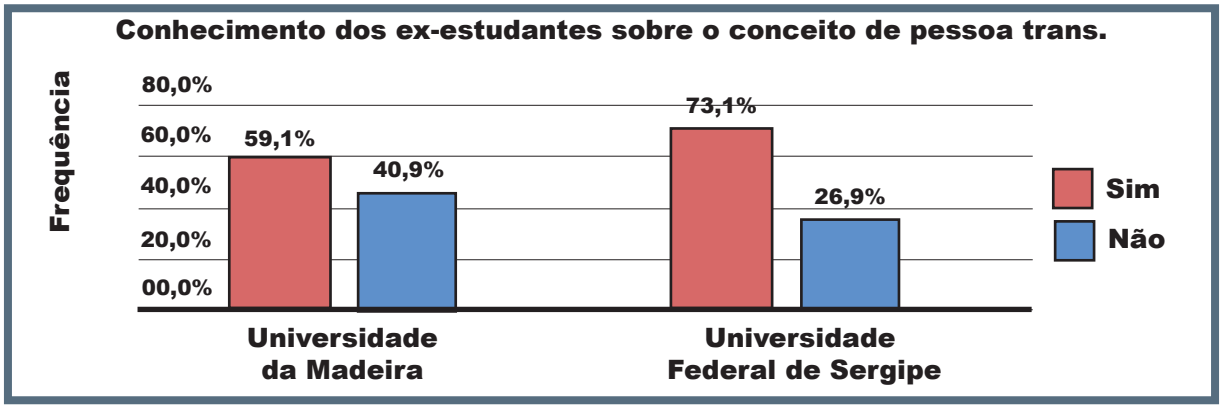
A partir da transcrição do vídeo, foi possível sistematizar o seguinte: a) O termo de Pessoa Transgênera é aplicado às pessoas que não se identificam com um gênero que lhe foi imposto ao nascimento; b) As pessoas transgêneras estão inseridas no grupo de pessoas com identidades divergentes; c) A discussão das questões da pessoa transgénera não se confina à comunidade de pessoas trans. Inclui os aliados pela causa dos direitos humanos das pessoas transgénera; d) O termo Travesti era inicialmente aplicado na América Latina a pessoas que se vestiam como as do sexo oposto e ainda apresenta uma carga pejorativa para excluir pessoas trans de condição social desfavorecida; e) Os termos Mulheres/Homens Trans foram adotados pela medicina e pela psicologia para referenciar identidades divergentes; f) O termo Transsexual é mais usado por pessoas de condição social favorecida e na atualidade tornou-se socialmente um rótulo patologizante; g) O termo de Pessoa Transgênera deixou de ser considerado pela OMS em 2018

de doença mental mas ainda está catalogado nas condições de saúde sexual; h) É necessário cuidar da adequação da linguagem no tratamento social das Pessoas Transgêneras. Isso implica o questionamento individual sobre a forma como se dirigir à pessoa.

Estas informações breves situaram os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de pessoa transgênera, no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Relativamente ao conhecimento do conceito de pessoa trans, as respostas dos ex-estudantes de ambas as universidades são diferenciadas. Verifica-se um resultado superior nos participantes na UFS, pois 73,1% afirmam ter conhecimento do conceito. Já na Uma, 59,1% dos ex-estudantes dizem que conhecem este conceito. Relativamente ao não conhecimento do conceito de pessoa transgênera, encontramos 40,9% dos ex-estudantes da UMa e 26,9% dos ex-estudantes da UFS, conforme se verifica na Figura 9 abaixo.

FIGURA 9 - Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de pessoa trans.

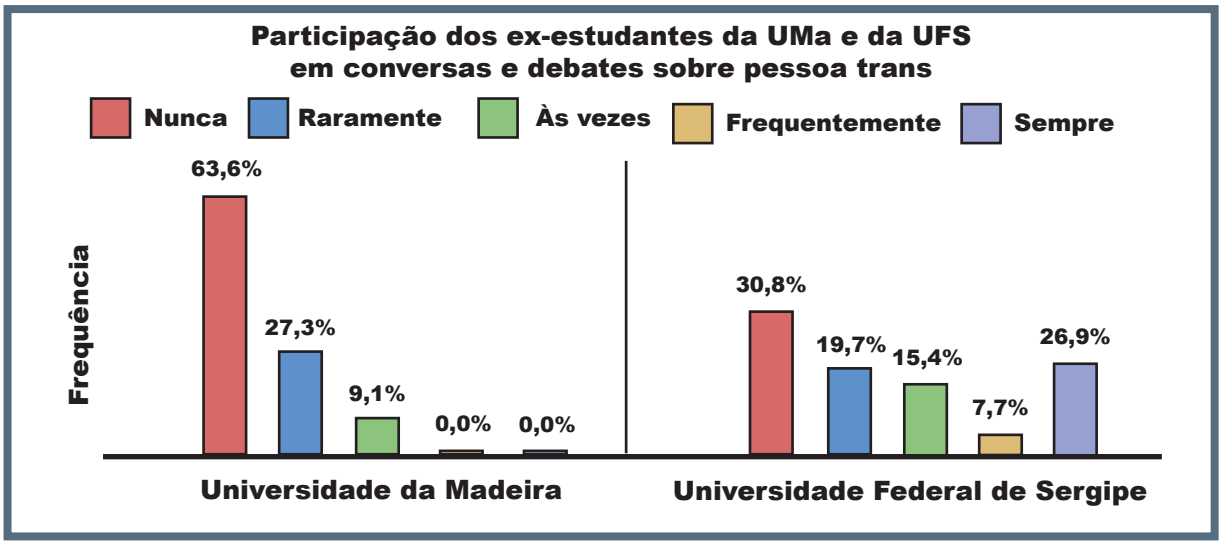


Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Relativamente à participação em conversas e debates sobre pessoa trans, as respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam pouca participação. A grande percentagem (63,6%) de ex-estudantes na Universidade da Madeira nunca participaram, 27,3% diz que raramente participou e 9,1% afirmam que à vezes participaram, conforme se verifica na Figura 10.

As respostas dos ex-estudantes na UFS indicam maior participação. 26,9% dizem que sempre participaram em conversas e debates sobre a pessoa transgênera, 7,7% de respostas afirmam que frequentemente participaram, 15,4% dos participantes dizem que às vezes participavam, 19,2% raramente participaram e 30,8% respondem nunca.

FIGURA 10 - Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre pessoa trans.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Comparando os resultados dos dois grupos, verifica-se o grupo dos ex-estudantes da UMa dizem participar menos. Em oposição, existe um grupo de 26,9% de ex-estudantes da UFS disseram que sempre participaram em conversas e debates sobre a pessoa transgênera.

Na análise de conteúdo acerca das afirmações dos ex-estudantes das duas Universidades, encontramos respostas semelhantes nas subcategorias encontradas, embora mais expansivas nos participantes da UFS, conforme se observa no Quadro 27.

QUADRO 27 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria Pessoa Transgênera (+).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PESSOA TRANSGÊNERA (+)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Valorização do conceito de pessoa transgênera	"Muito importante" (PT-1-02). "Muito importante" (PT-1-06). "É importante passar este conhecimento" (PT-5-19). "Permite clarificar conhecimentos e desmistificar ideias" (PT-5-21). "É um tema bastante abordado em programas televisivos" (PT-3-10). "Respeito" (PT-5-17). "Relevante na atualidade" (PT-5-18).	"Indispensável nos dias de hoje" (BR-ITA-2-01). "Precisamos normatizar isso" (BR-ITA-3-03). "É importante para entendermos como as pessoas que se veem se encontram em sua intimidade. Pois sabemos que não são tudo igual, embora seja normal, é diferente" (BR-ITA-3-04). "Tema muito importante" (BR-ITA-3-05). "Ele é um tema complexo de fundamental importância" (BR-ITA-4-08). "Importante para compreensão da diferença entre travesti e transgêneros" (BR-ITA-5-14). "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01). "Relevante (BR-SC-5-05). "Muito importante" (BR-SC-5-07). "Relevante" (BR-SC-5-08).

Valorização da vivência do gênero trans, centrada na construção/ reconstruçã subjetiva da idenbtidade.	“As pessoas trans são aquelas pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído à nascença, de acordo com o seu órgão genital, quer sejam travestis, transsexuais ou pessoas transgéneras” (PT-2-09). “Todas as pessoas deveriam viver e conviver bem com aquilo que é e que sente” (PT-1-03). “As pessoas deveriam ser respeitadas pelos outros (PT-1-03). “São pessoas, como todas as outras, cada uma com as suas particularidades e caraterísticas” (PT-2-08). “As pessoas trans não se identificam com o gênero que os progenitores lhe deram à nascença” (PT-3-14). “Cada um deveria viver bem tal como se sente” (PT-5-20). “É importante que as pessoas sejam aceites conforme desejam” (PT-5-22).	“Uma pessoa que nasceu apenas com um órgão genital em seu corpo e que na verdade não se identifica naquele corpo” (BR-ITA-5-13). “Uma pessoa trans nasce com um gênero que é imposto pela família ao nascer, e com o passar do tempo a aquele individuo não auto si identifica com aquele sexo imposto a ele ao nascer” (BR--ITA-5-12). “Para que a sociedade tenha uma visão mais empática sobre as pessoas trans e vejam que não há nenhuma anormalidade.” (BR-ITA-3-02). “É um tema que precisa ser trabalhado em casa, nas escolas, em diversos ambientes” (BR-ITA-3-02). “Entender que cada um é livre pra decidir a sua vida e cabe a cada SER respeitar isso” (BR-ITA-3-03). “Cada um tem sua personalidade, seu querer, e entender é essencial para podermos nos socializar de formal igualitária, sem preconceitos” (BR-ITA-3-04). “Que as pessoas devam se identificar da maneira que se sintam confortáveis (BR-ITA-3-06). “Que outras pessoas possam conhecer mais este assunto, entender a forma pela qual a pessoa se identifica, não é uma doença e que este conhecimento possa alcançar a população em geral, para que os casos de preconceitos venham diminuir, respeito acima de tudo” (BR-ITA-3-05). “Este é um tema que precisa ser mais abordado entre as pessoas para que elas compreendam o quanto é preciso termos um pouco mais de conhecimento a respeito” (BR-ITA-4-10). “Dessa forma conseguiremos barrar um pouco do preconceito existente, e assim demonstrar mais respeito com o próximo” (BR-ITA-4-10). “Cada um deve ser tratado como ser auto reconhecer” (BR-ITA-5-15). “Assim como os demais precisa ser mais debatido tanto na família como na escola, precisamos incentivar a nossas crianças a praticar o respeito” (BR-ITA-5-16). “Cada pessoa deve ser tratada como se identifica e não como se supõe que ela seja” (BR-SC-5-04). “Cada pessoa tem o direito de se sentir bem com a identidade que lhe faz bem!” (BR-ITA-5-17). “Pautar a nossas relações pessoas com base no respeito e amparar as pessoas em seus direitos” (BR-SC-5-02).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Sobre a valorização do conceito de pessoa transgênera, os participantes da UMa disseram: “*Muito importante*” (PT-1-02); “*É importante passar este conhecimento*” (PT-5-19); “*permite clarificar conhecimentos e desmistificar ideia*s” (PT-5-21); “*É um tema bastante abordado em programas televisivos*” (PT-3-10); “*Respeito*” (PT-5-17); “*Relevante na atualidade*” (PT-5-18). De igual modo os participantes da UFS afirmaram: “*Indispensável nos dias de hoje*” (BR-ITA-2-01); “*precisamos normatizar isso*” (BR-ITA-3-03); “*É importante para entendermos como as pessoas que se veem se encontram em sua intimidade, pois sabemos que*

não são tudo igual, embora seja normal, é diferente" (BR-ITA-3-04); "*Tema muito importante*" (BR-ITA-3-05); "*Ele é um tema complexo de fundamental importância*" (BR-ITA-4-08); "*Importante para compreensão da diferença entre travesti e transgêneras*" (BR-ITA-5-14); *Importante e precisa ser debatido*" (BR-SC-1-01); "*Relevante*" (BR-SC-5-05); "*Muito importante*" (BR-SC-5-07).

Relativamente à valorização da vivência do gênero trans, centrada na construção/reconstrução subjetiva da identidade, encontram-se as afirmações dos ex--estudantes da UMa: "*As pessoas trans são aquelas pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído à nascença, de acordo com o seu órgão genital, quer sejam travestis, transsexuais ou pessoas transgénera*" (PT-2-09); "*Todas as pessoas deveriam viver e conviver bem com aquilo que é e que sent*e" (PT-1-03); "*As pessoas deveriam ser respeitadas pelos outros*" (PT-1-03); "*são pessoas, como todas as outras, cada uma com as suas particularidades e características*" (PT-2-08); "*as pessoas trans não se identificam com o gênero que os progenitores lhe deram à nascença*" (PT-3-14); "*Cada um deveria viver bem tal como se sente*" (PT-5-20); "*É importante que as pessoas sejam aceites conforme desejam*" (PT-5-22).

Nesta subcategoria, os ex-estudantes da UFS comentaram: "*uma pessoa que nasceu apenas com um órgão genital em seu corpo e que na verdade não se identifica naquele corpo*" (BR-ITA-5-13); "*Uma pessoa trans nasce com um gênero que é imposto pela família ao nascer, e com o passar do tempo a aquele individuo não auto si identifica com aquele sexo imposto a ele ao nascer*" (BR--ITA-5-12); "*para que a sociedade tenha uma visão mais empática sobre as pessoas trans e vejam que não há nenhuma anormalidade*" (BR-ITA-3-02); "*É um tema que precisa ser trabalhado em casa, nas escolas, em diversos ambientes*" (BR-ITA-3-02); "*entender que cada um é livre pra decidir a sua vida e cabe a cada SER respeitar isso*" (BR-ITA-3-03); "*Cada um tem sua personalidade, seu querer, e entender é essencial para podermos nos socializar de formal igualitária, sem preconceitos*" (BR-ITA-3-04); "*Que as pessoas devam se identificar da maneira que se sintam confortáveis*" (BR-ITA-3-06); "q*ue outras pessoas possam conhecer mais este assunto, entender a forma pela qual a pessoa se identifica, não é uma doença e que este conhecimento possa alcançar a população em geral, para que os casos de preconceitos venham diminuir, respeito acima de tudo*" (BR-ITA-3-05); "*Este é um tema que precisa ser mais abordado entre as pessoas para que elas compreendam o quanto é preciso termos um pouco mais*

de conhecimento a respeito" (BR-ITA-4-10); "*dessa forma conseguiremos barrar um pouco do preconceito existente, e assim demonstrar mais respeito com o próximo*" (BR-ITA-4-10); "*Cada um deve ser tratado como ser auto reconhece*r" (BR-ITA-5-15); "*Assim como os demais precisa ser mais debatido tanto na família como na escola, precisamos incentivar a nossas crianças a praticar o respeit*o" (BR-ITA-5-16); "Cada pessoa deve ser tratada como se identifica e não como se supõe que ela seja" (BR-SC-5-04); "*Cada pessoa tem o direito de se sentir bem com a identidade que lhe faz bem!*" (BR-ITA-5-17); "*Pautar a nossas relações pessoas com base no respeito e amparar as pessoas em seus direitos*" (BR-SC-5-02).

Sobre os constrangimentos na vivência do gênero trans, motivados pela influência de padrões sociais estereotipados, um participante da UMa afirmou: "*Um tema que deve ser dos mais tabus. Um conceito ainda, preconceituoso, a meu ver*" (PT-1-04). Verifica-se que são os ex-estudantes da UFS que mais referem os padrões sociais estereotipados e a presença de tabus sobre este tema, mencionando o seguinte: "*Ficou mais claro na fala, pois antes, esse tema ñ era muito difundido em palestras, por questão de não aceitação da própria sociedade*" (BR-SC-5-03); "*essas pessoas são marginalizadas e vistas como anormais*" (BR-ITA-4-08).

Na análise comparativa dos discursos, observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam este conceito e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre ele.

Em síntese, verifica-se uma forte consciência da maioria dos ex-estudantes da UFS para os constrangimentos na vivência do gênero trans motivados pela influência de padrões sociais estereotipados. Isso é justificado pelo número de respostas e pela experienciação de contextos sociais predominantemente paternalistas, com tabus sobre esta temática.

O fenômeno de não valorização deste conceito verificou-se nas afirmações dos ex-estudantes das duas Universidades. No entanto, são os participantes da UMa os que mais referem: "T*rata-se de um tema complexo, muito pouco compreendido*" (PT-1-01); "*Acho que quantos mais conceitos existem, mais confuso é para as pessoas assimilarem toda a informação*" (PT-2-09); "*Atualmente considero que este tema é o mais abordado sob influência das redes sociais e programas de televisão*" (PT-3-12); "*Polêmico, necessário ser mais abordado" (PT-3-15). "Está pouco discutido este tema*" (PT-4-16).

Observou-se ainda que um dos participantes da UFS sentiu necessidade de modificar o assunto em análise: "*Acredito que Deus criou homem e mulher*" (BR-SC-5-06), provocando um corte comunicativo na discussão desta temática. Verificou-se também que há entre os estudantes desconhecimento do conceito de pessoa trans nas duas universidades, conforme se observa no Quadro 28 apresentado na sequência.

QUADRO 28 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria Pessoa Trans (-).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: ORIENTAÇÃO SEXUAL (-)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Constrangimentos na vivência do gênero trans motivados pela influência de padrões sociais estereotipados.	"Um tema que deve ser dos mais tabus. Um conceito ainda, preconceituoso, a meu ver" (PT-1-04).	"Ficou mais claro na fala, pois antes, esse tema ñ era muito difundido em palestras, por questão de não aceitação da própria sociedade" (BR--SC-5-03). "Essas pessoas são marginalizadas e vistas como anormais" (BR-ITA-4-08).
Não valorização do conceito de pessoa trans.	"Trata-se de um tema complexo, muito pouco compreendido" (PT-1-01). "Acho que quantos mais conceitos existem, mais confuso é para as pessoas assimilarem toda a informação" (PT-2-09). "Atualmente considero que este tema é o mais abordado sob influência das redes sociais e programas de televisão" (PT-3-12). "Polémico, necessário ser mais abordado" (PT-3-15). "Está pouco discutido este tema" (PT-4-16).	"Acredito que Deus criou homem e mulher" (BR--SC-5-06). "Confuso" (BR-SC-5-09).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

QUADRO 29 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria Pessoa Trans (**N**).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: PESSOA TRANS (N)		
Fenômeno	**Ex-estudandes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Desconhecimento do conceito de pessoa transgénera.	"Desconhecia o termo utilizado" (PT-3-11). "Desconhecia este termo" (PT-3-13).	"Ainda não sei me aprofundar no tema" (BR-ITA-3-07). "Antes eu achava meio complicado de se entender, mas depois do vídeo esclarecei e ficou mais fácil saber sobre os trans" (BR-ITA-4-11).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Considerações finais

Na análise comparativa dos discursos observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam este conceito e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre ele.

Existe na maioria dos ex-estudantes da UFS uma forte consciência dos constrangimentos acerca da vivência do gênero trans motivados pela influência de padrões sociais estereotipados. Isso é justificado pela experienciação de contextos sociais predominantemente paternalistas, com tabus sobre esta temática.

Comparando os resultados, regista-se um envolvimento maior dos ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe na discussão do conceito de pessoa transgênera. As respostas dos ex-estudantes na Universidade da Madeira confirmam menor adesão a essa iniciativa.

Também existe quem não valorize o conceito de pessoa transexual, nas afirmações dos ex-estudantes das duas Universidades. No entanto, são os participantes da UMa os que mais referem: "*Trata-se de um tema complexo, muito pouco compreendido*" (PT-1-01); "*Acho que quantos mais conceitos existem, mais confuso é para as pessoas assimilarem toda a informação*" (PT-2-09); "*Atualmente considero que este tema é o mais abordado sob influência das redes sociais e programas de televisão*" (PT-3-12); "*Polêmico, necessário ser mais abordado*" (PT-3-15). "*Está pouco discutido este tema*" (PT-4-16).

Observou-se ainda que um dos participantes da UFS sentiu necessidade de modificar o assunto em análise: "*Acredito que Deus criou homem e mulher*" (BR-SC-5-06), provocando um corte comunicativo na discussão desta temática. Há ainda desconhecimento do conceito de pessoa transgênera nas duas Universidades.

Este trabalho poderá contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO; DIAS, 2021; PALMEIRA; DIAS, 2021;). Também em outros estudos é evidenciado o trabalho pedagógico para a desconstrução de estereótipos (ALMEIDA, 2017; BOGOSSIAN, 2014; CARDOSO, 2019; CARVALHO *et al.*, 2017; COUTO; CRUZ, 2017; DONATO; TONELLI, 2018; FRANÇA; FERRARI, 2016; MORAIS, BAIÃO, FREITAS, 2020; SANTOS; RIOS, 2021).

Assim, destacamos que há a necessidade de desconstruir de práticas educativas marcadas pelo princípio da regulação normativa, uma vez que a educação também pode ser um campo de (des)aprendizagens das regulações de gênero, mediante a inserção, permanência e desestabilizações que pessoas transexuais realizam (DIAS, 2020; SANTOS; DIAS, 2020).

Segundo Cardoso e Dias (2021), mesmo com todos os obstáculos existentes nas experiências de formação e de trabalho, estudantes e docentes transexuais e travestis desencadeiam novos padrões de aprendizagem, valorizam a afetividade e celebram a diferença. Ou seja, trabalhando num "*currículo produzido nas resistências diárias, na micropolítica, se desviando das diretrizes da macropolítica da educação que busca produzir subjetividades controladas*" (CARDOSO; DIAS, 2021, p. 1689).



O que dizem os estudantes sobre INTERSEXO

Introdução

A diversidade sexual e de gênero tem sido tema de debate social e de luta política no âmbito dos direitos humanos. O tema intersexo já está conectado com a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais) e apresenta a intersexualidade como a componente biológica de um indivíduo que apresenta um estado intersexual. Fora da visão padronizante para a existência dos corpos humanos, considera-se que os corpos intersexo são tão possíveis quanto os corpos masculinos ou femininos.

Nesta perspetiva, defende-se que os sexos biológicos se apresentam como masculino, feminino e as variações conhecidas como estados intersexuais: variações na anatomia sexual ou reprodutiva; variações no genital interno, externo, reprodutivo, hormonal ou cromossômico. ”Estados intersexuais” é o termo mais apropriado para designar a diversidade intersexual nos humanos. A referência ao hermafroditismo (com genital ambígua) é uma das categorias possíveis, mas minoritária dentro do grupo das pessoas intersexuais. A insistência na padronização binária do sexo bem como a ocorrência de ações fóbicas denominadas de homolesbotransfobia e interfobias, constituem formas de violência para com as pessoas intersexo.

O movimento intersexual propõe mudar o foco do problema de saúde para a questão pessoal e subjetiva do indivíduo. Defende também o fim do tratamento dos corpos intersexuais segundo a visão médica que faz a atribuição sexual pelas características do indivíduo à nascença. Essa prática nunca respeita a variante da identidade que contribui para conformidade do indivíduo com seu corpo ao longo da vida. A luta pela liberdade das pessoas intersexo passa por respeitar a humanidade e a diversidade biológica.

A nossa discussão sobre o conceito de intersexo insere-se no estudo comparativo na Universidade da Madeira, UMa (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe, UFS (Brasil) sobre “Vozes dos estudantes universitários sobre a

diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica" (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021).

Seguindo os contornos metodológicos, em relação à categoria Intersexo, foi solicitado aos ex-estudantes que assistissem ao vídeo "*@Canal das Bee. O que é Intersexo?! Guia Básico #12*".

QUADRO 30 - Transcrição do conteúdo verbal do vídeo "O que é Intersexo?".

… Esse é o Canal das Bee, a gente está aqui para fazer mais um guia básico … Esse é um vídeo que traz basicamente informações sobre qualquer tema … Já tem alguns meses que aqui no Canal das Bee que a gente mudou o nome em todos os vídeos de LGBT para LGBTI. Mas por que isso? Porque a gente LGBTI precisa dar visibilidade e espaço para as pessoas intersexo. Agora antes de explicar o que é ser intersexo a gente precisa revisar umas coisinhas: Sexualidade que tem a ver com quem a gente se relaciona e se envolve. Transexualidade tem a ver com quem a gente se identifica com a nossa identidade. Intersexualidade tem a ver com sexo biológico, ou seja, com os componentes biológicos. Agora vamos tentar explicar na prática … O que é o padrão de um corpo Masculino? O Genital é o pênis, tem os testículos, o sistema reprodutivo são os testículos e geneticamente os cromossomos são XY. O que é dito como padrão de um corpo feminino? A genital é a vagina você tem o gonadal que são os ovários e o sistema reprodutivo que são os ovários e o útero e geneticamente cromossomo XX… Mas o que que é o padrão de um corpo? … A gente vive numa sociedade que padroniza os corpos de maneira binária. Mas não existe padrão sabe por quê? … Durante muito tempo a gente ignorou a existência dos corpos Intersexo que são tão possíveis quanto os corpos masculinos ou femininos, resumindo: como sexos biológicos temos o masculino o feminino e as variações conhecidas como estados intersexuais … Vamos então explicar o que que é uma pessoa Inter sexo. Só pessoas que possuem variações na anatomia sexual ou reprodutiva. As variações podem ser no genital interno, externo, reprodutiva, hormonal, cromossômico, conhecida como genótipo como, por exemplo, XXY ou XYY têm ambos componentes biológicos que geram as noções de masculino e feminino … Como ser humano é diverso né? … São muitas possibilidades. Não existe só um tipo de pessoa intersexo porque existem muitos estados interssexuais. Os intersexo exatamente aqui no canal das Bee a gente de forma muito simplista já citou que todas as pessoas hermafroditas como eram conhecidas hoje são chamadas de pessoa intersexo. O fato é que existem muitos estados intersexuais e dentro deles existe sim aquele conhecido como hermafroditismo … Mas não é o único caso … Você que ainda não tenha entendido … Esse termo não deve ser usado. Quando a gente fala sobre as pessoas intersexo apenas uma minoria tem a genital ambígua. A maioria tem genital ou masculina ou feminina … Mas o que que buscam as pessoas intersexo? … O movimento intersexual luta entre outras coisas pela autodesignação de gênero, mas porque porque ao nascimento se criou o hábito de sexo - identificação … Que é o que a sociedade insiste em identificar quando acontece nascimento de um bebê ou seja quando o bebê recém-nascido é Interse-

xo a equipe médica decidi entre manter genitália ou de um ou de outro. A partir da análise com base nas demais características biológicas apresentadas em cada indivíduo a grande problemática disso é que nem sempre ou quase sempre não se respeita a variante da identidade que contribui para conformidade daquele indivíduo com seu corpo ao longo da vida. Muito importante: as pessoas intersexo não nasceram com defeito e não são aberrações … são apenas ser humanos e carregam como nós todas as características possíveis. Se entendeu tudo, ok … mas será que toda a pessoa intessexo é CIS? Não … existem pessoas intersexo CIS e TRANS … Todo o ser humano tem a possibilidade de repensar o seu sexo imposto no nascimento, caso não esteja em conformidade com aquilo que você sente. Com as pessoas INTERSEXO isso não pode ser diferente. Como a gente acabou de dizer, o protocolo médico decide a partir das questões biológicas e exclui a variante da identidade… Ou seja, se a identidade da pessoa intersexo coincide com a decisão imposta pelos médicos ao nascimento, seja masculino, feminino ou ambígua, ela é CIS … agora se a identidade de uma pessoa intersexo não coincide com a decisão médica no nascimento a pessoa pode precisar de uma transição … Por isso ela é TRANS… As variações são as mais diversas possíveis … Tem gente que precisa de tratamento hormonal mas tem gente que não … esse tratamento pode ser feito em conformidade com o genital ou não, tudo vai depender de cada indivíduo. A gente sempre falou em homolesbotransfobia … Mas não podemos esquecer que existe interfobia … pessoas interfóbicas não aceitam que existam pessoas interbiologicamente neutras. Decidimos trazer duas colocações de pessoas intersexo. Shay Bittencourt que é conselheira de saúde diz o seguinte: “Não tratar os nossos corpos apenas com uma visão médica, mas também com a visão da subjetividade do ser humano.” Mudar o foco do problema de saúde para a questão pessoal subjetiva do indivíduo. Já Dionne Freitas que é terapeuta ocupacional e Youtuber, diz como apoiar pessoas intersexo: “Lutando pela liberdade das pessoas, tomando consciência que a natureza e a humanidade são diversas, apoiando o fim de intervenções médicas desnecessárias e sem consentimento em crianças intersexo.”

Fonte - Canal das Bee (2018f).

A categoria de gênero, analisada neste capítulo deu origem a subcategorias e cada uma delas foi justificada com diferentes fenômenos, conforme apresentamos no Quadro 31 sobre a categorização dos resultados.

Considerou-se que “Sexo e Gênero” seria a categoria principal que inclui a subcategoria de intersexo. Observando as respostas dos participantes, obtiveram-se três subcategorias: a) A primeira designada de “Intersexo (+)” para reunir os fenómenos considerados positivos tais como: valorização do conceito intersexo; construção/reconstrução da identidade intersexual centrada na subjetividade individual; b) A segunda subcategoria “Intersexo (-)” aglomerou os fenômenos: constrangimentos sobre a intersexualidade motivados pelos padrões sociais este-

reotipados; não valorização do conceito de intersexo; c) A terceira subcategoria "Intersexo (N)" considerou o fenômeno do desconhecimento do conceito de intersexo.

QUADRO 31 - Categorização dos discursos dos ex-estudantes.

Categoria: SEXO E GÊNERO	
Subcategoria	**Fenômenos**
INTERSEXO (+)	Valorização do conceito de intersexo
	Construção/reconstrução da identidade intersexual centrada na subjetividade individual.
INTERSEXO (-)	Constrangimentos sobre a intersexualidade motivados pelos padrões sociais esteriotipados.
	Não valorização do conceito de intersexo.
INTERSEXO (N)	Desconhecimento do conceito de intersexo.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Procedemos a uma análise do discurso do vídeo utilizado para o enquadramento da subcategoria intersexo, conforme Quadro 32.

QUADRO 32 - Análise do discurso verbal do vídeo "O que é Intersexo?! Guia Básico #12".

Subcategoria: INTERSEXO	
Conteúdo semântico	**Considerações**
… já tem alguns meses que aqui no Canal das Bee que a gente mudou o nome em todos os vídeos de LGBT para LGBTI. Mas por que isso? Porque a gente LGBTI precisa dar visibilidade e espaço para as pessoas intersexo.	Apresentação do tema intersexo conectado com a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais)
Agora antes de explicar o que é ser intersexo a gente precisa revisar umas coisinhas: Sexualidade que tem a ver com quem a gente se relaciona e se envolve.	Introdução ao tema intersexo

Transexualidade tem a ver com quem a gente se identifica com a nossa identidade.	Identificação do termo de transexualidade
Intersexualidade tem a ver com sexo biológico, ou seja, com os componentes biológicos. Agora vamos tentar explicar na prática … O que é o padrão de um corpo Masculino? O Genital é o pênis, tem os testículos, o sistema reprodutivo são os testículos e geneticamente os cromossomos são XY. O que é dito como padrão de um corpo feminino? A genital é a vagina você tem o gonadal que são os ovários e o sistema reprodutivo que são os ovários e o útero e geneticamente cromossomo XX… Mas o que que é o padrão de um corpo? … A gente vive numa sociedade que padroniza os corpos de maneira binária	Definição de intersexualidade como a componente biológica de um indivíduo que apresenta um estado intersexual. Referência à tendência de padronização binária do sexo. Os corpos masculinos possuem: - Genital: pênis e testículos; - Sistema reprodutivo: testículos; - Genética: cromossomas XY. Os corpos femininos possuem: - Genital: vagina; - Sistema reprodutivo: ovários e útero; - Genética: cromossomas: XX.
Mas não existe padrão sabe por quê? … Durante muito tempo a gente ignorou a existência dos corpos Intersexo que são tão possíveis quanto os corpos masculinos ou femininos,	Não existe padrão pois os corpos intersexo são tão possíveis quanto os corpos masculinos ou femininos.
resumindo: como sexos biológicos temos o masculino o feminino e as variações conhecidas como estados intersexuais … vamos então explicar o que que é uma pessoa Inter sexo. Só pessoas que possuem variações na anatomia sexual ou reprodutiva. As variações podem ser no genital interno, externo, reprodutiva, hormonal, cromossômico, conhecida como genótipo como, por exemplo, XXY ou XYY têm ambos componentes biológicos que geram as noções de masculino e feminino … Como ser humano é diverso né? … São muitas possibilidades.	Os sexos biológicos apresentam-se como masculino, feminino e as variações conhecidas como estados intersexuais: - Variações na anatomia sexual ou reprodutiva; - Variações no genital interno, externo, reprodutivo, hormonal ou cromossómico.
Não existe só um tipo de pessoa intersexo porque existem muitos estados interssexuais. Os intersexo exatamente aqui no canal das Bee a gente de forma muito simplista já citou que todas as pessoas hermafroditas como eram conhecidas hoje são chamadas de pessoa intersexo. O fato é que existem muitos estados intersexuais e dentro deles existe sim aquele conhecido como hermafroditismo … mas não é o único caso … Você que ainda não tenha entendido … Esse termo não deve ser usado. Quando a gente fala sobre as pessoas intersexo apenas uma minoria tem a genital ambígua. A maioria tem genital ou masculina ou feminina...	Os estados interssexuais é o termo mais apropriado para designar a diversidade intersexual nos humanos. Referência ao hermafroditismo (com genital ambígua) como uma das categorias possíveis, mas minoritária, dentro do grupo das pessoas intersexuais.

mas o que que buscam as pessoas intersexo? … O movimento intersexual luta entre outras coisas pela autodesignação de gênero, mas porque porque ao nascimento se criou o hábito de sexo - identificação … que é o que a sociedade insiste em identificar quando acontece nascimento de um bebê ou seja quando o bebê recém-nascido é Intersexo a equipe médica decidi entre manter genitália ou de um ou de outro. A partir da análise com base nas demais características biológicas apresentadas em cada indivíduo a grande problemática disso é que nem sempre ou quase sempre não se respeita a variante da identidade que contribui para conformidade daquele indivíduo com seu corpo ao longo da vida . Muito importante: as pessoas intersexo não nasceram com defeito e não são aberrações … São apenas ser humanos e carregam como nós todas as características possíveis. Se entendeu tudo, ok...	A luta do movimento intersexual: - Não tratar os corpos apenas com uma visão médica de atribuição sexual pelas características do indivíduo à nascença. - Quase nunca se respeita a variante da identidade que contribui para conformidade do indivíduo com seu corpo ao longo da vida.
… mas será que toda a pessoa intessexo é CIS? Não … Existem pessoas intersexo CIS e TRANS … todo o ser humano tem a possibilidade de repensar o seu sexo imposto no nascimento, caso não esteja em conformidade com aquilo que você sente. Com as pessoas INTERSEXO isso não pode ser diferente.	As pessoas intessexo apresentam diversidade de gênero como outras quaisquer: CIS e Trans.
Como a gente acabou de dizer, o protocolo médico decide a partir das questões biológicas e exclui a variante da identidade… Ou seja, se a identidade da pessoa intersexo coincide com a decisão imposta pelos médicos ao nascimento, seja masculino, feminino ou ambígua, ela é CIS	Necessidade de incluir no protocolo médico que decide as questões biológicas a variante da identidade.
… agora se a identidade de uma pessoa intersexo não coincide com a decisão médica no nascimento a pessoa pode precisar de uma transição … por isso ela é TRANS. … As variações são as mais diversas possíveis … Tem gente que precisa de tratamento hormonal mas tem gente que não … Esse tratamento pode ser feito em conformidade com o genital ou não, tudo vai depender de cada indivíduo.	Reforço da ideia de que as pessoas intersexo apresentam diversidade de gênero como outras quaisquer: cisgênero e transgênero.
A gente sempre falou em homolesbotransfobia … Mas não podemos esquecer que existe interfobia … Pessoas interfóbicas não aceitam que existam pessoas interbiologicamente neutras.	Apresentação das fobias: - homolesbotransfobia; - interfobia

Decidimos trazer duas colocações de pessoas intersexo. Shay Bittencourt que é conselheira de saúde diz o seguinte: “Não tratar os nossos corpos apenas com uma visão médica, mas também com a visão da subjetividade do ser humano.” Mudar o foco do problema de saúde para a questão pessoal subjetiva do indivíduo.	O apoio ao movimento intersexo passa por: - Não tratar os corpos apenas com uma visão médica, mas também com a visão da subjetividade do ser humano; - Mudar o foco do problema de saúde para a questão pessoal e subjetiva do indivíduo.
Já Dionne Freitas que é terapeuta ocupacional e Youtuber, diz como apoiar pessoas intersexo: “Lutando pela liberdade das pessoas, tomando consciência que a natureza e a humanidade são diversas, apoiando o fim de intervenções médicas desnecessárias e sem consentimento em crianças intersexo.”	- Lutar pela liberdade das pessoas, respeitando a humanidade e a diversidade biológica; - Apoiar o fim de intervenções médicas sem consentimento em crianças intersexo.

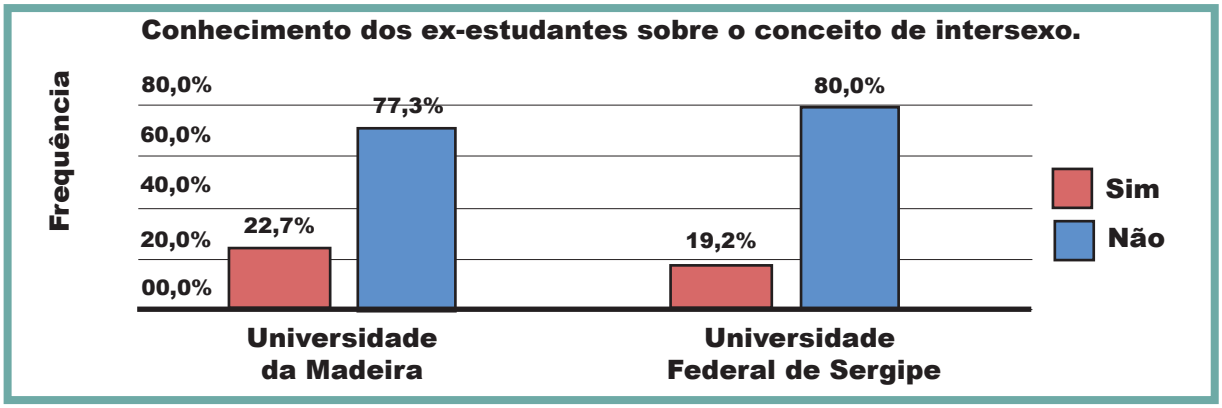
Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

A partir do exposto, foi possível sistematizar o seguinte: a) O tema intersexo está já conectado com a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais); b) A intersexualidade é uma componente biológica do indivíduo que apresenta um estado intersexual; c) Considera-se que os corpos intersexo são tão possíveis quanto os corpos masculinos ou femininos e defende-se que os sexos biológicos se apresentam como masculino, feminino e as variações conhecidas como estados intersexuais: variações na anatomia sexual ou reprodutiva; variações no genital interno, externo, reprodutivo, hormonal ou cromossômico; d) O termo “estados intersexuais” foi o mais apropriado para designar a diversidade intersexual nos humanos; e) O hermafroditismo (com genital ambígua) é uma das categorias possíveis, mas minoritária dentro do grupo das pessoas intersexuais; f) A insistência na padronização binária do sexo e a ocorrência de ações fóbicas (homolesbotransfobia e interfobia) constituem formas de violência para com as pessoas intersexo; g) O movimento intersexual propõe mudar o foco do problema de saúde para a questão pessoal e subjetiva do indivíduo. Impõe o fim do tratamento dos corpos intersexuais segundo a visão médica que faz a atribuição sexual pelas características do indivíduo à nascença, pois essa prática nunca respeita a variante da identidade que contribui para conformidade do indivíduo com seu corpo ao longo da vida; h) Para reivindicar a liberdade, a afirmação e a inclusão das pessoas intersexo é necessário respeitar simultaneamente a humanidade e a diversidade biológica.

Este bloco de informações breves (tanto de âmbito contextual como de âmbito específico) situou os participantes sobre o conhecimento ou reconhecimento do conceito de papel gênero, no momento em que foram solicitados a preencher o questionário.

Os ex-estudantes de ambas as Universidades dizem maioritariamente não ter conhecimento do conceito de intersexo. Na UMa, 77,3% dos ex-estudantes não conhece o termo intersexo e na UFS, 80,8% também afirma o mesmo. Em termos comparativos, este desconhecimento é ainda maior entre os estudantes da UFS que nos ex-estudantes da UMa. Correspondentemente, 22,7% dos ex-estudantes da UMa, e 19,2% dos ex-estudantes da UFS respondem ter conhecimento do conceito de intersexo. As respostas em ambas as Universidades estão globalmente muito próximas, conforme se verifica na Figura 11.

FIGURA 11 - Conhecimento dos ex-estudantes sobre o conceito de intersexo.



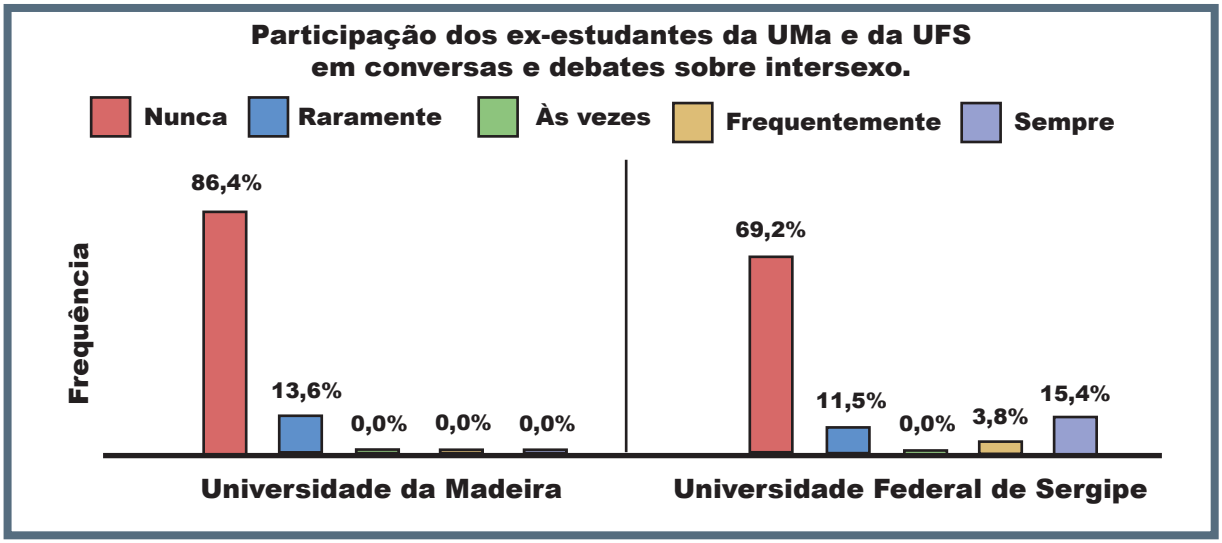
Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Com relação à participação dos ex-estudantes em conversas e debates sobre intersexo, as respostas em ambas as Universidades são diferenciadas. Nos ex-estudantes da UFS, 15,4% dizem que sempre participaram de conversas e debates sobre intersexo. De igual modo, 3,8% dos ex-estudantes dizem que frequentemente participaram. Na UMa, 86,4% dos ex-estudantes relatam que nunca participaram de conversas e debates sobre intersexo e 13,6% afirmam que apenas raramente. Na UFS, 69,2% dos ex-estudantes responderam que raramente participaram de conversas e debates sobre intersexo e 11,5% responderam raramente, conforme se verifica na Figura 12.

Comparando os resultados, verifica-se que há simultaneamente nos ex-estudantes das duas Universidades um enorme desconhecimento do conceito de in-

tersexo, bem como pouca participação em conversas e debates sobre o tema. No entanto os ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe dizem ser mais participativos.

FIGURA 12 - Participação dos ex-estudantes da UMa e da UFS em conversas e debates sobre intersexo.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Na análise de conteúdo relacionada às afirmações dos ex-estudantes sobre a subcategoria INTERSEXO (+), verifica-se que valorizam o conceito de intersexo, não escondendo a satisfação pela compreensão do tema: "*Tema interessante*" (PT-1-01); "*Muito importante*" (PT-1-02); "*Nunca me tinha confrontado com este tema. É importante saber*" (PT-1-03); "*Interessante*" (PT-5-19); "*Respeito*" (PT-5-17); "*Relevante na atualidade*" (PT-5-18); "*Permite conhecer mais sobre esta realidade*" (PT-5-21); "*É um tema real*" (PT-5-22); "*pouco trabalhado que precisa ser muito bem exposto, para amenizar as dúvidas e mostrar a verdade as pessoas que não conhecem nada sobre*" (BR-ITA-3-02). "*Um tema bastante complexo e de grande relevância*" (BR-ITA-4-08); "*De grande valia, principalmente por explicar sobre a exclusão da palavra hermafrodita para um novo conceito intersexo*" (BR-ITA-5-14); "*Gostei muito em aprende*r" (BR-ITA-5-15); "*Muito válido aprender*" (BR-ITA-5-16); "*Importante e precisa ser debatido*" (BR--SC-1-01); "*Já ouvir falar sobre pessoas hermafroditas, que basicamente, são*

pessoas com dois sexos. Mas confesso que fiquei surpresa em saber que não é só isso" (BR-ITA-3-04). Neste fenômeno, as respostas dos participantes da UFS são mais detalhadas e revelam percepções muito pessoais sobre este tema, conforme se observa no Quadro 32.

QUADRO 32 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria Intersexo (+).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: INTERSEXO (+)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Valorização do conceito de intersexo.	"Tema interessante" (PT-1-01). "Muito importante" (PT-1-02). "Nunca me tinha confrontado com este tema. É importante saber" (PT-1-03). "Interessante (PT-5-19). "Respeito" (PT-5-17). "Relevante na atualidade" (PT-5-18). "Permite conhecer mais sobre esta realidade" (PT-5-21). "É um tema real" (PT-5-22). "Pouco trabalhado que precisa ser muito bem exposto, para amenizar as dúvidas e mostrar a verdade as pessoas que não conhecem nada sobre" (BR-ITA-3-02). "Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas" (PT-1-06).	"Um tema que deve ser mais discutido, para uma melhor compreensão de todos" (BR-ITA-2-01). "Um tema interessante" (BR-ITA-3-02) "Acho muito bom saber e conhecer" (BR-ITA-3-04). "Um tema bastante complexo e de grande relevância" (BR-ITA-4-08). "De grande valia, principalmente por explicar sobre a exclusão da palavra hermafrodita para um novo conceito intersexo" (BR-ITA-5-14). "Gostei muito em aprender" (BR-ITA-5-15). "Muito valido aprender. (BR-ITA-5-16). "Importante e precisa ser debatido" (BR-SC-1-01). "Relevante" (BR-SC-5-05). "Importantíssimo" (BR-SC-5-07). "Relevante" (BR-SC-5-08). "Já ouvir falar sobre pessoas hermafroditas, que basicamente, são pessoas com dois sexos. Mas confesso que fiquei surpresa em saber que não é só isso" (BR-ITA-3-04). "É uma pessoa normal" (BR-ITA-3-06). "É de extrema importância" (BR-ITA-5-13).
Construção/ reconstrução da identidade intersexual centrada na subjetividade individual.		"É necessário se desapegar de padrões" (BR-ITA-3-03). "São essenciais para nossa formação. Além de respeitar as diversas formas de ser de cada individuo" (BR-ITA-4-08). "Cada individuo tem o direito de ao longo de sua vida escolher qual órgão ele se auto identifica naquele corpo, visto que é necessário que trabalhem desde cedo nas escolas e formações de professores as questões de gênero" (BR-ITA-5-12). "Conseguir compreender as lutas da comunidade, porque assim conhecemos mais" (BR-SC-5-02).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Sobre a construção/reconstrução da identidade intersexual centrada na subjetividade individual, são os ex-estudantes da UFS os que emitem opiniões concordantes: "*...respeitar as diversas formas de ser de cada indivíduo*"(BR-ITA-4-08); "*cada indivíduo tem o direito de ao longo de sua vida escolher qual órgão ele se auto identifica naquele corpo, visto que é necessário que trabalhem desde cedo nas escolas e formações de professores as questões de gênero*" (BR-

-ITA-5-12); "*Conseguir compreender as lutas da comunidade, porque assim conhecemos mais*" (BR-SC-5-02); "*É necessário se desapegar de padrões*" (BR-ITA-3-03); "*que [...] a sociedade entenda e respeite*" (BR-ITA-5-13).

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes na subcategoria INTERSEXO (+), observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de intersexo e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. Verifica-se maior interesse pessoal por parte dos ex-estudantes da UFS, pois as suas respostas são mais detalhadas. Também são os ex-estudantes da UFS os únicos a emitir opiniões concordantes com a construção/reconstrução da identidade intersexual centrada na subjetividade individual.

Com relação à subcategoria INTERSEXO (-), acerca dos constrangimentos sobre a intersexualidade, os participantes da UMa afirmaram: "*pouco abordado*" (PT-1-01); "*Este tema, sim, faz-me muita confusão*" (PT-1-04). Os participantes da UFS disseram: "*respeito ao invés de rotular uma pessoa intersexo*" (BR-ITA-5-13); "*A criança antes mesmo dela nascer e após não tem o direito de livre escolha como deveria devido ao preconceito, os padrões, a discriminação imposta pela sociedade*" (BR-ITA-5-12); "*os padrões para mim só servem para prender, apontar e destruir o autoconhecimento e a autoestima de alguém*" (BR--ITA-3-03). Verifica-se que os ex-estudantes da UFS reconhecem a existência de tabus e preconceitos relativamente às pessoas intersexo. As afirmações anteriores leva-nos a pensar o quanto as ações educacionais são necessárias para reduzir estes constrangimentos.

Sobre a não valorização do conceito de intersexo, os participantes da UMa reconhecem a complexidade do conceito e mostram-se pouco esclarecidos: "Os termos acabam por se tornar confusos dada a sua complexidade. Algo simples torna-se confuso" (PT-3-11); "*Mais um conceito... basta ter uma característica diferente e cria-se logo um novo conceito. Acho que tantos termos dificultam a divulgação de informação e o respeito por parte da população*" (PT-2-09).

Uma participante da UFS revelou total bloqueio à discussão desta temática ao alterar o tema em questão, conforme o Quadro 33: "*Deus criou homem e mulher*" (BR-SC-5-06).

QUADRO 33 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria Intersexo (-).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: INTERSEXO (-)		
Fenômeno	**Ex-estudantes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Constrangimentos sobre a intersexualidade	"Pouco abordado" (PT-1-01). "Este tema, sim, faz-me muita confusão" (PT-1-04).	"Respeito ao invés de rotular uma pessoa intersexo" (BR-ITA-5-13). "A criança antes mesmo dela nascer e após não tem o direito de livre escolha como deveria devido ao preconceito, os padrões, a discriminação imposta pela sociedade" (BR-ITA-5-12). "Os padrões para mim só servem para prender, apontar e destruir o autoconhecimento e a autoestima de alguém" (BR-ITA-3-03).
Não valorização do conceito de intersexo	"Os termos acabam por se tornar confusos dada a sua complexidade. Algo simples torna-se confuso" (PT-3-11). "Mais um conceito... basta ter uma característica diferente e cria-se logo um novo conceito. Acho que tantos termos dificultam a divulgação de informação e o respeito por parte da população" (PT-2-09).	"Deus criou homem e mulher" (BR-SC-5-06).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Na subcategoria intersexo (N), identificaram-se nas duas Universidades discursos sobre o desconhecimento do conceito de intersexo, conforme o Quadro 34: "*Não tenho conhecimento do conceito de intersexo. Este tema, sim, faz-me muita confusão*" (PT-1-04); "*Não tinha conhecimento sobre esta temática. Realmente o ser humano é muito diferente e, por vezes, não temos noção*" (PT-1-05); "*Não conhecia este tema.* (PT-1-07) *Não tenho ainda opinião sobre este tema*" (PT-3-10); "*Não tenho conhecimento sobre este tema e por essa razão ainda não tenho qualquer opinião. Mas agora que vi este vídeo sinto necessidade de me informar mais sobre o assunto*" (PT-3-12); "*Precisando conhecer um pouco mais sobre este assunto*" (BR-ITA-3-05); "*São temas que ainda eu preciso me aprofundar melhor*" (BR-ITA-3-07); "Não sabia que tinha mudado a nomenclatura dos hermafroditas" (BR-ITA-4-09); "*Difícil de ser abordado, é algo que se torna um tema pouco conhecido para muitos, e que dificulta e pode ser confundido e mal interpretado se não tivermos entendimento*" (BR-ITA-4-10); "*Difícil de ser compreendia só por um vídeo" (BR-ITA-4-11); "Não conhec*ia sobre o tema" (BR-ITA-5-16); "*Outro requisito pouco divulgado, talvez por falta de informação não conseguimos compreender. O vídeo abordou de maneira mais clara*" (BR-SC-5-03); "*Muita coisa pra minha cabeça*" (BR-SC-5-04); "[*Não tem conhecimento do conceito de intesexo] Precisa ser mais divulgação*" (BR-SC-5-09).

Nesta subcategoria (intersexo -N), as afirmações anteriores corroboram a necessidade de desenvolver ações educacionais no sentido de esclarecer aspectos desta temática considerada complexa pelos participantes das duas Universidades.

QUADRO 34 - Análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes sobre a subcategoria Intersexo (**N**).

Categoria: GÊNERO Subcategoria: INTERSEXO (N)		
Fenômeno	**Ex-estudandes da UMa**	**Ex-estudantes da UFS**
Desconhecimento do conceito de intersexo.	"Não tenho conhecimento do conceito de intersexo. Este tema, sim, faz-me muita confusão" (PT-1-04). "Não tinha conhecimento sobre esta temática. Realmente o ser humano é muito diferente e, por vezes, não temos noção" (PT-1-05). "Não conhecia este tema" (PT-1-07). "Não tenho ainda opinião sobre este tema" (PT-3-10). "Não tenho conhecimento sobre este tema e por essa razão ainda não tenho qualquer opinião. Mas agora que vi este vídeo sinto necessidade de me informar mais sobre o assunto" (PT-3-12). "Acho confuso porque e complexo" (PT-3-13). "Não sabia. Mais um conceito novo" (PT-3-14). "Desconhecia" (PT-3-15). "Não sabia" (PT-4-16). "Não sabia deste tema" (PT-5-20).	"Precisando conhecer um pouco mais sobre este assunto!"(BR-ITA-3-05). "São temas que ainda eu preciso me aprofundar melhor" (BR-ITA-3-07). "Não sabia que tinha mudado a nomenclatura dos hermafroditas" (BR-ITA-4-09). "Difícil de ser abordado, é algo que se torna um tema pouco conhecido para muitos, e que dificulta e pode ser confundido e mal interpretado se não tivermos entendimento" (BR-ITA-4-10). "Difícil de ser compreendia só por um vídeo" (BR-ITA-4-11). "Não conhecia sobre o tema" (BR-ITA-5-16) "Nenhum [conhecimento]" (BR-ITA-5-17). "Outro requisito pouco divulgado, talvez por falta de informação não conseguimos compreender. O vídeo abordou de maneira mais clara" (BR-SC-5-03). "Muita coisa pra minha cabeça" (BR-SC-5-04). "[Não tem conhecimento do conceito de intesexo] Precisa ser mais divulgação" (BR-SC-5-09).

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Conclusão

Verifica-se um enorme desconhecimento do conceito de intersexo entre os ex-estudantes das duas Universidades, bem como pouca participação em conversas e debates sobre o tema. No entanto, os ex-estudantes da Universidade Federal de Sergipe são mais participativos que os da Universidade da Madeira.

Na análise comparativa dos discursos dos ex-estudantes na subcategoria INTERSEXO (+), observa-se que tanto os ex-estudantes da UMa como os da UFS valorizam o conceito de intersexo e reconhecem a necessidade de discuti-lo. Utilizam também expressões idênticas quando fazem considerações valorativas sobre este conceito. Verifica-se maior interesse pessoal por parte dos ex-estudantes da UFS, pois as suas respostas são mais detalhadas. Também são os ex-estudantes da

UFS os únicos a emitir opiniões concordantes com a construção/reconstrução da identidade intersexual centrada na subjetividade individual. De igual forma, são os participantes da UFS a reconhecer que existem constrangimentos sociais como preconceitos e tabus que dificultam a afirmação das pessoas intersexo.

Embora o tema intersexo seja já conectado com a sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais) isso não foi suficiente no debate da diversidade sexual e de gênero. A intersexualidade apresenta-se para a maioria dos participantes como um tema complexo, mas verificou-se que há um interesse geral em conhecer o conceito, em respeitar as pessoas intersexo bem como de apoiá-las na reconstrução da identidade intersexual por via da valorização da perspectiva pessoal e subjetiva do indivíduo.

Considera-se este aspecto concordante com a luta pelas causas do movimento intersexual. A liberdade das pessoas intersexo passa pelo respeito pela humanidade e pela diversidade biológica dessas pessoas.

Este trabalho, em consonância com outras pesquisas desenvolvidas,poderá contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia (RIOS; CARDOSO; DIAS, 2018; BRAZÃO; DIAS; SILVA; RIOS, 2020; OLIVEIRA; DIAS, 2021; PALMEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO; DIAS; OLIVEIRA; BRAZÃO, 2021).



As iniciativas de promoção das discussões de gênero e diversidade sexual no contexto acadêmico

Introdução

As discussões de gênero estão sendo considerados na literatura recente como um elemento das relações de poder e nas circunstâncias de flutuantes e rizomáticas da contemporaneidade. No campo da Educação, urge um olhar dissidente, não normativo, enquanto ato político acerca das questões de gênero e da sexualidade, conforme influências dos estudos pós-identitários.

Dias e Amorim (2015) sistematizaram a literatura específica sobre corpo, gênero, sexualidades e formação docente, identificando que, independente do tipo de pesquisa utilizado, uma característica é comum entre os estudos analisados relativos às temáticas: o fato de que todos (com maior ou menor grau de intensidade) sugerem que a abordagem das temáticas contribui para a desestabilização de normatizações, classificações e hierarquizações no campo da educação. Esse resultado também foi evidenciado nas pesquisas de Dias, Oliveira e Matos (2018), Silva, Dias e Rios (2020) e Dias, Silva e Rios (2020).

Cardoso, Bertoldo e Santos (2020) analisaram as dissertações e teses em gênero, sexualidade e formação docente defendidas em programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior das regiões Norte e Nordeste do Brasil entre os anos de 2006 a 2018. As autoras evidenciaram a partir da análise das pesquisas desenvolvidas que os "debates e pesquisas voltadas para as temáticas de gênero e sexualidade não garantem que os/as professores/as em formação ou em experiências formativas continuadas mudem comportamentos e discursos" (p. 1759). Contudo, há evidências de que elas também "possibilitam mais espaços de discussões tanto na formação inicial quanto na continuada" (p. 1759), o que sugere que estamos em espaços de novas posturas e não criando outros enquadramentos (DIAS; MENEZES, 2017).

Dal'igna, Scherer e Cruz (2017) analisaram a produção acadêmica desenvolvida por pesquisadores e pesquisadores vinculados ao "GT 23: Gênero, Sexualidade e Educação" da ANPED e refletiram sobre os "modos como gênero e

sexualidade são abordados ao focalizar a formação de professores, e oferece contribuições para que se possa construir e delimitar futuros problemas de pesquisa sobre esses temas" (p. 632). As autoras destacam que ainda "há muito o que fazer/dizer/investigar sobre gênero, sexualidade e formação de docentes em nosso país" (p. 648).

De fato, há muito o que problematizar sobre gênero e sexualidade na formação de professores e professoras. Consideramos importante destacar que esses estudos que destacamos evidenciam um forte crescimento da produção científica na área da educação (FERREIRA, 2015; 2017; FERREIRA, 2013; GUARANY; SANTOS; CARDOSO, 2020; DIAS; AMORIM, 2015; SILVA; DIAS; RIOS, 2020; CARDOSO; DIAS, 2021; GUARANY; CARDOSO, 2021; SILVA; RIOS, 2020; MEDEIROS; SANTOS, 2020), o que nos oferece um panorama das inovações e principais resultados e contribuições dos estudos para a produção de políticas públicas, ampliação e sensocumonização da temática nos cursos de formação docente, bem como um contradiscurso ao avanço de conservadorismo e abordagens reacionárias que propagam um discurso de ódio por meio da chamada "ideologia de gênero" .

Conforme Carvalho *et al*. (2017), a inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente é urgente, visto que os estudos de gênero e sexualidade ainda não foi foi incluído fortemente no

> pensamento educacional no Brasil, nem se transversalizou na educação superior, nem na formação docente inicial (cursos de Pedagogia e formação de professores/as), nem na escola (na prática pedagógica e curricular e na formação docente continuada), apesar do direcionamento das políticas públicas recentes (CARVALHO, *et al*., 2017, p. 50).

Nesse sentido, faz necessário mais investigações que analisem as discussões de gênero, sexualidades e outros marcadores sociais da diferença no campo da educação e na formação docente.

Nossa intenção com essa investigação foi contribuir para a discussão da áera dos estudos de gênero e educação, a partir dos resultados do projeto de pesquisa de estágio de pós-doutorado do segundo autor e supervisionada pelo segundo autor, intitulada "Vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica:

um estudo comparativo na Universidade da Madeira (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe (Brasil)". Com o seu desenvolvimento, pretendemos, em uma perspectiva comparativa, refletir sobre a diversidade sexual e de gênero no meio acadêmico, refletindo sobre ambientes inclusivos e o seu contributo no campo da inovação pedagógica. Tensionamos a discussão destes temas na academia a fim de problematizar e contribuir para a renovação conceitual e dos contextos organizacionais da prática da pedagogia (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021; PALMEIRA; DIAS, 2021; CARDOSO; DIAS, 2021; OLIVEIRA; BRAZÃO).

Anteriormente, Rios, Cardoso e Dias (2018) realizaram uma investigação com o objetivo de refletir acerca das conceções dos docentes do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, campus de Itabaiana, sobre as temáticas de gênero, corpo e sexualidade. Os autores sinalizaram perceptíveis avanços em relação às temáticas abordadas, a partir das implicações epistemológicas de alguns docentes. A pesquisa também apontou a necessidade de uma mudança na estrutura curricular, incorporando as temáticas e posturas de uma pedagogia *Queer* que contribua para a promoção de novas posturas políticas, estratégias, atitudes, procedimentos pedagógicos subversivos e de negociação na Universidade.

Ainda sobre o contexto do curso de Pedagogia da UFS, Pires (2021) analisou como os cursos de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, campus de São Cristóvão e de Itabaiana elaboram propostas curriculares de inclusão às questões de gênero e sexualidade, bem como que visibilidade as temáticas possuem e, em especial, qual profissional pretende formar e para que atuação. A autora identificou diferentes perspectivas de currículo e de abordagens das temáticas, com fortes avanços no curso de Pedagogia do campus de Itabaiana, na medida em que o currículo como

> produtor de subjetividades e permeado por relações de poder, e as discussões sobre gênero e sexualidade passam a ser contempladas de forma significativa, demonstrando disposição em ampliar a problematização e compreensão da relação entre a educação e a complexidade social" (PIRES, 2021, p. 04).

Apesar dos avanços apontados, a autora evidencia a existência nos currículos dos dois cursos investigados de concepções diversas de "educação, gênero e sexualidade subjetivadas pelas políticas públicas identitárias neoliberais que buscam o consensual, normalizar e homogeneizar" (PIRES, 2021, p. 04).

No contexto da Universidade da Madeira, destacamos a investigação realizada por Mendonça *et al*. (2019), na qual analisou as representações de estudantes da formação de professores em Educação Infantil sobre estereótipos de gênero. Os autores identificaram que as discussões de gênero

> se encontra limitada a duas Unidades Curriculares e que, entre os estudantes, subsiste a ideia de que a feminização daquela profissão se encontra de tal modo enraizada que a implementação de quotas de gênero dificilmente conseguirá inverter esta tendência" (p. 96).

O estudo ainda concluiu que, pedagogicamente, "a diversidade e a heterogeneidade foram elencadas como fatores que permitem aumentar mais a produtividade das crianças" (p. 96), e que na socialização, "a divisão de tarefas entre os gêneros acentua-se com o aumento da idade e em situação conjugal" (p. 6).

As pesquisas de Rios, Cardoso e Dias (2018), Pires (2021) no contexto da UFS, e a de Mendonça *et al.* . (2019), no contexto da Uma, são significativas para as problematizações sobre como os cursos de formação docente estão discutindo as questões de gênero e sexualidade. Assim, nossa intenção com a pesquisa foi contribuir para o avanço dos estudos de gênero a partir da análise das conceções dos egressos sobre gênero e diversidade sexual das duas Universidades, bem como espaços e práticas dissidentes ou de inovação pedagógica no tocante ao trabalho pedagógico com as sistemáticas.

Para este capítulo, informamos ao leitor que realizamos um recorte dos dados coletados da pesquisa, focando na reflexão acerca da inclusão de gênero e da diversidade sexual na formação docente desenvolvida pela UFS, no Brasil e UMa, em Portugal.

Para quebrar tabus, informar e conscientizar cada vez mais as pessoas sobre respeito e que não existe padrões quando o assunto é o outro. Deve-se, de uma vez por todas, acabar com o preconceito e o entendimento de que se pode decidir pelo outro, pois não pode. Por isso, se faz importante essa inclusão, para que também todos se sintam livres, acolhidos, importantes e inclusos na sociedade (BR-ITA-3-03).

Problematizar, conscientizar, quebrar tabus, acabar, decidir, sentir, liberdade, acolher. Nossa! Quanta potênciasuprimido. Um convite a refletir: "não existe padrões quando o assunto é o outro" ou "decidir pelo outro, pois não pode". Um

QUADRO 35 - Categorização dos resultados.

Categoria: INCLUSÃO GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NO MEIO ACADÊMICO	
Subcategoria	**Fenômenos**
Motivos pelos quais os egressos consideram importante participar em iniciativas de inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico.	Promoção da inclusão enquanto direito e garantia dos cidadãos, na qualidade e bem-estar social.
Participação dos ex-estudantes em ações sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico.	Iniciativas livres sobre inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico. Participação dos egressos em ações estruturadas sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico.
Motivos pelos quais não participaram em iniciativas de inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico.	Dificuldade em promover a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico. Motivos pessoais. Não existência de eventos na instituição acadêmica sobre o tema.
Referências à não necessidade de promover futuras iniciativas sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico.	
Sugestões de iniciativas futuras sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico.	Iniciativas a desenvolver num tempo imediato. Iniciativas a desenvolver a médio alcance. Iniciativas a desenvolver a longo alcance.

Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

potente convite a desaprender. A participante, certamente está nesse processo. E nós? E vocês? Tentando? Nossa intenção é de tencionar e propor reflexões sobre a inclusão das discussões de gênero e diversidade sexual, pois com sentir-se livre e acolhido é um bom começo para o ser e estar na escola e ou universidade. "Informar cade vez mais", nos diz a participante. Discutir, sentir, ouvir! Um movimento outro. Contrário à normalização dos corpos, do controle, da criação de expectativa sobre o outro. Faz-se importante incluir as temáticas, problematizando estereótipos, preconceitos e normalizações.

Nessa perspectiva, iniciamos nossa discussão com os motivos pelos quais os participantes da pesquisa consideram importante participar das/em iniciativas de inclusão de gênero e da diversidade sexual no meio acadêmico. Nesta subca-

tegoria, encontramos o fenômeno da promoção da inclusão enquanto direito e garantia dos cidadãos, na qualidade de vida e bem estar social (45) que agrupa as respostas dos egressos da UMa (22 respostas), e dos egressos da UFS de Itabaiana (16 respostas), e com menos frequência no campos das justificativas dos participantes da UFS de São Cristóvão (6 respostas).

Vejamos alguns argumentos apresentados pelos participantes:"*Enquanto pessoas e profissionais da área de educação precisamos trabalhar com e para a diversidade, tanto no acolhimento, apoio e comprometimento em prol do respeito e direito das pessoas LGBTQIA+*" (BR-SC-5-02);

"*A educação é uma importante ferramenta de inclusão e promoção de direitos, o importante usar ela para diminuir a LGBTIfobia no Brasil*" (BR-SC-1-01);

"*É importante que nossas crianças não cresçam com medo de serem reais e que elas passem a vida sentindo-se incomodadas com o seu sexo ou corpo por falta de conhecimento sobre*" (BR-ITA-5-17); "*Sim, pois incentivaria as crianças a terem mais respeito e empatia pelas pessoas*" (BR-ITA-5-16);

"*É um tema discutido mundialmente, que pode modificar a cultura preconceituosa que está impregnada em nossa sociedade*" (BR-ITA-5-14); "*É fundamental para que as pessoas possa tem mais conhecimento e a partir do conhecimento entendam que todos tem direitos iguais e que precisa ser respeitados por todos*" (BR-ITA-5-13);

"*Poderemos quebrar um pouco com esse tabu preconceituoso, que acaba fazendo com que muitas pessoas deixem de ser felizes por medo da sociedade, que tornando isso mais difícil, promovendo mais ódio, pois quando não há informações tudo torna-se difícil*" (BR-ITA-4-10); "P*ara sabermos ter uma opinião de cada gênero e o principal saber diferenciar e respeitar essas pessoa*s" (BR-ITA-3-07); "*Quanto mais pessoas conhecerem a importância da inclusão da diversidade sexual, será aceita e conhecida, menos discriminação e mais aceitação*" (BR-ITA-3-05); "*Para que as pessoas conheçam as diversas formas de gênero, priorizando o respeito e a igualdade*" (BR-ITA-3-04);

"*Acho importante para que tenhamos cada dia uma sociedade mais sábia e menos preconceituosa*" (BR-ITA-3-02); "*Para libertar de conceitos pré-concebidos à luz de valores e ideias erradas"* (PT-5-21); "*É urgente consciencializar e abordar esta questão desde o mais cedo possivel e principalmente em contexto académico. Etapa onde definimos qual o papel que queremos ter em sociedade*"

(PT-5-18);"*É importante promover a inclusão da diversidade sexual e de gênero para que não haja discriminação*" (PT-3-12); "*Num contexto de divulgar de forma simples e educar a sociedade para a diversidade*" (PT-3-11); "*Muito importante para nos sentirmos confiantes com as nossas escolhas*" (PT-1-06); "*Vivemos num mundo em constante mudança, onde estas questões estão cada vez mais evidentes na nossa sociedade. Para uma evolução das mentalidades é imprescindível consciencializar o ser humano*" (PT-1-05); "*Urge a necessidade de alargar o conhecimento acerca destes temas e é fundamental combater a discriminação que se faz sentir em relação aos mesmos*" (PT-1-01).

Os participantes (BR-SC-5-02) e (BR-SC-1-01) consideram o trabalho pedagógico com as temáticas como uma ferramenta de promoção de espaços inclusivos e de diminuição de ações discriminatórias com estudantes LGBTQI+. Esse argumento foi acionado por mais de 50% dos participantes, bem como entre os que destacamos de Itabaiana da UFS e da UMa (BR-ITA-5-14; BR-ITA-4-10; BR-ITA-5-13; BR-ITA-3-05; BR-ITA-3-02; PT-3-12; PT-1-01), bem como é apresentado em outros estudos que evidenciam que o trabalho pedagógico com as temáticas potencializa a diminuição a LGBTIfobia e desconstruções de esteriótipos (ALMEIDA, 2017; BOGOSSIAN, 2014; CARDOSO, 2019; CARVALHO *et al.*, 2017; COUTO; CRUZ, 2017; DONATO; TONELLI, 2018; FRANÇA; FERRARI, 2016; MORAIS; BAIÃO; DE FREITAS, 2020; SANTOS; RIOS, 2021)

Alguns argumentos evidenciaram que a inclusão das temáticas no contexto acadêmico colabora com o processo de desaprendizagem de conceções de gênero e sexualidades mais tradicionais e potencializar formas inovadoras de educar para a diversidade (PT-5-18; BR-ITA-3-05; PT-5-21; PT-3-11; PT-1-01). Essas argumentações também foram identificadas nos estudos de Rios, Cardoso e Dias (2018) e Pires (2021), ao analisarem das práticas educativas do curso de Pedagogia da Itabaiana, bem como nos estudos de Santos e Feldens (2019), Santos e Lage (2017), Silva Júnior e Ivenicki (2019), Dias *et al.* (2017), Cardoso e Dias (2017) Menezes, Dias e Santos (2020), Moreira, Evangelista e Santos (2019) e Cirqueira, Santana e Pereira (2021).

Observamos nos argumentos apresentados pelos egressos de Itabaiana da UFS uma abertura ou sinais uma perspectiva de currículo mais pós-crítico (PIRES, 2021), na medida em que foi destacada a importância da inclusão das temáticas como facilitadoras de espaços de empatia pelas pessoas (BR-ITA-5-16), de conhecimento sobre sexualidade e sentidos do corpo (BR-ITA-5-17), conhecer

gênero (BR-ITA-3-07), viver gêneros (BR-ITA-3-04), autoestima sobre as suas experiências sexuais (PT-1-06).

Sobre a subcategoria para reunir os motivos pelos quais os egressos não participaram em iniciativas de inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico, identificamos três fenômenos: a) dificuldade em promover ações; b) motivos pessoais; c) inexistência de eventos e/ou outras ações.

A dificuldade em promover ações foram destacados pelos participantes de São Cristóvão (UFS) e da UMa: "*Com muito cuidado em uma escola publica mais estruturada, não na situação que se encontra nossa educação*" (BR-SC-5-09); "*Nunca tive oportunidade e penso que estes temas não são bem aceites pela maioria dos professore*s" (PT-1-03); "*Nunca surgiu oportunidade e são temas que não são bem aceites pela maioria dos docente*s" (PT-1-01). A BR-SC-5-09 conecta as dificuldades na promoção ao momento nos últimos anos dos discursos conservadores no Brasil e nas políticas educacionais. Contudo, os participantes PT-1-03 e PT-1-01 destacaram a rejeição por parte dos docentes quanto à discussão das temáticas.

Em Portugal, desde 2011, os planos nacionais sobre as políticas públicas, integram a área estratégica da orientação sexual e identidade de gênero com propósito de "prevenir e combater todas as formas de discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero e promover a sensibilização de toda a sociedade portuguesa para esta problemática" (CIG-PT). Talvez isso ocorra devido ao período de formação ou a implementação de ações institucionais.

A partir de 2018, Portugal passou a ter um plano autônomo intitulado "*Plano de Ação de combate à discriminação em razão da Orientação sexual, Identidade e Expressão de Gênero e Características sexuais*". O governo português aprovou e implementou o projeto "Portugal + Igual", como foco em três eixos de ação: Igualdade entre homens e mulheres; Combate à violência contra mulheres e violência doméstica; Combate à discriminação em razão da orientação sexual, identidade do gênero e características sexuais (PORTUGAL, 2018). De fato, é um avanço significativo institucionalizar políticas como essas, mas faz-se necessário também, ampliar sua divulgação e elaborar estratégias formativas.

Sobre os motivos pessoais que os egressos justificaram a não participação em iniciativas de inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico foram devido ao nível de desconforto (BR-SC-5-09), oportunidade (BR--SC-5-04; BR-ITA-5-14; BR-ITA-3-04), nunca refletiu sobre ou não teve a ideia

(BR-SC-5-02; PT-4-16; PT-3-15), porque não quis (PT-5-17) ou "*porque para mim é tudo considerado normal*" (PT-2-08). Esses argumentos também foram identificados nos estudos de Cirqueira, Santana e Pereira (2021), Santos e Lage (2017), Silva Junior e Ivenicki (2019) Santos e Rios (2021) e Mendonça *et al*. (2019).

No que se refere à inexistência de eventos e/ou outras ações institucionais, destacamos alguns argumentos apresentados pelos participantes: "*Não houve eventos por parte da Universidade*" (BR-SC-5-05), "*Não houveram momentos e espaço para que essas questões viessem a desenvolver*" (BR-SC-5-03), "*Poucos estudos ou pesquisas que aprofundassem os temas com maior profundidade*" (BR-SC-5-03), "*Ainda não existia uma disciplina voltada para esse tema*" (BR--ITA-3-07), "*Nunca ocorreu*" (PT-5-22; PT-5-22; PT-3-13; PT-1-07), "*Tema não abordado. Nunca tive conhecimento de alguma iniciativa*" (PT-5-18; PT-3-14; PT-1-06), "*Não surgiu nenhuma oportunidade para esta participaçã*o" (PT-3-12; PT-3-10; PT-3-10).

Após problematizar os motivos pelos quais os participantes não participaram de iniciativas incluídas das temáticas, elaboramos uma subcategoria para reunir argumentos sobre a participação dos egressos em ações sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico. Com isso verificamos dois fenômenos: o primeiro destaca iniciativas livres sobre inclusão das discussões de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico, conforme trechos: "c*omo ouvinte ou dando apoio logístico*" (BR-SC-5-08), "*Participei de iniciativa de inclusão de qualquer pessoa no contexto acadêmico e não um grupo em específico*" (BR--SC-5-06). O segundo, as ações estruturadas inclusão das discussões de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico: participação no Programa de Iniciação a Docência – PIBID sobre a formação docente nas temáticas de gênero, sexualidade e raça (BR-ITA-5-13 BR-ITA-5-12; BR-ITA-3-05; BR-ITA-3-05; BR-ITA-4-08; BR-ITA-2-01); desenvolvimento de pesquisa de conclusão de curso acerca da análise de gênero nos livros didáticos de matemática das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública e estadual (BR-ITA-5-13); participação em grupo de pesquisa sobre gênero e sexualidade (BR-ITA-4-1; BR-ITA-3-05); desenvolvimento de oficinas nas escolas sobre gênero e sexualidade (BR-ITA-4-10; BR--ITA-3-05; BR-ITA-3-06); aulas sobre alguns conceitos (BR-ITA-4-09; BR-ITA-4-08), palestras (BR-ITA-3-02).

Nessa perspectiva, observamos que os argumentos apresentam uma diver-

sidade de ações que o curso de Pedagogia da UFS Itabaiana desenvolveu ao longo do processo formativo dos participantes, conforme também evidenciam Pires (2021) e Rios, Cardoso e Dias (2018). Contudo, pode sugerir ausências dessas ações no curso de Pedagogia da UFS São Cristóvão, apesar de está situado na mesma instituição, bem como o realizado da UMa, pois não foi identificada, dentre os participantes ações tanto livres quanto estruturadas.

Por fim, elaboramos uma subcategoria para reunir as sugestões de iniciativas futuras sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual para além do meio acadêmico. Categorizamos os dados em três fenômenos: a) referências a iniciativas a desenvolver num tempo imediato; b) referências sobre iniciativas a desenvolver num tempo de médio alcance; c) referências sobre iniciativas a desenvolver num tempo de longo alcance. No grupo das iniciativas imediatas, foram destacadas ações como: eventos, mesas redondas, palestras, diálogos e discussões abertas e exposições (BR-ITA-4-11; BR-ITA-3-07; BR-ITA-3-07; PT-5-18; PT-3-15; PT-3-14; PT-3-12; PT-3-13; PT-3-11; PT-2-09; PT-1-07; PT-1-05), inclusão de ações no calendário acadêmico (BR-ITA-4-09; PT-5-18; PT-1-05; PT-1-04), oficinas e aulas sobre as temáticas (BR-ITA-4-08; PT-1-04; PT-1-03; PT-1-01) e ações institucionais de conscientização, a fim de gerar um ambiente inclusivo, com inovações em organização estrutural e de políticas, resultantes no engajamento para uma maior segurança e inclusão no que diz respeito a diferença (BR-ITA-3-03).

No grupo das iniciativas com desenvolvimento médio alcance foram sugeridas as seguintes ações: realização de pesquisas com novas abordagens para impactem nas ações de ensino (BR-SC-5-03); inclusão e implementação de gênero e diversidade nos currículos educacionais (BR-ITA-5-13; BR-SC-1-01; BR--ITA-2-01; BR-ITA-4-10); formação de professores, possibilitando capacitação pedagógica para trabalhar com as temáticas em na sala de aula (BR-ITA-5-16; BR-ITA-5-14; BR-ITA-5-14; BR-ITA-5-13); elaboração de ações extensionistas para que a Universidade possa contribuir com a conscientização sobre as temáticas nas escolas de Educação Básica, contribuindo para a capacitação continuada de docentes (BR-ITA-5-14; BR-ITA-5-12; BR-ITA-3-05). No grupo das iniciativas com desenvolvimento de longo alcance foram sugeridas: formação nas temáticas em entidades sociais municipais, como CRAS e CREAS (BR-SC-5-09); inclusão do tema na escola, nos currículos de formação profissional e nas políticas públicas (BR-SC-5-07); iniciativas que vão além do contexto acadêmico, como a família e outras instituições da sociedade (BR-ITA-3-02); elaboração Políticas

Inclusivas e Legislações que garantam a socializam plena de todos (PT-5-22; PT-5-21; BR-ITA-5-17).

Ao refletir acerca das sugestões dos participantes, vemos o caminho de possibilidades profícuas, em especial o da formação. Segundo Carvalho *et al*. (2017), ao formar gestores, professores, e demais profissionais da educação as temáticas podem a ser incluídas, debatidas e resinificadas no interior no cotidiano escola e na sociedade

Conclusões

O debate de questões sobre as relações gênero e diversidade sexual são muito atuais nos movimentos sociais. Contudo, no campo da Educação existem invariantes culturais presentes nos ambientes escolares e acadêmicos, responsáveis pela inação na mudança e na melhoria desses contextos. Estamos convictos que esta pesquisa pode contribuir para a busca de mudança de paradigma uma vez que ela se foca na reflexão de egressos sobre do conhecimento em torno de práticas inclusivas sobre as temáticas, no campo acadêmico e desenvolvimento profissional (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021).

O conhecimento das enunciações dos participantes da investigação, egressos do curso de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade da Madeira e egressos dos cursos de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, permitiu conhecer como as temáticas de gênero e da diversidade sexual foram abordadas na formação docente, de forma comparada.

A partir da análise dos resultados, percebemos que os motivos pelos quais os participantes da pesquisa consideram importante participar das/em iniciativas de inclusão de gênero e da diversidade sexual no meio acadêmico foi percebida a partir do fenómeno da promoção da inclusão enquanto direito e garantia dos cidadãos, na qualidade de vida e bem-estar social. Também, evidenciaram que a inclusão das temáticas no contexto acadêmico colabora com o processo de desaprendizagem de conceções de gênero e sexualidades mais tradicionais e potencializar formas inovadoras de educar para a diversidade.

Ao refletir acerca da participação dos egressos em ações sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico, verificamos dois fenômenos centrais a partir de iniciativas livres e as ações estruturadas inclusão das discussões de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico. Sobre a subcategoria que reúne os motivos pelos quais os egressos não participaram em iniciativas de inclusão de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico, agrupamos os fenômenos: dificuldade em promover ações, motivos pessoais e inexistência de eventos e/ou outras ações.

Ao analisar as sugestões de iniciativas futuras sobre a inclusão de gênero e diversidade sexual para além do meio acadêmico, concluímos que os participantes sugerem referências a iniciativas a desenvolver num tempo imediato, médio alcance e longo alcance.

Por fim, as argumentações analisadas dos egressos evidenciam diferenças entre a formação dada pela UMa e UFS no que se refere a inclusão das discussões de gênero e diversidade sexual no meio acadêmico, apesar de identificar também diferencias entre essas práticas no curso do campus de Itabaiana e em São Cristóvão. Consideramos ser cedo para emitir opiniões precisas quanto a essa questão, mas esperamos que ao concluir a análise de todas as categorias da investigação, seja possível ensaiar problematizações acerca dessas diferenças. Uma vez que os discursos sobre gênero dos egressos não são estáveis e que variam em função dos contextos (PEREIRA, 2012). Assim, nossa expectativa é possibilidades de identificação de grandes linhas de tendência, em que a compreensão e a explicação se entrecruzam (STAKE, 2009) possibilitando ainda significâncias dos seus discursos.

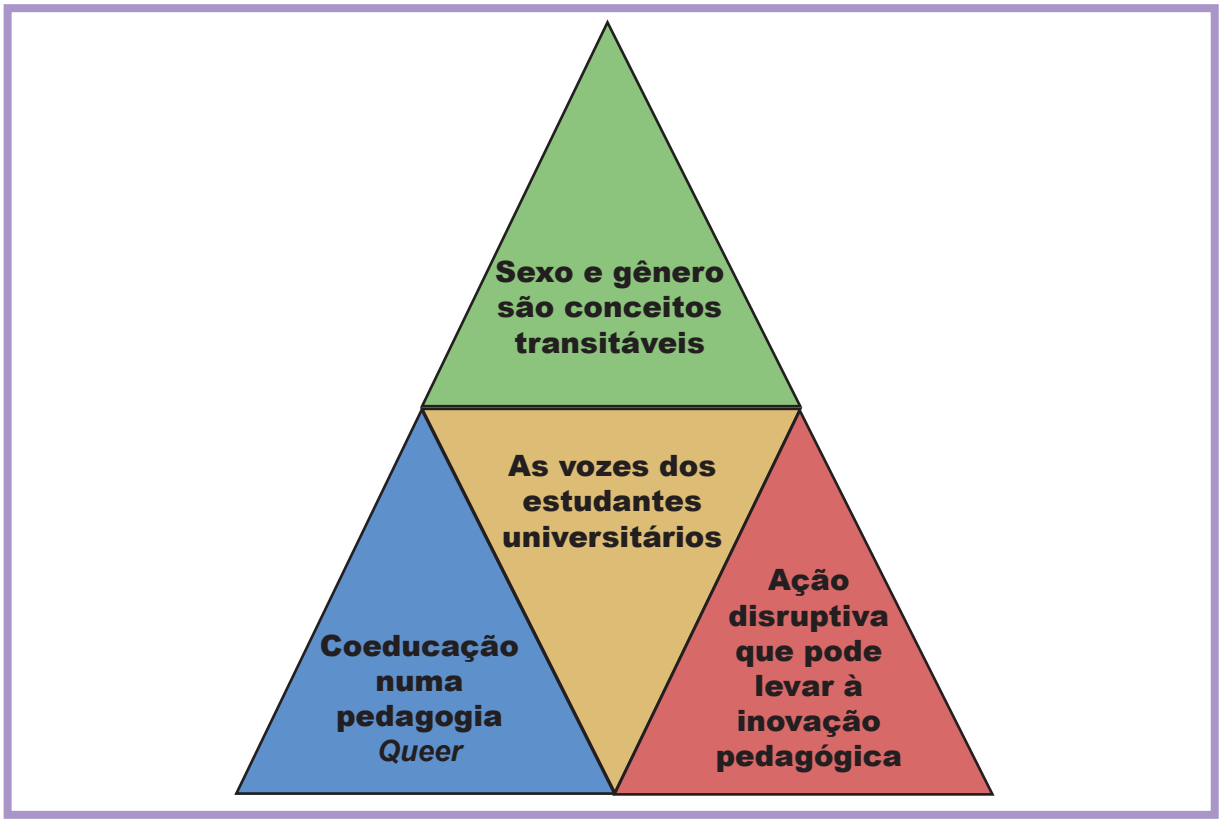
A existência ao nível regulamentar, orgânico e pedagógico de medidas promotoras de culturas inclusivas na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira permite também a discussão comparada de políticas educativas inclusivas sobre o respeito pela vivência e expressões de gênero e sexualidades, bem como uma compreensão ampla das duas sociedades - Brasil e Portugal – historicamente próximas (BRAZÃO; OLIVEIRA; DIAS, 2021).

Na continuidade deste estudo

Na continuidade desta pesquisa pretendemos explicitar as ações práticas e outras medidas regulamentares ao nível pedagógico e ou organizacional que promovem culturas inclusivas nos dois contextos estudados; identificar os fatores contributivos da coeducação, concorrentes de um novo paradigma educacional para as práticas pedagógicas inclusivas; discutir de forma comparada as políticas educativas inclusivas sobre o respeito pela vivência e expressão natural da sexualidade e do gênero, no Brasil e em Portugal.

Centramos a continuidade deste trabalho na seguinte formulação do problema, conforme a Figura 13 abaixo:

FIGURA 13 - A construção do problema.



Fonte - Elaborado pelos autores (2021).

Olhar para a agência dos estudantes, para a sua comparticipação coeducativa é focar nos atores que podem promover a desconstrução da cultura vigente, com vista à introdução de novos elementos culturais para a praxis nas questões de sexo e gênero na academia, ou seja, uma *práxis* feminista.

Os elementos considerados novos dessa desconstrução não constituem acréscimo ao paradigma estabelecido, mas um avanço sobre novas reorganizações concetuais e praxiológicas (KUHN, 2016).

Ao discutir e trabalhar identidades e subjetividades em contexto, buscaremos a ocorrência de inovação pedagógica, entendida deste modo como a ação com vista ao empoderamento social inclusivo, focalizada na transformação da cultura da escola (BRAZÃO, 2008).

Na continuidade do estudo, pretendemos apurar as questões: Quais as práticas dos estudantes universitários sobre a diversidade sexo e gênero, indiciadoras de coeducação e de inovação pedagógica? Qual papel esses atores dizem desempenhar na coconstrução de contextos sociais inclusivos? Que ações e outras medidas regulamentares ao nível pedagógico e ou organizacional que promovem culturas inclusivas sobre a diversidade sexual e de gênero, foram já desencadeadas na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira? Que comparação poderemos fazer sobre as enunciações dos ex-estudantes universitários dos dois contextos estudados? Quais são os fatores contributivos da coeducação, concorrentes de um novo paradigma educacional para as práticas pedagógicas inclusivas acerca da diversidade sexual e de gênero? Que políticas educativas inclusivas sobre o respeito pela vivência e expressão natural da sexualidade e do gênero, existem no Brasil e em Portugal?

Para conhecer as condutas pró-ativas dos estudantes acerca do respeito pela diversidade sexual e de gênero, nos contextos acadêmicos, teremos: a descrição da planificação do trabalho, dos referenciais teóricos revisitados, das opções metodológicas para o levantamento dos dados e seu tratamento. Será elaborado um guia de entrevista semiestruturada a ser aplicada aos estudantes da que já desenvolvem ações e outras medidas contributivas para a inclusão da diversidade e inclusão sexual e de gênero no meio acadêmico. Os dados de caráter qualitativo serão alvo de uma análise de conteúdo segundo Bardin (1997), com a transcrição das justificações dos estudantes, a construção das categorias de análise, em tabelas, indicando a unidades de significação semântica (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para discutir políticas educativas inclusivas do respeito pela vivência e expressão da sexualidade e do gênero procederemos a uma revisão teórico-conceitual da bibliografia selecionada bem como uma seleção da literatura sobre as medidas regulamentares e pedagógicas nas duas instituições educativas, e ainda uma revisão documental dos normativos oficiais reguladores. A nossa atenção estará centrada na triangulação teórica da infografia de síntese da documentação legal especializada sobre políticas públicas favorecedoras da inclusão da diversidade sexual e de gênero, no Brasil[7] e em Portugal [8].

Para identificar os fatores contributivos da coeducação, concorrentes de um novo paradigma educacional sobre as práticas pedagógicas, centraremos a atenção na triangulação dos dados sobre a ações referenciadas pelos estudantes e ex-estudantes inquiridos com a infografia de síntese sobre diversidade sexual e de gênero e a sua inclusão (ARAÚJO; BARRETO; PEREIRA, 2009; DIAS, 2013a; DIAS, 2013b; DIAS, 2014; LOURO, 1997; 2000; 2004; 2010a; 2010b; MISKOLCI, 2009a; 2009b; 2012; RIOS; CARDOSO; DIAS, 2018; RIOS; DIAS; BRAZÃO, 2019; SOUZA, 2014), bem como dos contributos teóricos e conceituais da coeducação e da inovação pedagógica, numa perspetiva disruptiva (BRAZÃO, 2008; DIAS; MENEZES, 2017; DIAS, 2017).

A entrevista etnográfica enquadra-se na metodologia etnográfica e será utilizada para obter elementos complementares, diretamente observáveis pelo pesquisador, sobre as ações dos estudantes, para complementar com as suas descrições e modos de interiorização das suas práticas (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Estas entrevistas etnográficas individuais desenvolverão-se ao redor da visão subjetiva dos sujeitos entrevistados e por isso na análise dos seus discursos utilizamos categorias que foram emergindo desse ponto de vista relatado. As informações serão posteriormente cruzadas com outras fontes de recolha como regulamentos, programas e outros textos sobre essa realidade (VIEIRA; VIEIRA, 2018). Obter-se-á com isto uma reflexividade ampliada sobre as ações de coeducação e inclusão da diversidade sexual e de gênero.

O debate de questões sobre a diversidade sexual e de gênero são muito atuais nos movimentos sociais. Contudo, no campo da Educação existem invariantes culturais presentes nos ambientes escolares e acadêmicos, responsáveis

7 - BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos: apresentação dos temas transversais, 1998.

8 - Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030.

pela inação na mudança e na melhoria desses contextos. Por essa razão os estudos na especialidade da inovação pedagógica, assumidamente numa perspetiva disruptiva realçam a importância dos aspetos culturais que corroboram nas lógicas paradigmáticas que impedem a mudança.

Estamos convictos que esta pesquisa contribui para a busca de mudança de paradigma uma vez que ela se foca na ação dos estudantes, os agentes primordiais dessa mudança e a partir daí enfatiza a coconstrução do conhecimento em torno de práticas inclusivas sobre a diversidade sexual e de gênero.

A identificação dos fatores contributivos de coeducação faz pensar num novo paradigma educacional para as práticas pedagógicas inclusivas. A agência dos ex-estudantes consolida a discussão teórica no campo da inovação pedagógica quando se trata de empoderamento.

A existência ao nível regulamentar, orgânico e pedagógico de medidas promotoras de culturas inclusivas na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira permite também a discussão comparada de políticas educativas inclusivas sobre o respeito pela vivência e expressão natural da sexualidade e do gênero, bem como uma compreensão ampla das duas sociedades - Brasil e Portugal.

Referências

ALMEIDA, M. V. O corpo na teoria antropológica. **Rev. de Comunicação e Linguagem**, n. 33, p. 49-66, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1884397/mod_resource/content/1/o-corpo-na-teoria-antropologica.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

ALMEIDA, W. R. A. Uniforme escolar e uniformização dos corpos. **Revista Tempos e Espaços em Educaçã**o, v. 10, n. 22, p. 9-22, 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6134. Acesso em: 17 jan. 2022.

ARAÚJO, L.; BARRETO, A.; PEREIRA, M. (org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: SPM, 2009. Disponível em: https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf. Acesso em: 05 nov. 2021

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BOGDAN, R.; BIKLEN S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994

BOGDAN, R.; BIKLEN S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 2017.

BOGOSSIAN, T. “Já pensou Pedro com um cabelão de Maria Chiquinha! Não combina, né?!” Geografia e gênero na educação infantil. **Revista Tempos e Espaços em Educação**,v. 7, n. 12, p. 169-186, 2014. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2963. Acesso em: 18 fev. 2022.

BRAZÃO, J. P. G. **Weblogs, aprendizagem e cultura da escola**: Um estudo no 1º ciclo do Ensino Básico. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade da Madeira, Portugal, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.13/127. 20 abr. 2022.

BRAZÃO, J. P. G. Infografia do projeto VEUDSG, Infografia do projeto VEUDSG, Vozes dos estudantes universitários sobre a diversidade sexual e de gênero, sua relação com a coeducação e com a inovação pedagógica: um estudo comparativo na Universidade da Madeira (Portugal) e na Universidade Federal de Sergipe (Brasil). , 2021. Disponível em: https://bra.in/7vA6Q3. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRAZÃO, J. P. G.; DIAS, A. F. Relações de género e do corpo na Escola: Diretivas promotoras de culturas inclusivas para as práticas pedagógicas. **Revista Cocar**, v. 14, n. 29, p. 61-72, maio/ago. 2020. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3347. Acesso em: 03 maio 2022.

BRAZÃO, J. P. G.; DIAS, A. F. Afirmações dos estudantes sobre gênero: Um estudo comparativo na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. 4, p. 2295-2312, 2021a. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15688. Acesso em: 07 mar. 2022.

BRAZÃO, J. P. G.; DIAS, A. F. O que dizem os estudantes sobre gênero não-inário: Um estudo comparativo na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira. **Revista on line de Gestão e Política Educacional**, v. 25, n. 3, p. 2886-2909, 2021b. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/15680. Acesso em: 24 out. 2021.

BRAZÃO, J. P. G.; OLIVEIRA, A. L.; DIAS, A. F. University students' voices on sexual and gender diversity, their relationship with coeducation and pedagogical innovation: A comparative study at the University of Madeira (Portugal) and the Federal University of Sergipe (Brazil). **Journal of Research and Knowledge Spreading, v. 2**, n. 1, e12445, 2021. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/12445/8590. Acesso em: 12 set. 2021.

BUTLER, J. **Gender Troubl**e: Feminism and the Subversion of Identity. 1. ed. Abingdon: Routledge, 1990.

BUTLER, J. Críticamente subversiva. *In*: JIMÉNEZ, R. M. M. (org.). **Sexualidades transgresoras:** Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de género**. Lisboa: Orfeu Negro Editora, 2017.

CANAL DAS BEE. **Identidade de gênero - Guia Básico #2 - Canal das Be**e. 1 video (4 min). Brasil: Canal das Bee, 2018a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BwY9ElZWKzg. Acesso em: 16 set. 2021.

CANAL DAS BEE. **Papel de gênero - Guia Básico #4 - Canal das Bee**. 1 video (3 min). Brasil: Canal das Bee, 2018b. Disponível em: https://youtu.be/fgRrmDkDS-CM. Acesso em: 16 set. 2021.

CANAL DAS BEE. **Gênero Não-binário - Guia Básico #7** - Canal das Bee. 1 video (4 min). Brasil: Canal das Bee, 2018c. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BwY9ElZWKzg. Acesso em: 16 set. 2021.

CANAL DAS BEE. **Orientação sexual - Guia Básico #3 - Canal das Bee**. 1 video (4 min). Brasil: Canal das Bee, 2018d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BwY9ElZWKzg. Acesso em: 16 set. 2021.

CANAL DAS BEE. **Transgênero, Transexual ou Travesti? - Guia Básico**. 1 video (7 min). Brasil: Canal das Bee, 2018e. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dRAoKqlXHeg. Acesso em: 16 set. 2021.

CANAL DAS BEE. **O que é Intersexo?! Guia Básico #12 - Canal das Bee**. 1 video (6 min). Brasil: Canal das Bee, 2018f. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2iWaWsiSnd4. Acesso em: 16 set. 2021.

CARDONA M. *et al*. **Guião de Educação. Género e Cidadani**a. 1º Ciclo do ensino básico. Lisboa : Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2011. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/guiao_educa_1ciclo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

CARDOSO, H. M. Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** v. 11, n. 1, p. 319-332, 2019. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/9652. Acesso em: 10 jun. 2022.

CARDOSO, H. M.; DIAS, A. F. Representações sobre corpo, gênero e sexualidades de estudantes das licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju. **Práxis Educacional**, v. 13, n. 24, p. 76-94, out. 2016. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/930. Acesso em: 18 abr. 2020.

CARDOSO, H. M.; DIAS, A. F. Trans* subjectivities in the higher education curriculum. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12305, 2021. Disponível: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/12305. Acesso: 12 nov. 2021.

CARDOSO, H. M.; RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F. Professors‘ representations on gender and sexualities in higher education. **Revista Cocar**, v. 13, n. 26, p. 13-32, maio/ago. 2019. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2496. Acesso em: 18 ago. 2021.

CARDOSO, J. M.; SOARES, A. S.; LIMA, C. H. L. A Subversão do Gênero e o Gênero da Subversão. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 03, n. 04, out./dez. 2017. Disponível: https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv. Acesso em: 10 fev. 2021.

CARDOSO, L. R.; BERTOLDO, T. A. T.; SANTOS, L. B. A. Gênero e sexualidade na formação docente: Um mapeamento das pesquisas entre Norte e Nordeste. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 24, n. esp. 3, p. 1743-1764, 2020. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14092. Acesso em: 24 set. 2021.

CARVALHO, M. E. P. *et al*. Origins and challenges of gender studies centers in higher education in NorthERN and Northeastern Brazil. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 21, p. 163-176, 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6340. Acesso em: 20 fev. 2021.

CARVALHO, M. E. P. *et al.* Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: Inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

CIRQUEIRA, N. S.; SANTANA, J. V. J.; PEREIRA, R. S. Formação docente e as relações de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 45, p. 1-19, 2021. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8348. Acesso em: 12 out. 2020.

COUTO, A. S.; CRUZ, M. H. S. Inserção de gênero no currículo de História e a formação para o trabalho docente. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 249-262, 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6764. Acesso em: 16 out. 2021.

CRUZ, M. H. S. A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 11, p. 15-28, 2014. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2949. Acesso em: 17 fev. 2021.

DAL'IGNA, M. C.; SCHERER, R. P.; CRUZ, É. Gênero, sexualidade e formação de professores: uma análise a partir da produção acadêmica da ANPED. **Revista Inter Ação**, v. 42, n. 3, p. 632–655, 2017. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/48941. Acesso em: 15 maio 2021.

DIAS, A. F. Educando corpos, produzindo diferenças: um debate sobre gênero nas práticas pedagógicas. **Revista Tomo**, n. 23, p. 237-258, jul./dez. 2013a. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/2111. Acesso em: 10 jun. 2020.

DIAS, A. F. **Identidade e relações de género sobre múltiplos olhare**s. São Paulo: Baraúna Editora, 2013b.

DIAS, A. F. **Representações sociais de gênero no trabalho docente:** sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

DIAS, A. F. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 103-112, jan./abr. 2014. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2958. Acesso em: 02 abr. 2021.

DIAS, A. F. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar?. **Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 37-48, set./dez. 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7443. Acesso em: 12 jun. 2021.

DIAS, A. F. Escrevivências trans* como potência. **Revista da FAEEBA**, v. 29, n. 59, p. 293-308, 2020. https://uneb.br/index.php/faeeba/article/view/9932. Acesso em: 25 nov. 2021.

DIAS, A. F. et al. Schooling and subversions of gender. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 10, n. 22, p. 83-92, 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6433. Acesso em: 10 nov. 2020.

DIAS, A. F.; AMORIM, S. Body, gender and sexuality in teacher training: A meta-analysis. **Educar em Revista**, v. 0, n. 56, p. 193-206. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/jhQcnrTxhfNcDwNTZ9frhWJ/?lang=en. Acesso em: 02 ago. 2021.

DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. Iniciativas de promoção das discussões de gênero e diversidade sexual no contexto acadêmico: Um estudo comparativo. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9502. Acesso em: 17 set. 2021.

DIAS, A. F.; MENEZES, C. A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar? **Revista Tempos e Espaços em Educação,** v. 10, n. 23, p. 37-48, 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7443. Acesso em: 18 out. 2021.

DIAS, A. F.; SILVA, I. P.; RIOS, P. P. S. Os estudos de gênero em revistas científicas do FEPAE-NN: Uma revisão sistematizada**. Revista Exitus**, v. 10, n. 00, e020039, 2020. Disponível em: https://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1287. Acesso em: 17 jan. 2021.

DONATO, A.; TONELLI, L. A resistência do corpo. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** v. 12, n. 28, p. 49-62, 2019. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/10164. Acesso em: 20 abr. 2021.

FERREIRA, M. O. V.; CORONEL, M. Sobre a legitimação do campo do gênero na ANPEd. **Educação e Pesquisa**, v. 43, n. 3, p. 815-831, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/8Mp9BQmDgp3s4YG7QjrM8RS/abstract/?lang=pt. Acesso em: 17 mar. 2021.

FERREIRA, M. O. V. O campo do gênero na ANPEd: hipóteses em construção. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 37., 2015, Florianópolis. **Anais**[...]. Rio de Janeiro: ANPEd, 2015

FERREIRA, T. S. Modos de ver, sentir, e questionar: A presença do gênero e da sexualidade no curso de Pedagogia. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 36., 2013, Goiânia. **Anais**[...]. Rio de Janeiro: ANPEd, 2013.

FRANÇA, F. G. R.; FERRARI, A. Mais do que professores/as, professores/as homossexuais na escola. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 9, n. 20, p. 41-52, 2016. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/5894. Acesso em: 10 mar. 2020.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Pedagogia da corporeidade: o decifrar e o subjetivar na educação. **Revista Tempos e Espaços em Educaçã**o, v. 7, n. 13, p. 15-30, 2014. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3255. Acesso em: 28 abr. 2021.

GUARANY, A. L. A.; CARDOSO, L. R. Before the storm, the apparent calm: Gender and sexuality in the humanities teacher education curriculums at UFS. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12312, 2021. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/12312. Acesso em: 23 set. 2021.

GUARANY, A. L. A.; SANTOS, L. B. A.; CARDOSO, L. R. Gênero, sexualidade e currículo: mapeamento das pesquisas acadêmicas no Nordeste brasileiro. **Cadernos de Gênero e Diversidade,** v. 6, n. 4, p. 421-446, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37954. Acesso em: 25 ago. 2021.

IRIGARAY, L. "Is the Subject of Science Sexed?". **Cultural Critique**, n. 1, p. 73-88, 1985. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1354281. Acesso em: 04 nov. 2021.

JESUS, J. G. As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades. In: COLLING, L. **Dissidências sexuais e de gênero.** EDUFBA, 2016.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. Santa Maria: RS, 2016.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo:** Antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE BRETON, D. **La sociologie du corp**s. Paris: Puf, 2012.

LEMOS, P.; ANDRADE, A.; CARDOSO, B. Subvertendo gênero: O lugar da não-binaridade numa análise discursiva de "blogs". **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 314-326, 2020. Disponível em: https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3132. Acesso em: 08 dez. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. *In*: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000.

LOURO, G. L. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LOURO, G. L. Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, ano 9, n. 2, p. 541-552, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkT9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 fev. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho:** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

LOURO, G. L. Pedagogias de sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

MEDEIROS, M. S.; SANTOS, E. F. Education and work under the perspective of LGBTQIA+ students from the Federal Institute of Sergipe. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 1, n. 1, e11749, 2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/11749. Acesso em: 12 mar. 2021.

MENDONÇA, A. *et al*. Estereótipos de género entre os estudantes da formação de professores em educação infantil (0-10 anos): Estudo de caso na Universidade da Madeira. **Ensaios Pedagógicos**, v. 3, n. 3, p. 96-106, 2019. Disponível em: https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/151. Acesso em: 05 out. 2021.

MENEZES, C. A. A.; DIAS, A. F.; SANTOS, M. S. What pedagogical innovation does queer pedagogy propose to the school curriculum? **Práxis Educacional**, v. 16, n. 37, p. 241- 258, jan. 2020. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6168. Acesso em: 18 abr. 2020.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a questão das diferenças: Por uma analítica da normalilzação. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2009, Campinas. **Anais**[…]. Campinas: Unicamp, 2009a. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia**: O desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009b. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2021.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MORAIS, J. F. S.; BAIÃO, J. C.; FREITAS, C. J. Questões de gênero e sexualidade na escola: narrativas docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-15, 2020. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/11565. Acesso em: 10 nov. 2021.

MOREIRA, A. F.; SILVA JÚNIOR, P. M. Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 45-54, 4 abr. 2016. Disponivel em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/11565. Acesso em: 10 jun. 2021.

MOREIRA, N. R.; EVANGELISTA, N. J.; SANTOS, J. P. L. A experiência feminina negra e suas interrogações à política e prática curriculares. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 32, p. 115-131, 2019. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5046. Acesso em: 12 nov. 2021.

MORGADO, J. C. O professor como decisor curricular: De ortodoxo a cosmopolita. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 55-64, 2016. Disponivel em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4964. Acesso em: 17 ago. 2020.

NASCIMENTO, L. C. P. Eu não vou morrer. **Revista Inter-Legere**,v. 3, n. 28, c21581, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581. Acesso em: 14 maio 2021.

OAKLEY, A**. Sex, gender and society.** London: Maurice Temple Smith Ltd, 1972.

OLIVEIRA, A. L.; BRAZÃO, J. P. G.; DIAS, A. F. Dialogue about gender, sexuality and bodies in academic context: a possibility of pedagogical innovation? **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12484, 2021. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/12484. Acesso em: 17 fev. 2021.

PACHECO, J. A.; SOUSA, J. O (pós) crítico na Desconstrução Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 65-74, 2016. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4971. Acesso em: 26 out. 2020.

PALMEIRA, L. L. L.; DIAS, A. F. The importance of Teacher education in the face of the perspectives of diversity: in search of an egalitarian society. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n. 1, e12260, 2021. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/12260. Acesso em: 23 dez. 2021.

PEREIRA, M. M. **Fazendo o género no recreio**: A negociação do género em espaço escolar. Lisboa: ISC, 2012.

PEREIRA, M. M. **Fazendo o género no recreio**: A negociação do género em espaço escolar. Lisboa: ISC, 2017.

PINTO, É. J. S., CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** v.10, n. 22, p. 47-58, 2017. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6173. Acesso em: 16 out. 2021.

PIRES, M. A. **Gênero e sexualidade nos currículos de formação em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

PORTUGAL. **Resolução do Conselho de Ministros n. 61/2018, de 21 de maio de 2018**. Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 "Portugal + Igual", XXI Governo Constitucional. Portugal: Diário da República, 2018. Disponível em: https://dre.pt/application/file/a/115360102. Acesso em: 08 mar. 2020.

RIOS, P. P. S.; CARDOSO, H.; DIAS, A. F. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: Por um currículo Queer. **Educação & Formação**, v. 3, n. 8, p. 98-117, maio/ago. 2018. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/272. Acesso em: 14 mar. 2020.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F. "Nossa história de vida é construída a partir do nosso corpo": A produção do corpo viado na docência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1265–1283, 2020. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/issue/view/755. Acesso em: 15 set. 2021.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. "Lembro-me de querer andar durinho, como se diz que homem deve ser": A construção do corpo gay na escola. **Revista Exitus**, v. 9, n. 4, p. 775- 804, 2019. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1033. Acesso em: 17 fev. 2021.

RUDD, T.; GOODSON, I. F. Refraction as a Tool for Understanding Action and Educational Orthodoxy and Transgression. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 99-110, 2016. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4968. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, A. C.; FELDENS, D. G. Vozes do triunfo: Narrativas de si de professoras da educação básica. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 11, n. 1, p. 379-392, 2019. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/9666. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, É. S.; LAGE, A. C. Gênero e diversidade sexual na educação básica: Um olhar sobre o componente curricular Direitos Humanos e Cidadania da rede de ensino de Pernambuco. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 69-82, 2017. Disponível: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6042/pdf. Acesso em: 14 maio 2021.

SANTOS, M. H. S. R.; RIOS, J. A. V. P. Education and cultural differences: Boundary educational practices in basic education. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 14, n. 33, e13670, 2021. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/13670. Acesso em: 7 ago. 2021.

SANTOS, M. S. et al. Transsexuality and education: Analysis of knowledge production in education periodic of capes (2012-2016). **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 18537-18551, 2020.

SANTOS, M. S.; DIAS, A. F. Narrativas aquendadas: Políticas de negociação estabelecidas por uma estudante trans* no Ensino Superior. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 4, p. 136 – 158, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/43258. Acesso em: 11 abr. 2021.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educaçã**o, v. 11, n. 12, p. 45-56, 2014. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2951. Acesso em: 14 maio 2020.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.Tradução**: Christine Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1989.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667. Acesso em: 26 jan. 2021.

SCOTT, J. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/H5rJm7gXQR9zdTJPBf4qRTy/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

SENKEVICS, A.; POLIDORO, J. Corpo, gênero e ciência: Na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologi**a, v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revbiologia/article/view/108728. Acesso em: 5 set. 2021.

SILVA JUNIOR, P. M.; IVENICKI, A. Entre sexualidades, masculinidades e raça: Contribuições do multi/interculturalismo para a prática pedagógica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 29, p. 125-144, 2019. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/9326. Acesso em: 13 ago. 2020.

SILVA, I. P.; DIAS, A. F.; RIOS, P. P. S. Os estudos de Gênero na Revista Tempos e Espaços em Educação: Uma Revisão Sistematizada. **Educação & Formação**, v. 5, n. 14, p. 150–175, 2020. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2495. Acesso em: 11 out. 2021.

SILVA, T. O.; RIOS, P. P. S. Gender, sexual diversity and field education: “In rural communities many people do not understand and treat it as a disease”. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 1, n. 1, e11418, 2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/11418. Acesso em: 11 mar. 2021.

SOUZA, M. Diversidade de gênero e sexual e suas implicações na escola. *In*: DIAS, A. F. (org). **Formação de professores para uma educação não discriminadora.** Aracaju: Infograghics, 2014.

STAKE, R. **A arte da investigação com estudos de caso**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

ULJENS, M. Non-Affirmative Curriculum Theory in a Cosmopolitan Era? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 121-132, 2016. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4970. Acesso em: 20 mar. 2021.

VERGUEIRO, V.Despatologizar é descolonizar. In: GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS. **Nós Trans**: Escrivivências de resistência. Belo Horizonte: Litera Trans, 2017.

VIEIRA, R.; VIEIRA, A. Entrando no interior da escola: Etnografia e entrevistas etnográficas. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 26, p. 31-48, jan./abr. 2018. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/14641/pdf. Acesso em: 09 maio 2021.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, e75614, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/D5Mthwz5BKTkhX8JTwGjJbd/abstract/?lang=pt. Acesso em: maio 2021.

Apêndice

Capítulo - O que dizem os estudantes sobre gênero

QR code para acessar o conteúdo.
@Canal das Bee – Identidade de gênero - Guia Básico #2.



publicado em: https://youtu.be/BwY9ElZWKzg.

Capítulo - O que dizem os estudantes sobre papel de gênero

QR code para acessar o conteúdo.
@Canal das Bee – Papel de gênero - Guia Básico #4.



publicado em: https://youtu.be/fgRrmDkDSCM.

Capítulo - O que dizem os estudantes sobre gênero não-binário

QR code para acessar o conteúdo.
@Canal das Bee – Gênero Não-binário - Guia Básico #7.



publicado em: https://youtu.be/HwmWqtAyj2E.

Capítulo - O que dizem os estudantes sobre orientação sexual

QR code para acessar o conteúdo.
@Canal das Bee – Orientação sexual - Guia Básico #3.



publicado em: https://youtu.be/Hg4lPITZNyc.

Capítulo - O que dizem os estudantes sobre transsexual

QR code para acessar o conteúdo.
@Canal das Bee – Transgênero, Transexual ou Travesti? - Guia Básico.



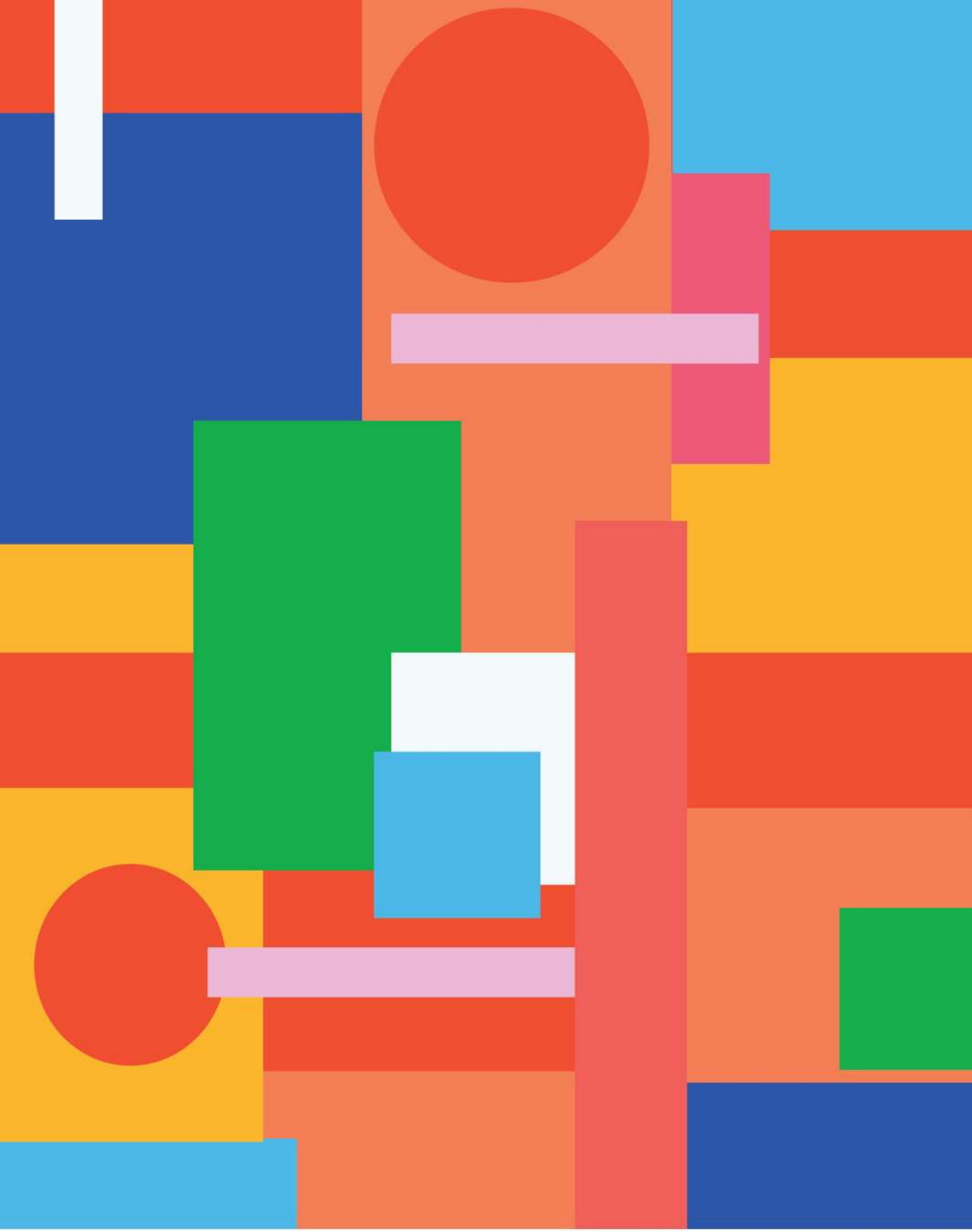
publicado em: https://youtu.be/dRAoKqlXHeg.

Capítulo - O que dizem os estudantes sobre intersexo

QR code para acessar o conteúdo.
@Canal das Bee – O que é Intersexo?! Guia Básico #12.



publicado em: https://youtu.be/2iWaWsiSnd4.



ISBN: 978-65-86839-07-4

DINTER
Programa de Doutorado Interinstitucional

Universidade Federal de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

UNIVERSIDADE da MADEIRA

EDITORA IBERO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO

9 786586 839074